

MISSANGAS

ESTUDOS EM LITERATURA E LINGUÍSTICA

ANO 5
NÚMERO 10
JUL - DEZ
2024



DOSSIÊ [Edição Especial]
A LITERATURA E SUAS NARRATIVAS
MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Reitora: Adriana Marmorì

Vice-Reitora: Dayse Lago

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS X

Diretor: Douglas de Assis Teles Santos

Programa de Pós-Graduação Mestrado em Letras: Literatura e Linguística.

Coordenadora: Crysna Bomjardim da Silva Carmo

Editor-Chefe

Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva (UNEB, Campus X)

Editores

Prof.ª Dr.ª Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB, Campus X)

Prof.ª Dr.ª Karina Lima Sales (UNEB, Campus X)

Prof. Dr. Volker Karl Lothar Jaeckel (UFMG)

Conselho Editorial Nacional

Prof.ª Dr.ª Adriana Santos Batista (UFBA)

Prof. Dr. André Rezende Benatti (UEMS)

Prof.ª Dr.ª Bruna Fontes Ferraz (CEFET-MG)

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze (UFGD)

Prof. Dr. Carlos Ribeiro (UFRB)

Prof.ª Dr.ª Crysna Bomjardim da Silva Carmo (UNEB/Campus X)

Prof. Dr. Décio Bessa (UNEB/Campus X)

Prof.ª Dr.ª Fabiana Carneiro da Silva (UFPB)

Prof. Dr. José Alonso Torres Freire (UFMS)

Prof. Dr. José Mario Botelho (FFP-UERJ, Brasil)

Prof.ª Dr.ª Lílian Lima Gonçalves dos Prazeres (UNEB/Campus X)

Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP)

Prof. Dr. Marcos Bagno (UNB)

Prof.ª. Dr.ª Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU)

Prof.ª Dr.ª Maria Isaura Rodrigues Pinto (UEMS)

Prof. Dr. Pedro Mota Perini-Santos (UFVJM)

Prof. Dr. Ricardo Nascimento Abreu (UFS)

Prof.ª. Dr.ª. Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS)

Prof. Dr. Urbano Cavalcante Filho (IFBA/UESC)

Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto (USP)

Prof. Dr. Wellington Furtado Ramos (UFMS)

Conselho Editorial Internacional

Prof. Dr. Alberto Bejarano (Instituto Caro y Cuervo), Bogotá, Colômbia.

Prof.ª Dr.ª Carla Maria Ataíde Maciel (UPM), Moçambique

Prof. Dr. Fabio Esposito (Universidad Nacional de La Plata), Argentina

Prof.ª Dr.ª Fabiola Cecere (Ca'Foscari – University of Venice), Itália

Prof. Dr. João Muteteca Naeuge (Universidade Lueji A'Nkonde), Dundo, Angola

Prof. Dr. Márcio Undolo (Universidade Lueji A'Nkonde), Angola

Prof. Dr. Marco Thomas Bosshard, Europa-Universität Flensburg, Alemanha

Prof.ª Dr.ª Maria Alexandra A. Guedes Pinto (Universidade do Porto), Portugal

Prof. Dr. Rolf Kailuweit (Heinrich Heine Universität Düsseldorf), Alemanha

Prof.ª Dr.ª Rosa Pérez Zancas (Universitat de Barcelona), Espanha

Prof.ª Dr.ª Vanessa Castagna (Ca'Foscari – University of Venice), Itália

PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS - PPGL – UNEB – Campus X

Setor de Publicações

Missangas: Estudos em Literatura e Linguística

<https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas>

Av. Kaikan, s/n, Bairro Kaikan Sul – Teixeira de Freitas, Bahia

CEP 45.992-255 - BRASIL

Tel. (73) 3263-8054/8055

MISSANGAS

ESTUDOS EM LITERATURA E LINGUÍSTICA



DOSSIÊ [Edição Especial]
A LITERATURA E SUAS NARRATIVAS
MODERNAS E CONTEMPORÂNEAS

Copyright ©

Todos os direitos reservados aos autores dos artigos. Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Editores	Prof. Dr. Celso Kallarrari de Souza Silva (UNEB, Campus X) Prof.ª Dr.ª Ivana Teixeira Figueiredo Gund (UNEB, Campus X) Prof.ª Dr.ª Karina Lima Sales (UNEB, Campus X) Prof. Dr. Volker Jaeckel (UFMG)
Organizadores	Prof.ª Dr.ª Aline Santos do Nascimento (UNEB, Campus X) Prof.ª Valci Vieira dos Santos (UNEB, Campus X)
Arte da Capa	Nicolle Vieira Afonso
Projeto Gráfico e Diagramação	Fernanda Oliveira

FICHA CATALOGRÁFICA BIBLIOTECAS UNEB

Missangas: estudos em literatura e linguística [Recurso eletrônico] / Literatura baiana e outras artes. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação. Campus X – Dossiê [Edição Especial], v. 5, n. 10 (jul./dez., 2024) – Teixeira de Freitas: UNEB, 2024–

ISSN 2763-5279 (eletrônico)

1. Literatura. 2. Linguística 3. Tema livre
I. Universidade do Estado da Bahia. II. PPGL III. Título.

Maura Icléa Cardoso de Castro CRB-5/708

CDD 800
CDU 82 + 81

Indexadores e base de banco de dados:



PROGRAMA DE MESTRADO EM LETRAS - PPGL - UNEB - Campus X
Setor de Publicações
Missangas: Estudos em Literatura e Linguística
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/missangas>
Av. Kaikan, s/n, Kaikan Sul - Teixeira de Freitas, Bahia
CEP 45.992-255 - BRASIL
Tel. (73) 3263-8054/8055

SUMÁRIO

7

APRESENTAÇÃO

Aline Santos de Brito Nascimento
Valci Vieira dos Santos

11

ARTIGOS

AS CONSEQUÊNCIAS DO REFÚGIO PARA AS CRIANÇAS DESACOMPANHADAS NO BRASIL

Natalia de Andrade dos Santos
Maria Luiza Silva Santos

32

A DIÁSPORA AFRICANA NA POESIA DE CRUZ E SOUSA

Valci Vieira dos Santos
Ana Cristina Comandulli da Cunha
João Victhor Alves da Silva

50

A PRESENÇA DA IRONIA COMO DADO INTEGRANTE DE DISCURSOS NARRATIVOS DE CONTOS BRASILEIROS

Juciene Silva de Sousa Nascimento
Andressa Dias Koehler

70

DESERÇÃO E RESISTÊNCIA DA IDENTIDADE NIGERIANA EM *O MUNDO SE DESPEDAÇA*, DE CHINUA ACHEBE

Aline Santos de Brito Nascimento
Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres



86

DIÁLOGOS INTERLÍNGUAS NA POÉTICA DE ALEXANDER SEARCH OU A “BUSCA” PESSOANA PELAS CONTÍNUAS POSSIBILIDADES DO EXISTIR

Manoel Barreto Júnior

100

MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NO PROJETO DE EXTENSÃO UATI/CEVITI

Cleideni Alves do Nascimento Acco

115

REFUNDAÇÃO DO TEMPO: A RELEVÂNCIA DA MEMÓRIA NA LÍRICA DE ADÉLIA PRADO

Wellington Santos Pires

Messias Nunes Correa

Celso Kallarrari

SESSÃO VÁRIA

135

A RELEVÂNCIA DO ENSINO DA VARIAÇÃO PROSÓDICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Valdete da Macena

Josinéa Amparo Rocha Cristal

Edenize Ponzo Peres



APRESENTAÇÃO

A Revista **Missangas: estudos em literatura e linguística**, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PPGL da Universidade do Estado da Bahia - UNEB (DEDC-X), ao divulgar produções de autores nacionais e internacionais sobre temas e problemas literários e linguísticos, tem como propósito acolher a pluralidade de diversos olhares sobre as múltiplas dimensões das ciências humanas em tempos e espaços variados, contribuindo para o debate científico neste momento de intensificação das relações internacionais no campo da produção acadêmica brasileira.

A Revista **Missangas** torna-se, portanto, um instrumento capaz de possibilitar – num mosaico de multiculturalidades – a construção de “nossos colares de contas amigadas”, aproximando e ligando mundos distintos pela via da publicação acadêmica, a fim de dar maior evidência às diferentes filiações teóricas e metodológicas de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que vêm desenvolvendo conhecimento nas linhas de investigação relacionadas à literatura e linguística presentes no Programa de Mestrado em Letras do *Campus X* da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e em outros Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu* no país.

Esta edição do dossiê intitulada de *A Literatura e suas narrativas modernas e contemporâneas: sujeitos migrantes, memórias, deslocamentos e diásporas culturais* tem por eixo transversal e estrutural a literatura sob a ótica das narrativas modernas e contemporâneas, com vistas a oportunizar espaços para reflexões que articulem a construção de textos literários e também outras modalidades textuais. Os estudos sobre migração, memórias, deslocamentos e diásporas culturais servem de fundamento para a configuração de narrativas que têm contribuído, historicamente,

para a compreensão de dimensões sociais, econômicas, políticas, ideológicas, linguísticas, literárias e ambientais no/do Tempo Presente. Tal multiplicidade de ideias, temáticas e estilos abriu espaços para várias perspectivas críticas e teóricas.

Em face, pois, desse amplo viés temático, foram submetidos, neste dossiê, textos nas áreas de Literatura, da Linguística e áreas afins, dos mais diversos pesquisadores de universidades do país: Universidade de São Paulo (USP/PPG-LETRAS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade do Estado da Bahia (UNEB/PPGL), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS/PPGEL), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMA/PPGL), Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC/PPGL) e Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

No texto que abre o dossiê já referenciado, intitulado “As consequências do refúgio para as crianças desacompanhadas no Brasil”, suas autoras, Natália de Andrade dos Santos e Maria Luíza Silva Santos, apresentam aos leitores reflexões que buscam entender as causas e os efeitos do deslocamento de crianças refugiadas desacompanhadas que vieram ao Brasil. Suas reflexões voltam-se, também, para a compreensão do papel do governo brasileiro e da adoção de políticas públicas, com vistas ao atendimento desse universo contingencial.

“A diáspora africana na poesia de Cruz e Sousa” constitui-se o segundo texto que dá seguimento às linhas de força propostas por este dossiê. Valci Vieira dos Santos, Ana Cristina Comandulli da Cunha e João Victhor Alves da Silva, seus autores, debruçam-se sobre o projeto literário do vate catarinense Cruz e Sousa, ao analisarem poemas que evidenciam experiências dos afrodescendentes na diáspora afro-brasileira, assim como as consequências do tráfico de escravos. Ressaltam, ainda, a relevância da cultura africana para a formação da sociedade brasileira, além de leituras acerca de questões alusivas à identidade, ao racismo, ao preconceito e à resistência, tão bem construídas através de versos do Dante Negro.

Juciene Silva de Sousa Nascimento e Andressa Dias Koehler são as autoras do terceiro artigo. “A presença da ironia como dado integrante de discursos narrativos de contos brasileiros” analisa a presença do elemento irônico em diferentes narrativas de autores da literatura brasileira. Assim, Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector e Guimarães Rosa formam uma pleiade de escritores que utilizam a ironia a fim de destacar as conversões de culturais, socioideológicas, paradigmáticas, dentre outras, que se fazem presentes ao longo do tempo.

O texto que se segue é de autoria de Aline Santos de Brito Nascimento e Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres, denominado de “Deserção e resistência da identidade nigeriana em *O mundo se despedaça*”, de Chinua Achebe. O objetivo de seus autores, ao tecê-lo, é compreender as marcas de resistência da identidade nigeriana. Ao fazê-lo, Aline Nascimento e Rafael dos Prazeres levantam questões interessantes acerca dos conceitos de colonialidade, eurocentrismo e reconhecimento, os quais consideram relevantes como motes para a compreensão da obra referenciada.

Manoel Barreto Júnior, em “Diálogos interlínguas na poética de Alexander Search ou a ‘busca’ pessoa pelas contínuas possibilidades do existir”, instiga seus leitores ao apresentar-lhes a dicção poética de Search, na condição de personalidade literária-germinal do poeta português Fernando Pessoa. Sua análise evidencia aspectos que demonstram intensas articulações metafísicas, especialmente em reconfigurações temáticas que circundam a angústia, a perda, o tempo, a finitude, entre outras questões de ordem ontológica, que, de algum modo, se apresentam como rasuras que traduzem a existência humana.

O artigo que dá sequência ao presente dossiê é assinado por Cleideni Alves do Nascimento Acco. “Memórias de experiências socioculturais vivenciadas no projeto de extensão UATI/CEVITI” apresenta uma análise de dados que se insere no contexto de uma pesquisa de doutorado de sua autora. Tal análise aponta como as experiências socioculturais envolvem as mais diversas expressões artísticas que podem exercer influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer de sua história de vida.

O texto intitulado “Refundação do tempo: a relevância da memória na lírica de Adélia Prado”, escrito por Wellington Santos Pires, Messias Nunes Correa e Celso Kallarrari, fecha a seção denominada de “Artigos”, primeira parte do dossiê. Os autores do artigo, em evidência, investigam, na produção poética de Adélia Prado, o entendimento da memória não como simples ato psicológico, mas como refundação do tempo, ou seja, como reordenação do lugar da pessoa nas temporalidades diversas nas quais se acha imersa. Destacam, ainda, que a criação poética de Prado não somente reflete, mas também auxilia o ser humano a elaborar a sua relação consigo, com a vida de outras pessoas, com suas próprias memórias e com os que os rodeiam.

Por fim, na seção intitulada “Vária”, o texto de Valdete da Macena, Josinéa Amparo Rocha Cristal e Edenize Ponzó Peres, que se chama “A relevância do ensino da variação prosódica no processo de aprendizagem da leitura no ensino fundamental”, destaca os elementos prosódicos e seu papel fundamental no processamento e na compreensão da leitura. Suas autoras investigam, outrossim, como se dá o ensino desses elementos nas escolas públicas, a partir do posicionamento de trinta alfabetizadoras, por intermédio de entrevista semiestruturada e observação *in loco*.

Agradecemos a todo(a)s o(a)s pesquisadore(a)s que contribuíram com este sexto número da Revista **Missangas**, aos pareceristas e revisores desta edição que, gentilmente, sempre têm colaborado conosco, aos nossos colegas e ao apoio constante da coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL (UNEB, Campus X), à direção acadêmica do DEDC-X, ao Programa de Apoio à Publicação de Periódicos associados aos Programas de *Stricto Sensu* da UNEB (PROEP-PÓS – Resolução CONSU nº 1.320/2018) da Pró-Reitoria de Pós-Graduação – PPG-UNEB e, finalmente, aos pesquisadores (discentes e docentes) das universidades parceiras,

por nos ajudar a fazer da **Missangas** um importante instrumento científico para a divulgação dos estudos literários e linguísticos.

Organizadores

Prof.^a Dr.^a Aline Santos de Brito Nascimento (UNEB, Campus X)

Prof. Dr. Valci Vieira dos Santos(UNEB, Campus X)

AS CONSEQUÊNCIAS DO REFÚGIO PARA AS CRIANÇAS DESACOMPANHADAS NO BRASIL

Natalia de Andrade dos Santos¹

Maria Luiza Silva Santos²

Resumo: O artigo em pauta apresenta um estudo que buscou entender as causas e os efeitos do deslocamento de crianças refugiadas desacompanhadas para o Brasil. Partindo desse pressuposto, foram utilizadas fundamentações teóricas a partir de livros, artigos, jornais, sobre menores migrantes desacompanhados (Martuscelli, 2017), migração (Ban Ki-Moon, 2013), e fase de pós-migração (Crowley, 2009), entre outros, para analisar as consequências enfrentadas por essas crianças no percurso e ao ingressar no território nacional. Ademais, buscou-se compreender o papel do governo brasileiro e suas frentes de atuação para esse contingente, bem como das organizações nacionais e internacionais para o acolhimento e interiorização desses menores.

Palavras-chave: Crianças desacompanhadas; Refúgio; Acolhimento.

Introdução

No ano de 2022, o mundo ultrapassou a marca de 100 milhões de pessoas em situação de deslocamento; desse quantitativo, 43,3 milhões são crianças que, em sua maioria, estão em movimento com algum responsável familiar, entretanto, existem diversos casos de crianças em deslocamento, sem a companhia de algum conhecido ou responsável, segundo o Conselho Estadual dos Direitos dos Refugiados, Migrantes e Apátridas do Paraná – CERMA (2022). Esse público demanda necessidades básicas e específicas quando chegam ao país hospedeiro, nesse sentido é essencial a proteção desse sujeito vulnerável com a atuação conjunta das políticas de direitos humanos fundamentais dos migrantes com a legislação local sobre os direitos da criança.

1 Graduada em Línguas Estrangeira aplicada a negociações internacionais na Universidade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus - BA.

2 Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Professora titular da Universidade Estadual de Santa Cruz em Ilhéus – BA. E-mail: maluss@uesc.br.

No Brasil, o quantitativo de crianças em deslocamento vem aumentando nos últimos anos, em sua grande maioria originário da crise que vive a Venezuela, mas também há altos índices de angolanos e cubanos, como fica apontado no relatório anual de 2023 do ObMigra em conjunto com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP). Com justificativas de crises climáticas, violência, fome e perseguição, esses deslocamentos se tornam a única saída para quem busca segurança. Na região das Américas, a crise migratória se destaca pela presença significativa de crianças desacompanhadas, frequentemente provenientes de nações onde foram diretamente expostas à violência ou abusos (ACNUR, 2014b). Casos de violência são apontados em estudos recentes das agências que buscam estender os fatores de maior risco nos deslocamentos.

Um estudo da *Sister of Mercy* (2014) concluiu que o fator primordial e decisivo para a migração dos menores é a violência em nível estatal e local, além da pobreza que aparece como um fator colaborador. Desde 2011, houve um aumento de 700% no número de crianças da Guatemala, de 930% entre os menores de El Salvador e de 1300% para os originários de Honduras que cruzaram as fronteiras entre México e EUA sem a presença de um adulto (Martuscelli, 2017, p. 84).

Crianças no processo de migração são as mais vulneráveis, elas podem viver situações traumáticas e que podem trazer sequelas para a vida toda. Já no caso das crianças desacompanhadas os danos são maiores, pois casos como tráfico de menores, tráfico de órgãos, abusos sexuais e trabalho escravo são mais propensos a acontecer, pela falta de alguém que seja responsável. Mas as crianças em situação de refúgio, constatado por lei, possuem direitos básicos a serem garantidos pelo estado, principalmente os direitos à saúde e educação. Segundo Ki-Moon,

A especificidade de políticas públicas que as desigualdades da condição de migrante ou de refugiado podem requerer permite que eventuais situações de vulnerabilidade precedentes à migração não se agravem por causa do fato migratório e que potencialidades dos sujeitos migrantes não sejam negadas nem fragilizadas. Tal visão permite que governos e comunidades locais façam com que a migração seja igualmente benéfica para os migrantes e para os países, pois a migração é e pode ser reconhecida pelas pessoas e pelos governos como um fator essencial para o desenvolvimento social e econômico equitativo, inclusivo e sustentável (Ban Ki-Moon, 2013, p. 136).

A crise migratória que afeta países mais desenvolvidos também pode ser explicada pelo envelhecimento da população dessas nações. Casos como a Europa, em que, segundo a Comissão Europeia, o envelhecimento da população já é uma preocupação das grandes nações, países como Portugal, Itália, Hungria e Grécia também enfrentam taxas negativas de crescimento e isso associado ao envelhecimento da população demonstra uma necessidade de mão de obra. Aspectos como esses podem ser melhorados com o processo migratório. Vale registrar, no entanto, como são vistas as crianças no processo migratório: “É mantida a ideia de que as

crianças não são sujeitos sociais, mas apêndices familiares, adultos incompletos ou seres humanos sem capacidade de formar opiniões sobre seu entorno” (Quecha Reyna, 2014, p. 46). Nesse contexto, ao dar a esse sujeito de direito o entendimento sobre sua situação, ele pode ter a possibilidade de alterar a narrativa da sua vida atrelada ao novo espaço.

As agências que também possuem sede no Brasil como ACNUR, OIM, UNICEF, órgãos governamentais e projetos como a Operação Acolhida e outros buscam a melhoria desse acolhimento e processo regulatório, entretanto os obstáculos são reais e ainda existem.

2 Contextualização

O termo migração corresponde à mobilidade espacial da população. Migrar é trocar de país, estado, região ou até de domicílio. As migrações sempre foram algo constante na história da humanidade, entretanto com fluxos variáveis, e quando se analisa locais específicos ainda podem ocorrer distinções, principalmente em razões dos conflitos ou situações que levam essas pessoas a migrarem de seus países. Além disso, vale salientar que migrar é um direito, pois segundo a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948:

Art. 13º, I: Todo o ser humano tem direito à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado.

II: Todo o ser humano tem direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar. Art. 14º, I: Todo o ser humano vítima de perseguição tem o direito de procurar e de gozar asilo em outros países [...] (Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948).

A América Latina é um continente marcado por diversas instabilidades políticas e conflitos, tornando-se assim um local propício a deslocamento humano forçado. Atualmente o Brasil tem sido um dos principais destinos para muitos refugiados do continente, como um dos países mais prósperos da região, levando em conta que o país tem uma das economias mais estáveis em relação aos vizinhos e mais desenvolvida. Tornou-se assim ou país de passagem ou o sonho de muitos refugiados para a melhoria de vida.

Segundo o relatório “Refúgio em Números 2023”, do OBMigra, plataforma do Ministério da Justiça, o Brasil recebeu em 2022 o total de 50.355 solicitações de reconhecimento na condição de refugiado; desse quantitativo, 33.753 eram solicitações de venezuelanos, o que corresponde a 67,0% das solicitações. A crise econômica na Venezuela tem tornado o Brasil o sonho para muitos venezuelanos que buscam uma saída para as situações que vivem no seu país de origem. Também segundo o relatório, o maior grupo de pessoas solicitantes venezuelanas tinha menos de 15 anos de idade, 12.444, isso se fizemos a comparação por grupo que se distinguem entre homens, mulheres e menores de 15 anos.

Conforme foi examinado por Oliveira e Tonhati (2022), tem havido a ocorrência de uma feminização e um aumento no contingente de crianças e jovens nos fluxos migratórios para o Brasil. Com base nos autores, esses fenômenos começaram a se manifestar de maneira significativa a partir de 2015 e têm se consolidado nos últimos anos, resultando em um aumento no ingresso de mulheres, crianças e adolescentes através das fronteiras nacionais. Os dados evidenciam que a migração venezuelana tem desempenhado um papel crucial na configuração dessas novas dinâmicas sociais das migrações no país. Segundo o relatório do Human Right Watch,

Os venezuelanos têm deixado o seu país por diferentes motivos. A grave escassez de medicamentos, suprimentos médicos e alimentos torna extremamente difícil para muitas famílias ter acesso a cuidados básicos de saúde e garantir a alimentação de seus filhos. Uma repressão implacável do governo tem resultado em milhares de detenções arbitrárias, centenas de casos de civis julgados por tribunais militares, casos de tortura e outras violações contra pessoas detidas. Prisões arbitrárias e abusos por parte das forças de segurança, inclusive pelos serviços de inteligência, continuam. As taxas extremamente altas de crimes violentos e a hiperinflação também são fatores centrais na decisão de muitas pessoas de deixar o país (Humans Right Watch, 2018, p. 1).

As crianças desacompanhadas em deslocamento é um dos panoramas mais graves quando se analisa situações de refúgio, pois estão particularmente mais expostas a riscos, violações de direitos e diferentes formas de violência, tanto durante o percurso migratório, quanto no país de origem e país de destino. Em adição elas estão mais propensas a diferentes tipos de emergências humanitárias, em virtude de enchentes, deslizamentos, instabilidades político-institucionais e conflitos armados durante o trajeto.

Crianças e adolescentes se deslocam por diversas razões, como a busca por oportunidades de renda, acesso à educação ou reunião familiar. Em muitos casos, esse deslocamento ocorre como uma forma de escapar de situações violentas em seus locais de residência habituais, abrangendo violência física, psicológica e sexual. Atualmente, há uma carência global de dados desagregados por gênero e idade em relação a crianças e adolescentes que estão desacompanhados ou separados. No Brasil, a Defensoria Pública da União (DPU) coleta informações sobre o perfil migratório de crianças e adolescentes venezuelanos com base nos atendimentos em Pacaraima/RR.

Quanto à identificação da criança desacompanhada, a Resolução Conjunta nº 1 do CONARE estipula que esse processo deve ser realizado prontamente, utilizando uma linguagem compatível e adequada para a idade da criança. A identificação deve ser conduzida pela autoridade de fronteira, conforme o procedimento descrito no artigo 9º da mencionada Resolução, que dispõe:

Art. 9º A autoridade de fronteira, no momento do controle migratório, que recebe a criança ou adolescente com indícios de estar desacompanhado ou separado, deverá: I - registrar a ocorrência; II - realizar identificação biográfica preliminar que compreenderá o nome, gênero, data de nascimento, filiação e nacionalidade, extraídos dos documentos que a criança ou adolescente porte ou mediante declaração; III - realizar a identificação biométrica para fins de consulta a órgãos internacionais de investigação criminal e a banco de dados visando localização dos responsáveis legais; IV - proceder ao registro de entrada no controle migratório; V - notificar a Defensoria Pública da União; VI - notificar representação do Conselho Tutelar para adoção das medidas protetivas cabíveis; e VII - notificar o Juízo e a Promotoria da Infância e Juventude (Resolução Conjunta nº 1, art. 9º, 2017).

Um estudo realizado pelo UNICEF destaca uma crescente tendência no aumento do número de crianças e adolescentes que se deslocam sozinhos, encontram-se separados ou estão em situação de falta de documentação durante deslocamentos. Essas movimentações ocorrem frequentemente em rotas migratórias perigosas, sendo que, em alguns casos, essas crianças e adolescentes não são identificadas por autoridades nacionais e outras entidades nas fronteiras e nos territórios, devido a uma variedade de razões. Isso pode acontecer quando viajam de maneira clandestina com outras famílias ou grupos, estão envolvidas em uniões matrimoniais precoces, se identificam falsamente como maiores de 18 anos, optam por rotas sem controle migratório ou são vítimas de tráfico de pessoas, entre outras circunstâncias.

Segundo o “Guia para a Proteção de Crianças e Adolescentes Desacompanhadas/os, Separadas/os e Indocumentadas/os no Brasil” (2023), crianças e adolescentes desacompanhadas/os são aquelas/es que foram separadas de ambos os pais e outros familiares e não estão sendo cuidados por um adulto que, por lei ou costume, é responsável por este cuidado, e segundo o “Estatuto da Criança e do Adolescente”, considera-se criança a pessoa até 12 (doze) anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre 12 (doze) e 18 (dezoito) anos de idade, entretanto no Brasil, nas situações de refúgio, crianças e adolescentes estão englobados nos mesmos aspectos, pois são vistos como menores de idade. Tal situação é objeto de proteção pelo art. 1º, da Resolução CONANDA nº 232, de 28 de dezembro de 2022, onde determina:

Art. 1º As disposições desta resolução aplicam-se à criança e adolescente fora do seu país de origem, que se encontrem desacompanhado, separado ou indocumentado em todo território nacional. § 1º Para os fins desta Resolução, considera-se: I - Criança ou adolescente desacompanhado aquele que: está separado de ambos os genitores de outros parentes, e não está aos cuidados de um adulto legalmente responsável.

Ainda no âmbito de crianças refugiadas, existem casos de crianças indocumentadas, que são aquelas que tentam ingressar no país sem alguma documentação válida que comprove sua identidade ou filiação, seja acompanhada, separada ou

desacompanhada. Isso impossibilita a verificação de laços familiares, bem como informações básicas como data e local de nascimento. Essa falta de documentação pode demonstrar, como possíveis casos de tráfico de pessoas e adoções ilegais, o que demonstra a necessidade de uma abordagem específica. Mesmo em casos como esse, a criança que ingressa no país sem documentos do país de origem possui os direitos garantidos.

Essas crianças estão ainda mais expostas a situações como a do tráfico e adoção ilegal, pois, nesses casos de vulnerabilidade, tende-se a entender que qualquer pessoa pode ser um representante maior desse menor. Casos de sequestros, venda e tráfico de menores, são mais rotineiros em crianças desacompanhadas ou indocumentadas, causando assim efeitos devastadores na vida dessas crianças.

3 Princípios Norteadores

Existem alguns princípios norteadores para o recebimento de crianças refugiadas, esses princípios visam a integridade e o melhor tratamento. Nesse sentido todas essas crianças possuem direito a proteção e cuidados sob uma ampla gama de instrumentos internacionais, regionais e nacionais. De particular relevância para crianças separadas, desacompanhadas e indocumentadas, esses direitos incluem direito a um nome, identidade legal e registro de nascimento; direito à proteção física e legal; direito de não ser separada de seus pais ou responsáveis legais; direito à reunião familiar; direito a provisões para sua subsistência básica; direito a cuidados e assistência adequados à sua idade e necessidades de desenvolvimento; direito à educação básica; direito aos serviços de saúde; direito de participar nas decisões sobre seu futuro; direito à prioridade na tramitação dos processos judiciais. Segundo o guia para proteção de crianças e adolescentes desacompanhadas/os, separados/os e indocumentadas/os no Brasil lançado pela Unicef e pela Aldeias Infantis SOS em 2023, existem alguns princípios que, no caso de crianças desacompanhadas, são primordiais.

O melhor interesse da criança é um dos princípios fundamentais que guia as decisões e ações destinadas a apoiar e proteger os direitos e o melhor interesse da criança. Isso se aplica tanto às iniciativas realizadas por organizações nacionais ou internacionais, quanto às decisões de tribunais, agentes públicos ou órgãos legislativos governamentais. A opinião da criança é levada em consideração, levando em conta sua idade, etapa de desenvolvimento e maturidade. Ela deve ser informada, no seu idioma, sobre seus direitos, e todos os planos que estão sendo feitos para ela, incluindo abrigo, cuidados e reunificação familiar. Essa criança tem direito a um tratamento individualizado, seguro, sensível a idade, identidade de gênero, orientação sexual, deficiência, diversidades religiosas e culturais, tendo como foco principal o princípio da igualdade, evitando o risco de qualquer violação à integridade física e psicológica da criança, respeitando, portanto, sua dignidade humana.

O princípio da unidade familiar é previsto na “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, estabelecendo que todas as crianças e adolescentes têm direito a uma família e que as famílias têm o direito de cuidar de seus filhos. No Brasil esse princípio também é garantido pela *Constituição Federal* (1988), em seu artigo quinto, que determina algumas das obrigações do Governo Federal para assegurar direitos a esse público. Está previsto que é

Dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988).

Nesse caso se torna essencial garantir que crianças e adolescentes desacompanhados, separados ou indocumentados recebam de forma rápida o atendimento e os serviços apropriados, visando reuni-los com seus pais, cuidadores legais ou costumeiros, sempre que for do seu melhor interesse.

Sobre a possibilidade de devolução ao país dessas crianças, a “Convenção Americana Sobre Direitos Humanos”, também conhecida como “Pacto de San José de 1969”, promulgada no Brasil pelo Decreto n. 678/1992, determina em seu art. 22 que:

Em nenhum caso o estrangeiro pode ser expulso ou entregue a outro país, seja ou não de origem, onde seu direito à vida ou à liberdade pessoal esteja em risco de violação por causa da sua raça, nacionalidade, religião, condição social ou de suas opiniões políticas (Convenção Americana sobre Direitos Humanos).

Nesse sentido é também importante falar da “Declaração Universal dos Direitos Humanos”, onde é estipulado que nenhum dos Estados contratantes, caso do Brasil, pode expulsar ou devolver um refugiado, nas fronteiras dos territórios onde sua vida ou sua liberdade estejam em perigo. O princípio da não devolução aplicado a crianças migrantes abrange situações mais amplas, englobando riscos de violações graves dos direitos, tais como a falta de serviços adequados de alimentação e saúde. Também é importante ressaltar que o dever de receber essas pessoas em vulnerabilidade está no artigo três da “Convenção das Nações Unidas” contra a tortura e outros tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes (1984), onde diz:

Nenhum Estado-parte procederá à expulsão, devolução ou extradição de uma pessoa para outro Estado, quando houver razões substanciais para crer que a mesma corre perigo de ali ser submetida a tortura. A fim de determinar a existência de tais razões, as autoridades competentes levarão em conta todas as considerações pertinentes, inclusive, se for

o caso, a existência, no Estado em questão, de um quadro de violações sistemáticas, graves e maciças de direitos humanos.

Crianças nessa situação também são asseguradas pela Lei de Migração (Lei n. 13.445, de 24 de maio de 2017) na *Constituição Federal*, que publiciza esse princípio ao discorrer que “não se procederá à repatriação, à deportação ou à expulsão de nenhum indivíduo quando subsistirem razões para acreditar que a medida poderá colocar em risco a vida ou a integridade pessoal” (art. 62).

Outro princípio a ser observado é o da criminalização. Migrar nunca foi um crime, pois migrações forçadas são resultado de carências em países normalmente pobres, e aqueles que migram não podem ser responsabilizados ou discriminados por ansiar por uma melhoria de vida. Nesse sentido o princípio da não criminalização da migração é claro quando, segundo as diretrizes do Alto Comissariado de Direitos Humanos das Nações Unidas (ACNUR), diz que:

Embora os Estados tenham a prerrogativa soberana de governar sobre as condições de entrada e permanência em seu território, eles devem sempre o fazer com respeito às suas obrigações em matéria de direitos humanos. A criminalização da migração não se mostrou capaz de impedir ou resolver situações irregulares e é uma prática preocupante que leva a uma série de violações dos direitos humanos. A criminalização de pessoas com base em sua situação migratória também reforça as narrativas falsas e xenófobas de que os migrantes são criminosos ou que a própria migração é uma ameaça (The criminalisation of irregular migration, p. 1).

Infelizmente temos assistido ao contrário da legislação quando as divulgações preconizam ou caracterizam os migrantes como invasores, usurpadores de espaços, criminosos, quando na realidade não tiveram opção.

4 Sobre o deslocamento

O Brasil é um país aberto ao refúgio, com leis próprias e signatárias de tratados internacionais que garantem às crianças refugiadas desacompanhadas direitos básicos e proteção nacional. Entretanto, essas leis ainda encontram falhas quando vão para o campo prático, pois, apesar de serem institucionalizadas, ainda ocorrem no âmbito funcional e prático encontrando lacunas e falta de políticas e serviços destinados a proteger estas crianças em movimento. Nesse sentido, as mesmas podem ficar sem quaisquer proteções ou cuidados.

A Lei 13.431/2017 foi uma conquista coletiva na proteção dos direitos das crianças e adolescentes e na prevenção de violências contra eles. A lei institui a prática da escuta especializada e do depoimento especial como padrão para o atendimento sensível desse grupo, rompendo com a visão centrada no adulto e valorizando crianças e adolescentes como titulares de direitos que merecem respeito em sua fase única de desenvolvimento, onde abrange sua proteção física, mental e emocional pelo Sistema de Garantia de Direitos (SGD). Para alcançar esse

objetivo, é crucial integrar os serviços dos diferentes órgãos do SGD em um fluxo unificado, onde cada agente compreende seu papel e responsabilidade no cuidado das vítimas ou testemunhas jovens de violência, e reconhece a colaboração dos demais órgãos municipais dentro desse sistema. Destaca-se que a integração dos serviços de atendimento às crianças e adolescentes, já prevista no ECA, torna-se obrigatória para o setor público com a Lei 13.431/2017 e o Decreto 9.603/2018, que orientam a articulação e coordenação das políticas de proteção integral às vítimas e testemunhas de violência, onde abrange os menores refugiados.

A saúde mental é um dos pontos mais importantes quando se analisa uma criança refugiada desacompanhada, pois, no percurso até chegar ao país de acolhida, ela muitas vezes passa por situações traumáticas que podem prejudicar sua construção pessoal; casos como abuso, tráfico, vivenciar eventos como brigas são recorrentes nesses casos. Nesse sentido, Antiss, Ziaian, Procter e Arland afirmam que:

Os estudos realizados sobre a saúde mental de crianças e adolescentes refugiados apresentam uma grande variação de resultados. Mas a maioria encontra elevados índices de perturbação psicológica e depressão nestes grupos. No entanto, uma meta-análise sobre saúde mental em refugiados mostrou que as crianças podem apresentar uma maior resiliência que os adultos (Antiss; Ziaian; Procter; Arland, 2009, p. 9).

Adolescentes em fase escolar podem sofrer de variáveis mais complexas, pois, nessa fase da vida, eles estão constituindo sua visão do “mundo”. Essa é a fase onde se dá seu senso de pertencimento, criando relações duradouras mais fortes para a vida toda. Dado isso estão altamente propensos a problemas com a linguagem, sentimentos de inadequação e tensões que rodeiam amizades e namoros. Estas tensões podem colocar os alunos do ensino médio adolescentes num risco particularmente elevado de má-adaptação escolar durante a fase de pós-migração (Crowley, 2009).

A mortalidade e morbidade entre adolescentes frequentemente resultam de causas evitáveis, como acidentes, lesões, abuso de substâncias, doenças sexualmente transmissíveis e problemas de saúde mental, além de doenças crônicas originadas na infância. Embora a maioria dos adolescentes refugiados demonstre resiliência, há indícios de que alguns têm maior propensão a desenvolver comportamentos problemáticos como violência, agressão, comportamento sexual desviante e dificuldades de relacionamento. Esses comportamentos podem dificultar a adaptação escolar e social, agravando ainda mais seu desconforto psicológico. Dados do ministério da saúde que monitora a chegada de venezuelanos têm impactado a taxa de mortalidade de crianças em Boa Vista-RR. Dessa forma Silva afirma:

[...] com base em dados do Ministério da Saúde, aponta que a taxa de mortalidade infantil em Boa Vista tem sido influenciada por fatores

como internações por patologias que demandam tratamento prolongado. Também contribuem o aumento de internações de crianças com desnutrição grave e a situação de pobreza de indígenas e venezuelanos que moram na rua ou não têm como retornar às suas aldeias e permanecem no HCSA (Hospital da Criança Santo Antônio) por até um ano (Silva; Almeida, 2020).

Vale destacar também o idioma como umas das partes mais importantes para a adaptação de uma pessoa, ele traz o senso de pertencimento. Idioma é cultura, é identidade, e pertencer a um grupo é sentir estar inserido, é sentir que alguém entende o máximo o que você é e o que quer dizer, e é por causa disso que as dificuldades linguísticas são um dos maiores problemas na situação de refúgio. Sendo assim, Kristeva afirma:

Não falar a sua língua materna. Habitar sonoridades e lógicas cortadas da memória noturna do corpo, do sono agridoce da infância. Trazer em si, como jazigo secreto ou como uma criança deficiente – benquista e inútil –, essa linguagem de outrora, que murcha sem jamais abandoná-lo. Você se aperfeiçoa, num outro instrumento, como nós nos expressamos com a álgebra ou o violino. [...] Você tem o sentimento de que a nova língua é a sua ressurreição: nova pele, novo sexo (Kristeva, 1994, p. 22/23).

A dificuldade no idioma tem consequências gerais que podem impactar as crianças e os adolescentes que não falam o idioma do país que lhes hospedam, pois assim eles não conseguem relatar dores ou sintomas de doenças, abrange também dificuldades para socializar com outras crianças ou até mesmo pedir coisas básicas. O idioma é o ponto principal da adaptação de qualquer refugiado e é o primeiro passo para interiorizar aqueles recém chegados, como foi explicado anteriormente quando do registro de que crianças refugiadas desacompanhadas são portadoras do direito de terem a explicação do seu processo de acolhida em seu idioma de origem, mas ainda sim existem as dificuldades deles em aprender essa nova língua, que seria no caso o português brasileiro. A barreira da língua e a comunicação têm sido referidas por inúmeros autores como o principal obstáculo no acesso aos cuidados de saúde (Hadgkiss; Renzaho, 2014). Bauman afirma que:

Sobre os estranhos, porém, sabemos muito pouco para sermos capazes de interpretar seus artifícios e compor nossas respostas adequadas – adivinhar quais possam ser as suas intenções e o que farão em seguida. E a ignorância quanto a como proceder, como enfrentar uma situação que não produzimos nem controlamos, é uma importante causa de ansiedade e medo (Bauman, 2016, p. 14).

As leis brasileiras garantem uma política universal gratuita e obrigatória de educação primária e secundária a crianças refugiadas. O ECA (Lei 8.069/1990) garante que todas as crianças (até 12 anos) e adolescentes (entre 12 e 18 anos)

sejam matriculadas mesmo sem documentos que comprovem sua identidade ou situação no país; e a “Resolução do Conselho Nacional de Educação” (CNE) nº 1, de 13 de novembro de 2020, vem para flexibilizar a necessidade de documentação comprobatória de escolaridade anterior. Nesse sentido a escola deve fazer uma avaliação conforme o desenvolvimento e a faixa etária do indivíduo, para assim determinar seu nível de alfabetização e conhecimento básicos.

Apesar do direito assegurado por diretrizes nacionais, uma pesquisa conduzida em 2021 pela ACNUR e pelo Banco Mundial aponta que os refugiados venezuelanos no Brasil têm uma probabilidade 53% menor de frequentar a escola em comparação com os cidadãos nacionais. O relatório identifica como principais causas dessa disparidade a sua inserção em classes socioeconômicas mais baixas e a escassez de professores fluentes em espanhol. O documento também destaca que, em 2020, apenas 45% das crianças venezuelanas em idade escolar estavam matriculadas em instituições de ensino, com a disparidade sendo mais notável nos últimos anos do ensino básico.

No Ensino Médio, a taxa de matrícula dos refugiados é de apenas 40%, enquanto, em contraste, a taxa de matrícula para adolescentes brasileiros na mesma faixa etária é de 80%. Tendo isso em vista, a Resolução do CNE, em seu Artigo 6º, estabelece a diretriz para que as escolas ofereçam o ensino da língua portuguesa visando ao acolhimento e à inserção social dessa minoria. Apesar das políticas voltadas para a educação desse grupo e dos planos locais em estados como Roraima, Minas Gerais e São Paulo, que são mais adequados à realidade dos refugiados, a taxa de exclusão escolar ou de dificuldades de adaptação entre eles ainda é alta.

Nesse sentido a cultura, que sempre foi algo muito importante para um povo desde os tempos remotos até os atuais, se torna um ponto importante. Drew (1994) destaca que o comportamento humano em relação ao ambiente é moldado pela tradição cultural. Nessa mesma linha de pensamento, Porto-Gonçalves (2006) registra que cada grupo cultural tem sua própria visão da natureza, se tornando assim mais acentuado atualmente com o processo de globalização. Com impactos em todas as áreas da vida do ser humano, podemos colocar a área da saúde e educação como umas das mais importantes, principalmente para as crianças migrantes, pois nesse caso específico ela ainda está construindo seu conhecimento sobre sua cultura de origem e ao serem forçados a mudarem de país e conseqüentemente de cultura, é como se tivessem que partir do início novamente, pois serão levados a adotar uma nova maneira de agir socialmente, de se comunicar ou até mesmo de se identificar.

É essencial reconhecer que cada cultura possui sua própria lógica interna. Compreender essa racionalidade específica é fundamental para combater preconceitos e visões distorcidas sobre diferentes práticas culturais, além de abrir portas para novas maneiras de conceber e estruturar nossa sociedade (Santos, 1994). A partir do pressuposto que essa criança que está no processo de formação de identidade vai ser inserida em uma nova cultura, conhecer novas pessoas e um

novo idioma, os efeitos que isso pode causar no seu desenvolvimento é extremamente importante e deve ser levado em consideração no processo de formação.

No Brasil, a proteção jurídica das crianças refugiadas e a manutenção da sua cultura materna é assegurada, abrangendo todos os seus direitos, conforme estabelecido pela Lei do Refúgio (9.474) e pelo ECA. Entre outros pontos, essas leis determinam que, no decorrer do processo educacional, sejam respeitados os valores culturais, artísticos e históricos das crianças. Entretanto, mesmo com essas disposições legais, as crianças refugiadas no Brasil enfrentam consideráveis obstáculos em sua integração local.

Nesse caso a adoção se torna um tópico importante; no ordenamento jurídico brasileiro, a adoção é regulamentada pelo “Estatuto da Criança e do Adolescente” (1989) e pelo *Código Civil* (2002), e vista como medida excepcional e irrevogável. Dessa maneira, ela deve ser usada a partir do esgotamento de todas as medidas que visem manter a criança ou adolescente sob os cuidados de sua família natural ou extensa. O estatuto da criança e do adolescente também determina que cada comarca do país deverá conter os registros das crianças e adolescentes que se encontram em condições para serem adotados; para além, ele deve conter também o registro das pessoas interessadas na adoção. A obtenção da aprovação desses registros demanda a realização de uma consulta prévia aos órgãos técnicos do Juizado. Se faz necessário então a verificação das informações fornecidas pelas crianças e pelos adolescentes elegíveis, comparando-as com as apresentadas pelos interessados. Ademais, é crucial a participação do Ministério Público ao longo do processo.

A “Convenção de 1951” sobre o “Estatuto dos Refugiados” e a Lei nº 9.474/97 são os principais instrumentos normativos que tratam especificamente dos direitos dos refugiados. No entanto, esses documentos não abordam explicitamente os direitos relacionados à criança refugiada desacompanhada em situação de adoção. Isso resulta na ausência de consideração das particularidades de tratamento necessárias para esses indivíduos, dada sua dupla vulnerabilidade devido à imaturidade e à falta de acompanhamento de adulto responsável capaz de fornecer os cuidados adequados. O Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) estimou que, em 2021, aproximadamente 50,4% das solicitações de refúgio reconhecidas no Brasil referem-se a crianças com idades entre 5 e 14 anos, quer estejam acompanhadas ou não.

A questão da adoção de crianças refugiadas desacompanhadas é delicada, pois as leis existentes destacam a importância de implementar medidas que visem, prioritariamente, à reunificação familiar. Nesse sentido, somente após esgotar todas as opções legais nesse processo de busca da família consanguínea é que a adoção seria considerada como uma medida adequada para assegurar a proteção e o desenvolvimento pleno dessas crianças ou adolescentes, assegurando, assim, a garantia de todos os seus direitos fundamentais.

E nesses casos a documentação tem um papel fundamental nos primeiros momentos da entrada no território nacional para um refugiado que vai solicitar a permanência, ela vai servir também para a obtenção de dados pelos órgãos de controle da fronteira como a PF, MP, DPU e também por serviços especiais como a Operação Acolhida, no estado de Roraima, ou até mesmo o ACNUR e a UNICEF, no caso do Brasil. Nesse sentido, conseguir identificar essas crianças com base nos documentos que elas possuem no seu país de origem se torna primordial para a realização dos procedimentos de entrada, e garantia dos direitos humanos e dos direitos fundamentais para esse público.

Segundo recomendado pela UNICEF, após a entrada, o estado deve assegurar que as crianças desacompanhadas ou indocumentadas possuam representação jurídica legal e gratuita durante os procedimentos de acolhimento e os cuidados supracitados, mas esses cuidados só podem se dar a partir do processo de reconhecimento que é feito com base na documentação. A documentação é uma das maiores dificuldades do governo brasileiro ao acolher crianças refugiadas desacompanhadas, como exemplo nós temos os casos das crianças venezuelanas menores de nove anos. Na Venezuela, nos documentos de crianças menores de nove anos não é exigido foto, ou seja, mesmo que essa criança chegue ao Brasil como um documento, não é possível aos órgãos do governo comprovar que esse documento pertence realmente ao requerente de asilo. Segundo uma reportagem da BBC Brasil:

“Mesmo nos casos em que a criança vem acompanhada dos pais, há a dificuldade de falta de documentação que comprove o parentesco. Nesses casos, é feito um trabalho de diálogo com as crianças e adolescentes, verificação e interlocução com outras pessoas para confirmar as informações”, diz a secretária de Direitos Humanos da Defensoria Pública da União, Lígia Prado da Rocha (BBC Brasil, 2019).

A falta de documentação afeta de forma direta a matrícula na escola, mas, segundo a lei, elas podem ser matriculadas sem um histórico escolar que comprove o nível de escolaridade, pois existem outros métodos que podem ser usados para comprovar conhecimentos básicos, mas com uma identificação fica mais difícil para os órgãos de controle da fronteira regularizar essas crianças.

5 Organizações institucionais

É por meio de políticas públicas que os governos se articulam para atender as demandas desse contingente nas suas ações específicas, pois elas são criadas para amenizar os problemas e gerar acolhimento. O campo das políticas públicas é plural e abrange agentes e organizações da Sociedade Civil (OSC) e organizações internacionais. Partido desse pressuposto, Reymão e Mello Neto (2019, p. 136) afirmam:

Faz-se necessária a existência de vontade política do Estado em atuar administrativamente por meio da execução de políticas públicas e sociais, com o objetivo de efetivar direitos fundamentais a esse novo fluxo de pessoas que se instala no país. Com isso, o modelo de Estado influencia diretamente no processo de efetivação de uma agenda humanitária e inclusiva (Mello Neto, 2019, p. 136).

Fundamentada no fato de que o Brasil expressa uma imagem de país receptivo aos refugiados, o Estado parece pouco engajado na efetivação das proteções e na garantia dos direitos previstos na legislação. Nesse sentido é importante salientar que políticas públicas representam uma somatória de ações específicas integradas e interligadas, não em ações pontuais e desvinculadas, mas sim um conjunto de feitos públicos oriundos do poder público ou da sociedade civil.

A Lei de Migração (Lei nº 13.445/2017) dispõe sobre os direitos e deveres tanto dos migrantes quanto dos visitantes, regulamentado sua entrada e permanência no Brasil. Ela também vem definindo os princípios e as diretrizes para políticas públicas relacionadas aos imigrantes. Ainda nesse sentido, a lei orienta sobre os direitos e deveres tanto dos migrantes quanto dos visitantes, regulamentado sua entrada e permanência no Brasil. Ela também vem definindo os princípios e as diretrizes para políticas públicas relacionadas aos imigrantes.

É importante salientar outro ponto crucial para essa discussão, que é a falta de padronização nos fluxos e processos das políticas públicas para refugiados no Brasil. A falta de padronização acarreta e dificulta o acesso à justiça, no sentido das crianças refugiadas desacompanhadas que chegam ao Brasil já em grande situação de vulnerabilidade e risco social.

Um registro que vale a pena ser apontado é a Operação Acolhida - uma iniciativa do Governo Federal que se deu a partir dos altos números no fluxo de venezuelanos que tentavam adentrar o Brasil. A crise migratória venezuelana tem fundamentos na instabilidade política, no autoritarismo, na corrupção, no desemprego, na escalada inflacionária, na recessão econômica e, principalmente, na escassez de recursos básicos e na violência institucionalizada que ocasionaram um estopim necessário para o deslocamento de levas de pessoas para as fronteiras do país, em sua maioria para as fronteiras com o Brasil e a Colômbia.

O país controlado pelo presidente Nicolás Maduro se destaca no cenário internacional como um dos maiores produtores de petróleo do mundo, entretanto, encontra-se imerso em uma profunda crise humanitária, econômica, política e social, deixando de ser um território pacífico, obrigando muitas pessoas a deixarem o país para encontrar condições mínimas de dignidade e de sobrevivência. O ponto mais próximo do Brasil com a Venezuela é a cidade de Pacaraima, distante 212 quilômetros da capital Boa Vista do estado de Roraima.

A partir do crescimento da crise, em fevereiro de 2018, o então presidente Michel Temer assinou a princípio uma medida provisória e dois decretos que oportunizaram a viabilização da denominada Operação Acolhida, em 21 de julho

de 2018. A medida provisória teve sua substituição pela Lei nº 13.684. Foi efetivada assim uma operação conjunta, interagências e de natureza humanitária, envolvendo as Forças Armadas, diversos órgãos governamentais de esferas federal, estadual e municipal para além de abranger agências internacionais e organizações não governamentais. Os objetivos são recepcionar, identificar, triar, imunizar, abrigar e interiorizar imigrantes em situação de vulnerabilidade (desassistidos), decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária.

Os postos de recepção e identificação contam com alguns setores importantes do processo de recepção, sendo eles o Ministério da Defesa e da ACNUR, ANVISA, PF e Defensoria Pública da União. Nesses postos são fornecidas aos imigrantes as primeiras orientações, a Polícia Federal tem o papel de realizar o controle migratório, a ANVISA trabalha na vacinação e a Defensoria Pública tem o papel de fornecer orientações jurídicas, judiciais ou extrajudiciais.

Além do aparato estatal, pode-se perceber outros modelos de organizações chamadas de não governamentais. A expressão “organizações não governamentais” surgiu a partir de 1951 com art. 71 da Carta das Nações Unidas, e somente a partir desse momento que se deu início à regulamentação dessas entidades. Segundo Mialhe e Malheiro (2016), o suporte destas organizações tem sido decisivo no acolhimento dos refugiados que chegam no Brasil. É mais especificamente na década de 1990 que há um crescimento expressivo das organizações não governamentais e junto a isso um estabelecimento definitivo das mesmas como parte da sociedade civil (Gohn, 2008). Deste modo, as ONGs transformaram-se nas últimas décadas tornando-se um dos pilares essenciais, atuando muitas vezes com o poder público e em outros casos de forma pioneira em áreas ignoradas, ou até em alguns casos, menosprezadas pelo poder público. Um bom exemplo é a Cáritas, coordenada pela arquidiocese do Rio de Janeiro e de São Paulo, que acolheu os primeiros refugiados não europeus que chegaram ao Brasil, entre 1975 e 1980. Soczek afirma:

As organizações não governamentais (ONGs), em paralelo a outras formas de organização da sociedade, cumprem um papel fundamental de atenção a estas demandas sociais, ou seja, todo um contingente populacional de grande envergadura que não consegue usufruir dos direitos e exercer seus deveres assegurados por lei a todas as pessoas. Quando estas organizações avançam sobre as causas dos problemas sociais, reivindicam que tais direitos sejam cumpridos e universalizados pelo poder público. Apontam deficiências e se fazem ouvir aos geralmente poucos ouvidos governamentais no que diz respeito à exclusão social, ao desrespeito aos direitos humanos, preservação ambiental e outros, contrariando interesses enraizados nas estruturas de poder (Soczek, 2007, p. 155).

No âmbito de ajuda especificamente a crianças, existe a IKMR - I Know My Rights, uma ONG que busca promover, esclarecer, conscientizar e defender os direitos das crianças refugiadas no Brasil, através de ações de apoio às Políticas

Públicas desenvolvidas e validadas para este fim, segundo o *site* da mesma. Nesse sentido, segundo o CONARE:

É a única que se dedica especificamente às crianças refugiadas, sendo regida pelas disposições contidas na Convenção Internacional dos Direitos das Crianças, no Estatuto da Criança e do Adolescente, na Convenção de Genebra de 1951 e seu Protocolo de 1967, na Declaração de Cartagena, bem como a Declaração e o Plano do México, a Lei 9474/97 e as resoluções do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE, 2024).

O Brasil também conta o ADRA, uma organização voltada para ações assistenciais, beneficentes e filantrópicas; e dentro da organização existe o CARE – Centro de Apoio e Referência a Refugiados e Migrantes. O sentido do projeto é de acolher, acompanhar, orientar e integrar os migrantes e refugiados que chegam ao Município de Manaus. Eles auxiliam os refugiados no processo de obtenção e regularização migratória em parceria com SISCONARE, além de viabilizar o acesso dessas famílias beneficiárias a projetos sociais do Governo Brasileiro: Bolsa Família, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), Mesa Brasil e alguns outros, também propõem cursos profissionalizantes e de língua portuguesa. A partir disso eles oferecem ajuda na inserção dos refugiados e migrantes no mercado de trabalho formal por meio do projeto Meios de Vida.

Desse modo, verifica-se que há um empenho da sociedade civil em suprir necessidades, podendo ocorrer por meio das ONGs, ou por colaborações com entidades estatais.

Considerações finais

O objetivo desse artigo foi trazer à discussão os desafios que crianças refugiadas desacompanhadas encontram quando chegam ao território nacional, de maneira que se procurou entender os motivos que as fazem deixarem seus países de origem, os transtornos que elas encontram no trajeto e quais os direitos que elas possuem ao chegar no Brasil.

No primeiro momento, ao analisar a legislação que embasa a temática, pôde-se notar que existem leis que asseguram direitos a essas crianças. O Brasil é um país muito receptivo aos refugiados, fica claro ao ter assinado e promulgado a Declaração Universal dos Direitos Humanos e criado a Lei de Imigração, de 2017, um marco para o avanço das políticas públicas para menores refugiados que ainda contam com outros arcabouços jurídicos, como o ECA, diferentemente de alguns outros países do sistema internacional, já que, ao serem reconhecidos os refugiados, esse contingente possui os mesmos direitos fundamentais que qualquer outro cidadão brasileiro.

No segundo momento, buscou-se entender a diferença entre menores refugiados desacompanhados e indocumentados para compreender quais as diferenças

de tratamento que ocorrem entre os diferentes contextos em que uma criança em deslocamento pode ser encontrada. Nesse sentido, ficou claro que os princípios norteadores para o recebimento de crianças refugiadas desacompanhadas se tornaram fundamentais para a garantia da execução dos direitos desses menores.

Partindo desse pressuposto de garantia jurídica, tornou-se importante analisar quais são ainda as dificuldades na execução dessas políticas públicas que deram origem a partir das garantias jurídicas. Ao analisar os problemas que esse contingente encontra durante o deslocamento forçado, foi possível identificar que, em sua maioria, as crianças que entram no país nesse momento são venezuelanas e estão fugindo da crise em sua nação, passando assim por violações físicas e mentais, fome, tráfico, entre outros, durante o deslocamento.

Ao falar sobre as dificuldades encontradas no Brasil, fica claro que, apesar de possuir extensas políticas de proteção juvenil, são ainda palpáveis as dificuldades que o país encontra na execução de tais políticas. As normativas de proteção encontram barreiras muito mais práticas como a falta de orçamento, alto número de pedidos de asilo; nos casos de crianças desacompanhadas, podemos ver que eles não podem ser negados, mas encontram obstáculos como o idioma, a alfabetização, os traumas do trajeto, a adoção e a possibilidade de ter uma nova família ou até mesmo encontrar a sua família biológica.

Por fim, ao analisar o papel das organizações governamentais e não-governamentais para a manutenção dos direitos pertinentes a essas crianças, notou-se que o governo federal tem buscado por meio de ações como a da Operação Acolhida, de mitigar os transtornos e garantir a maior efetivação dos direitos. Entretanto ainda assim encontra dificuldades de execução desses projetos, o que muitas vezes se dá pela alta demanda e pouco número de agentes. Para além disso, fica evidente a importância das organizações não governamentais geridas por igrejas ou civis nesse contexto, demonstrando assim a solidariedade da população para mitigar as consequências e os traumas em crianças refugiadas desacompanhadas, para que não se prolonguem por toda uma vida.

THE CONSEQUENCES OF REFUGE FOR UNACCOMPANIED CHILDREN IN BRAZIL

Abstract: *This research aims to present a study that seeks to understand the causes and effects of the displacement of unaccompanied refugee children to Brazil. Based on this assumption, theoretical foundations were drawn from books, articles, newspapers to analyze the consequences faced by these children on their journey and upon entering the national territory. In addition, the study aimed to understand the role of the Brazilian government and its actions regarding this contingent, as well as the rights guaranteed to these children.*

Keywords: *Unaccompanied children; Refuge; Reception.*

Referências

ADRA. *Care*. Disponível em: <<https://adra.org.br/projetos/care/>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

ALTO COMISSARIADO DE DIREITOS HUMANOS DAS NAÇÕES UNIDAS. *The criminalisation of irregular migration*. Disponível em: <<https://www.ohchr.org/sites/default/files/Documents/Issues/Migration/GlobalCompactMigration/CriminalisationIrregularImmigration.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ANTISS, Hannah; ZIAIAN, Tahereh; PROCTER, Nicholas; WARLAND, Jennifer. Help-seeking for mental health problems in young refugees: a review of the literature with implications for policy, practice, and research. *Transcultural Psychiatry*, v. 46, p. 584–607, 2009. doi: 10.1177/1363461509351363. Acesso em: 19 nov. 2022.

BATISTA, Carolina França Tristão. *O acolhimento de crianças refugiadas desacompanhadas nas Américas: um estudo comparado entre os processos de proteção e acolhida de Brasil e EUA*. 2022. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/62245/62245.PDF>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

BRANDÃO, I. *RR decreta emergência na saúde por causa da imigração de venezuelanos*. G1, Roraima, 7 dez. 2016. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/12/rr-decreta-emergencia-na-saude-por-causa-da-imigracao-de-venezuelanos.html>>. Acesso em: 31 jan. 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017*. Institui a Lei de Migração. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 maio 2017.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: [s.n.], [2016]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BRASIL. *Resolução nº 232, de 28 de dezembro de 2022*. Estabelece procedimentos de identificação, atenção e proteção para criança e adolescente fora do país de origem desacompanhado, separado ou indocumentado, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 dez. 2022. Edição: 246 | Seção: 1 | Página: 329.

BUHMANN, C. Traumatized refugees: morbidity, treatment and predictors of outcome. *Danish Medical Journal*, v. 61, p. 1-29, 2014.

CÁRITAS. Disponível em: <<https://caritas.org.br>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

CONVENÇÃO *contra a tortura e outros tratamentos ou penas cruéis, desumanos ou degradantes*. Adotada pela Resolução 39/46, da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1984. Disponível em: <<http://www.ohchr.org/EN/ProfessionalInterest/Pages/CAT.aspx>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

- CROWLEY, C. The mental health needs of refugee children: a review of literature and implications for nurse practitioners. *Journal of the American Academy of Nurse Practitioners*, v. 21, p. 322–331, 2009. DOI: 10.1111/j.1745-7599.2009.00413.x.
- CRUZ JÚNIOR, Sidmar José. A operação acolhida e a imigração venezuelana em Roraima. *Pensar Acadêmico*, Manhauçu, v. 17, n. 3, p. 430-447, set.-dez. 2019. Disponível em: <<https://pensaracademico.unifacig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/1133/1285>>. Acesso em: 02 mai. 2024.
- DADOS SOBRE REFÚGIO*. ACNUR Brasil, 2022. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/#refugiado>>. Acesso em: 04 dez. 2022.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS*. Assembleia Geral das Nações Unidas, Paris, 10 dez. 1948. Disponível em: <<https://www.oas.org/dil/port/1948%20Declara%C3%A7%C3%A3o%20Universal%20dos%20Direitos%20Humanos.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2024.
- DREW, David. *Processos interativos homem-meio ambiente*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONGs e redes solidárias*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- GONÇALVES, Carlos W. P. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 14. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.
- HUMAN RIGHTS WATCH. *O êxodo venezuelano: a necessidade de uma resposta regional a uma crise migratória sem precedentes*. 2018. Disponível em: <https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/venezuela0918port.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- IKMR. Disponível em: <<http://www.ikmr.org.br/>>. Acesso em: 05 mai. 2024.
- KI-MOON, Ban. *Mensagem do secretário-geral da ONU para o Dia Internacional dos Migrantes de 2013*. Disponível em: <<http://www.unicrio.org.br/rejeitar-axenofobia-e-abracar-a-migracao-e-essencial-para-odesenvolvimento-diz-secretario-geral-da-onu/>>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- LAS ADOLESCENTES y adolescentes LGBTIQ+ no acompañadas/os y separadas/os: ¿una migración invisible?* UNICEF, novembro de 2021. Disponível em: <https://www.unicef.org/lac/informes/las-adolescentes-y-adolescentes-lgbtiq-no-acompanadas-os-y-separadas-os>. Acesso em: 05 jan. 2024.
- MARTUSCELLI, Patrícia Nabuco. Crianças desacompanhadas na América Latina: reflexões iniciais sobre a situação na América Central. *RIDH*, Bauru, v. 5, n. 1, p. 77-96, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/download/467/199>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

MATOS, Marina Muniz Pinto de Carvalho. *Instabilidade política na América Latina e a observância do devido processo legal em julgamentos políticos conforme o sistema interamericano de direitos humanos*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/34859>>. Acesso em: 03 jan. 2024.

NÚMERO de crianças deslocadas é recorde desde a 2ª Guerra. Agência Xinhua. *Monitor Mercantil*, 2022. Disponível em: <<https://monitormercantil.com.br/numero-de-criancas-deslocadas-e-recorde-desde-2a-guerra/#:~:texto%20n%C3%BAmero%2C%20que%20aumentou%20,comunicado%20de%20prensa%20da%20ag%C3%Aancia>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

O DRAMA de Juan e das centenas de crianças venezuelanas que cruzam sozinhas a fronteira com o Brasil. BBC Brasil, 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49566807>>. Acesso em: 01 abr. 2024.

OLIVEIRA, Tadeu; TONHATI, Tânia. Mulheres, crianças e jovens na migração internacional no Brasil. In: CAVALCANTI, L.; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. (orgs.). *Relatório Anual OBMigra 2022*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais. Ministério da Justiça e Segurança Pública/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2022.

OPERAÇÃO Acolhida. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/acoes-e-programas/operacao-acolhida>>. Acesso em: 05 mai. 2024.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS. *Convenção Americana de Direitos Humanos (“Pacto de San José de Costa Rica”)*, 1969. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/jurisprudenciaInternacional/anexo/STF_ConvencaoAmericanaSobreDireitosHumanos_SegundaEdicao.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2024.

REFUGEE DATA FINDER. ACNUR. Disponível em: <<https://www.unhcr.org/refugee-statistics/>>. Acesso em: 02 jan. 2024.

REYMÃO, Ana Elizabeth Neirão; MELLO NETO, Ridivan Clairefont de Souza. A crise dos refugiados e o Estado neoliberal no Brasil. In: *Desmonte do Estado e políticas públicas: retrocesso do desenvolvimento e aumento das desigualdades no Brasil*. p. 131-156, 2020. Disponível em: <http://afipeasindical.org.br/content/uploads/2020/11/LIVRO_FINALIZADO_23.11.2020_Desmonte-do-estado-e-das-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

SANTOS, José L. *O que é cultura*. 14. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SAQUET, Marcos A. *Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SILVA, L. V. da; ALMEIDA, E. V. G. de. Boa Vista tenta vencer os impactos da imigração na primeira infância. *Prefeitura de Boa Vista*, 2020. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2318-92822021000200008>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SOGUK, N. *States and strangers: refugees and displacements of statecraft*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UNICEF. *Guia para a proteção de crianças e adolescentes desacompanhadas/os, separadas/os e indocumentadas/os no Brasil*. Dezembro de 2023. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/27746/file/guia-protecao-de-criancas-desacompanhadas-e-separadas.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2024.

VOE PORTUGUÊS. *Imigrantes africanos usam o Brasil como ponto de passagem para os EUA*. Vídeo (3:44). 23 de novembro de 2023. Disponível em: <<https://www.voaportugues.com/a/imigrantes-africanos-usam-brasil-como-ponto-de-passage-para-os-eua/7367449.html>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

Recebido em 20 de setembro de 2024

Aprovado em 12 de outubro de 2024

A DIÁSPORA AFRICANA NA POESIA DE CRUZ E SOUSA

Valci Vieira dos Santos¹

Ana Cristina Comandulli da Cunha²

João Víctor Alves da Silva³

Resumo: Este texto analisa a poesia do vate catarinense Cruz e Sousa, a partir de uma perspectiva que busca identificar, em seu projeto literário, a narrativa de experiências dos afrodescendentes no Brasil e as consequências do tráfico de escravos, além de ressaltar a importância da cultura africana na formação da sociedade brasileira. Objetivamos, também, refletir a respeito da diáspora africana presente na literatura do Dante Negro, e suas contribuições para ampliar o conhecimento sobre a história e a cultura afro-brasileiras. Neste sentido, pretendemos demonstrar o quanto tais reflexões de Cruz e Sousa serviram de denúncia em face de questões de identidade, racismo, preconceito e resistência. Os poemas analisados são extraídos de sua *Obra Completa*, publicada pela Editora Nova Aguilar, em sua edição de 1995, e se denominam: “Escravocratas” e “Da Senzala”, do livro *Cambiantes – O Livro Derradeiro*; e o poema em prosa, “Emparedado”, do livro *Evocações*. A título de embasamento teórico, lançaremos mão de reflexões sobre o tema proposto, constantes de obras de Hall (2006); Bastide (1943); e Fanon (2021; 2023).

Palavras-chave: Cruz e Sousa; Literatura Brasileira; Diáspora Africana; Cultura afro-brasileira.

Introdução

Ao longo dos tempos, no universo da produção literária, seja ela de origem nacional ou de cariz estrangeiro, não têm faltado referências de escritores e poetas

1 Pós-doutor em Letras/PPGL/UFES; Pós-doutorando em Estudos Literários/PPGLEV/UFRJ; Doutor em Estudos Literários/Literatura Comparada/UFF; Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa/PUC-Minas; Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia-UNEB; Membro dos Grupos de Pesquisa GEICEL/UNEB e RGPL/UERJ. E-mail: vsantos@uneb.br.

2 Doutora em Estudos de Literatura (Literatura comparada) pela Universidade Federal Fluminense – UFF. Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Bacharel em Letras - Português/Literatura da Língua Vernácula pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Estágio pós-doutoral pela Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, em 2021. E-mail: ana.comandulli@gmail.com.

3 Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Especialista em Perícia Criminal e Investigação Forense pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci. Bacharel em Direito pela Faculdade Anhanguera de Teixeira de Freitas. Licenciado em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Professor de Língua Portuguesa da Rede Pública Estadual da Bahia. E-mail: joaovictor7@hotmail.com.

que continuam a incomodar e provocar significativas inquietações aos leitores, ainda que muitas décadas ou até mesmo séculos já tenham passado, desde que seus escritos vieram a lume. Um dos motivos para a promoção dessas inquietações, sem dúvida, resulta da atualidade de seus projetos literários.

João da Cruz e Sousa, nascido em 1861, na cidade de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina, assegurou, *incontinenti*, o seu assento à mesa de notáveis, especialmente porque soube fazer valer, conforme pregoou o seu grande amigo, Nestor Vítor, suas tendências revolucionárias e seu verbo polêmico e “selvagem”. Tal espírito combatente o fez produzir um projeto literário que se mantém atualizado, e por isso mesmo, continua a despertar o interesse de leitores das mais diferentes proveniências, basta consultarmos a sua vasta fortuna crítica, para compreendermos o quanto a força de seus versos revela-nos a genialidade de um poeta que, mesmo em face de incompreensões e preconceitos sofridos, ainda assim, deixou-nos um legado literário que o tornou um esteta da literatura brasileira.

O aparecimento de *Broquéis*, um dos livros do vate catarinense, inaugurou o movimento simbolista brasileiro. Sua obra provocou tal feito exatamente por ser original, não em termos de estrutura e ritmo de seus versos, mas porque passa a fazer uso da imagética com intensidade, na novidade com que apresenta um vocabulário que desestabiliza o leitor e o instiga em face do inusitado das palavras, aliteraões, tautologias, e musicalidade de seus fios poéticos, contribuindo, assim, esse cabedal inovador, para engrossar o processo de caracterização do discurso simbolista.

Cruz e Sousa, poeta negro e filho de escravos, não deixou de lado, ao se debruçar sobre suas atividades literárias, temas tão caros aos tempos difíceis de sua época: a escravidão negra e sua dominação, a luta pelo abolicionismo, bem como o canto da resistência e a busca de liberdade através da força do verbo, ainda que tenha sofrido sérias hostilidades por parte de seus conterrâneos, quando morador do Desterro, e na cidade do Rio de Janeiro, quando para lá se mudou.

A leitura da obra completa do poeta catarinense aponta-nos textos poéticos que se ocupam de espaços diaspóricos dos afrodescendentes em terras nacionais, em tempos dominados por todo tipo de preconceitos duma sociedade escravista. Cruz e Sousa, laboriosamente, dá-nos a conhecer poemas que se tornaram verdadeiros libelos, ao exporem os fantasmas das violências e brutalizações que são construídos no âmbito da enunciação textual, bem como no da experiência vivida. O texto de Cruz e Sousa revela-se, dessa forma, como um cronotopo, em que o espaço-tempo, ou seja, o literário/existencial, se articula a partir de uma visão multidimensional, visão esta que leva o leitor a se deparar com uma encruzilhada diaspórica onde acontece o diálogo entre epistemes e culturas. Neste sentido, pretendemos demonstrar, com este texto, o quanto tais reflexões serviram de denúncia em face de questões de identidade, racismo, preconceito e resistência,

culminando com a materialização de um edifício literário que se tornou um dos patrimônios da literatura afro-brasileira: o projeto literário de Cruz e Sousa.

2 A dimensão do termo “diáspora”: breves considerações

A etimologia do vocábulo “diáspora” remete-nos ao grego clássico, cujo significado é “dispersão”, isto é, deslocamento forçado ou incentivado de massas populacionais. Numa perspectiva mais abrangente, pode significar, também, a dispersão de qualquer nação ou etnia pelo mundo. Ainda a partir dessa ótica, somos, *incontinenti*, remetidos, talvez, a mais conhecida de suas referências: a do texto bíblico. Neste, a história do povo hebreu, narrada a partir de sua dispersão pelos quatro cantos do mundo, depois de serem expulsos do seu território, no século II a.C.; o seu exílio, no século VI a.C., na Babilônia; e, novamente, a dispersão acontecida em decorrência da destruição da cidade de Jerusalém, em 70 d.C. A diáspora do povo hebreu deixou marcas profundas entre seus membros, perseguidos, continuamente, acusados de serem diferentes e insubordinados.⁴

Com o passar do tempo, o termo “diáspora” passa a significar não tão-somente a dispersão como o seu resultado, mas se amplia para outras possibilidades de concepção, a exemplo daquela que o defende como um conjunto dos membros de uma comunidade dispersos por várias nações. Além disso, teóricos e estudiosos do termo passaram a dilatar, ainda mais, o espectro de suas configurações. Stuart Hall (2006), sem dúvida, se constitui num deles. Sob a sua perspectiva, o termo é concebido, de modo especial, quando se alude a fenômenos relativos a migrações humanas dos ex-países coloniais em direção às antigas metrópoles. Para ele, a questão da diáspora é levantada sobretudo por conta da luz que ela proporciona às complexidades que o termo reclama, não apenas do ponto de vista de sua construção, mas de se pensar a nação e a identidade de povos, em épocas de globalização ascendente. Na obra *Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais*, Hall apresenta-nos interessantes reflexões sobre o conceito e a definição do termo “diáspora”. Assim ele sentencia: “O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma

4 A Bíblia é prodigiosa na citação de eventos que testificam a diáspora do povo hebreu. Vários de seus livros ilustram os episódios que os levou à dispersão: no livro de Ester 3.8, encontramos uma narrativa emblemática acerca da acusação de que o povo judeu não se curvava diante das decisões do rei: “Existe certo povo disperso e espalhado entre os povos de todas as províncias do teu império, cujos costumes são diferentes dos de todos os outros povos e que não obedecem às leis do rei; não convém ao rei tolerá-los. Se for do agrado do rei, que se decrete a destruição deles, (...)”; em Jeremias 50.17, a narrativa bíblica acentua o sofrimento de Israel, uma nação perseguida pela fúria de seus inimigos: “Israel é um rebanho disperso, afugentado por leões. O primeiro a devorá-lo foi o rei da Assíria; e o último a esmagar os seus ossos foi Nabucodonosor, rei da Babilônia.” Observe-se que os leões simbolizavam a Assíria e a Babilônia. Mas a esperança de retornar à sua terra, à sua parentela, vivendo no mesmo espaço territorial, sempre se fez presente no seio do povo judeu, sobretudo em decorrência das promessas do Deus de Israel. O livro de Isaías, em seu capítulo 11, versículo 12, neste sentido, é assaz ilustrativo: “Ele erguerá uma bandeira para as nações a fim de reunir os exilados de Israel; ajuntará o povo disperso de Judá desde os quatro cantos da terra.” É eis que esta profecia se cumpriu no dia 14 de maio de 1948, quando a Organização das Nações Unidas - ONU criou o Estado de Israel.

fronteira de exclusão e depende da construção de um ‘Outro’ e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (Stuart, 2006, p. 32-33).

Com relação à definição do vocábulo “diáspora africana”, Roland Walter (2011), em artigo intitulado “O espaço literário da Diáspora Africana: reflexões teóricas”, publicado na Revista *A Cor das Letras*, da UEFS, informa-nos acerca do pensamento do crítico da cultura e um dos mentores dos Estudos Culturais, Stuart Hall, quando este corrobora que

Diáspora não nos remete a estas tribos espalhadas cujas identidades somente podem ser obtidas em relação a uma terra sagrada onde têm que voltar custe o que custar [...]. Isto é a velha forma imperializadora e hegemônica de “etnicidade”. [...] A meu ver, a experiência diaspórica é definida, não por essência ou pureza, mas pelo reconhecimento de uma heterogeneidade e diversidade necessária; por uma concepção de “identidade” que vive não apesar, mas com e através da diferença; por hibridismo. As identidades diaspóricas são aquelas que constantemente se produzem e reproduzem de novo por meio de transformação e diferença (Walter, 2011, p. 14).

As reflexões de Hall contidas no capítulo intitulado “Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior” (2006), de sua obra já referenciada, ampliam ainda mais essas discussões apontadas por Walter, ao aprofundar questões alusivas à cultura diaspórica, identidade, diferença, pertencimento e deslocamento. Consoante seu pensamento, as identidades, na situação de diáspora, tornam-se múltiplas: há semelhanças entre identidades do colonizador, entre semelhanças com as populações ditas de minoria étnica habitadas no território africano, bem como as re-identificações simbólicas das próprias culturas africanas. Emerge, portanto, desse caldeirão de hibridismos, um grande dilema que passa a assolar as mentes diaspóricas. Esse sentimento leva o indivíduo a ter que conviver com um profundo sentido moderno de deslocamento. Iain Chambers, citado por Hall, expressa-o com exatidão, quando diz que

Não podemos jamais ir para casa, voltar à cena primária enquanto momento esquecido de nossos começos e “autenticidade”, pois há sempre algo no meio [*between*]. Não podemos retornar a uma unidade passada, pois só podemos conhecer o passado, a memória, o inconsciente através de seus efeitos, isto é, quando este é trazido para dentro da linguagem e de lá embarcamos numa (interminável) viagem. Diante da “floresta de signos” (Baudelaire), nos encontramos sempre na encruzilhada, com nossas histórias e memórias (“reliquias secularizadas”, como Benjamin, o colecionador, as descreve) ao mesmo tempo em que esquadrihamos a constelação cheia de tensão que se estende diante de nós, buscando a linguagem, o estilo, que vai dominar o movimento e dar-lhe forma. Talvez seja mais uma questão de buscar estar em casa aqui, no único momento e contexto que temos... (Hall, 2006, p. 27).

Esse dilema do homem diaspórico, tão bem apontado por Iain Chambers, também chegou até nós, por intermédio de grandes nomes da literatura afro-brasileira. Esta tornou-se um grande espelho no qual temos a oportunidade de enxergar e refletir a respeito de lutas travadas por eles contra a opressão que se manifestou sob as mais diferentes facetas. Escritores e poetas afrodescendentes brasileiros, através da riqueza de seus escritos, não se permitiram ser silenciados; ao contrário, suas obras literárias passaram a trazer consigo a força, a ancestralidade e a riqueza cultural do povo negro.

Dentre esses escritores e poetas que passaram a figura na plêiade de autores negros e a sua representatividade na literatura brasileira, Cruz e Sousa ganha lugar de destaque. Sua voz diaspórica, através de alguns de seus poemas, torna-se, assim, o nosso objeto de análise na seção seguinte.

3 A poesia diaspórica de Cruz e Sousa

Cruz e Sousa, desde muito cedo, revelou-se um exímio leitor, dono de uma inteligência invejável. Como estudante, geralmente se destacava dentre os seus pares. Essa condição foi, aos poucos, levando-o a sonhar com um futuro brilhante. Ele passou a perceber que, através de seus esforços e desempenho, mormente nos estudos, poderia transcender “as barreiras sociais, superando os preconceitos, dominando o meio provinciano” (Magalhães Júnior, 1975, p. 13). Não demorou, também, para que se tornasse um homem de letras, cuja vocação teve início ainda na adolescência, ao produzir escritos compostos de rimas juvenis destinados às primeiras namoradas.

Como era de se esperar, um jovem negro, incipiente nas letras, não passaria incólume diante de falas preconceituosas de seus algozes. Mas não se quedou em face das contrariedades sofridas; ao contrário, destemido, seguiu em frente com os seus objetivos, tornando-se professor de aulas particulares e auxiliar na preparação de “professores para o magistério público”. Segundo Andrade Murici, elaborador de cronologia constante da *Obra Completa* do poeta catarinense, já referenciada alhures, Cruz e Sousa, no mesmo ano em que se dedica ao ensino particular, ou seja, 1877, também publica versos nos jornais da província.

Mas o tempo passou. E, com ele, Cruz e Sousa foi, *pari passu*, aprendendo que o mundo que estava à sua espera não era dos melhores. Não demorou muito para que o seu desejo de fazer valer os seus direitos passasse a ser desrespeitado e ignorado. As decepções se sucediam à medida que ele tentava se impor como ser humano, como cidadão. A falta de reconhecimento ao seu ofício, por parte de pessoas e de instituições de sua própria cidade natal, Nossa Senhora do Desterro, que insistiam em ignorá-lo, tornava-o cada vez mais desesperançoso e contrariado. Em missiva endereçada a Germano Wendhausen, datada de 2 de abril de 1888, é possível perceber o estado d’alma do poeta catarinense, ao fazer um verdadeiro pedido de socorro ao amigo:

Caríssimo e nobre amigo

Germano Wendhausen

Venho, mais uma vez, valer-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

[...]

Acontece que, por lago espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na *Tribuna Popular*, onde escrevo, nada me dão, nem eu o exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas, para ajudar o Lopes, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra (Sousa, 2000, p. 819).

Esta carta, que Cruz e Sousa enviou ao amigo Germano Wendhausen, teve como principal objetivo pedir a ele dinheiro emprestado para mudar-se para a Corte do Rio de Janeiro, cidade que lhe nutria a esperança de assegurar algum trabalho que pudesse torná-lo uma pessoa digna. Mas a sua decepção com a “grande capital” foi apenas uma questão de tempo. No mês de junho de 1888, ou seja, apenas, aproximadamente, dois meses depois que havia saído de sua terra natal para a Corte, através de carta também endereçada ao mesmo amigo, já se fez revelar novamente a sua decepção. Dessa vez, ainda que tivesse sido recomendado por amigos de sua terra ao senador Taunay, com carta identificada, não mereceu as devidas deferências do político, uma vez que este sequer mandou o poeta adentrar à sua sala.

À medida que sua estada na cidade do Rio de Janeiro seguia em frente, mais amargurado Cruz e Sousa se tornava. Às essas alturas, ele já sabia que um afrodescendente, filho de escravos, não iria passar incólume em face de atitudes, ações e gestos reveladores do mais brutal racismo e preconceito de diferentes origens, especialmente do preconceito de raça. Para o amigo, Virgílio dos Reis Várzea, jornalista, escritor e político brasileiro, inclusive seu conterrâneo e parceiro no livro *Tropos e Fantasias* (1885), remeteu uma missiva datada de 8 de janeiro de 1889, missiva esta que desenha um Cruz e Sousa absolutamente desiludido com todos e tudo. Por entre suas linhas, desfilam sentimentos de amargura, decepção, medo, pavor, falta de crença no ser humano, mas, sobretudo, o fato de sentir-se odiado por ser negro, vítima, portanto, do implacável “destino” traçado por quem sempre achou que cor de pele é determinante para categorizar, hierarquizar ou privilegiar pessoas. Ou seja, sua arma giratória, denunciante, não deixa de mirar nessa pretenciosa civilização branca que, consoante posição de Frantz Fanon (2023, p. 27), juntamente com “a cultura europeia impusera[m] ao negro um desvio existencial”.

Esse pretenso desvio existencial, imposto ao negro pela civilização branca e pela cultura europeia, no âmbito do espaço da diáspora africana, parece querer dar

conta de explicar o que Franz Fanon (2023) chama de a experiência do ser-estar intersticial, isto é, indivíduos que constroem sua subjetividade migratória deslocando-se de um lugar para o outro. Tais cidadãos são concebidos por Paul Gilroy (2001, p. 260), como aqueles que vivem “sem âncora, sem horizonte, sem cor [...] e raízes — uma raça de anjos”. Aliás, essas reflexões, em torno do “ser-estar intersticial”, levam-nos à polêmica que se criou ao que comumente se passou a chamar de “angústia da cor”, ou seja, o entendimento de alguns críticos que consideram o uso excessivo do vocábulo “branco” por Cruz e Sousa, em sua poesia, uso excessivo este que apontaria para uma espécie de complexo de cor, ainda como forma de compensação das agruras sofridas pelo fato de o poeta ter a cor negra. Um dos estudiosos da poesia de Sousa, Massaud Moisés, em artigo intitulado “Três Estudos sobre Cruz e Sousa”, publicado em Coletânea organizada por Afrânio Coutinho, esclarece-nos melhor a celeuma:

O Poeta procuraria o branco e colaterais (e, *ipso facto*, o simbolismo, dentro desse raciocínio, pelo que este possuía de transcendental, “europeu”, ariano, sutil) para compensar a angústia que lhe vem da cor negra. Dessa forma, a obsessão das brancuras lunares, de véus lácteos, neblinas níveas, etc., seria precisamente o meio de contrabalançar o peso da cor, mais ainda tendo sido Cruz e Sousa filho de escravos, embora tivesse sido criado como senão fosse menos que filho de senhores (*In*: Coutinho, 1979, p. 265-266).

O certo é que a “angústia da cor” não deixou de perseguir o poeta do Desterro. A carta datada de 8 de janeiro de 1889, escrita da Corte do Rio de Janeiro, já referenciada anteriormente, se apresenta como um lamento de alguém que busca por socorro, ao mesmo tempo em que se constitui num autêntico libelo contra uma sociedade preconceituosa, desigual e desumana. Seu teor é tão emblemático que merece ser citado praticamente em sua integralidade. Ei-lo:

Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez, passando-a numa indolência persa, bastante prejudicial à atividade do meu espírito e ao próprio organismo que fica depois amarrado para o trabalho.

Não sei onde vai para esta coisa. Estou profundamente mal, e só tenho a minha família, só te tenho a ti, a tua belíssima família, o Horácio e todos os outros nobres e bons amigos, que poucos são. Só dessa linda falange de afeições me aflige estar longe e morro, sim de saudades. Não imaginas o que se tem passado por meu ser, vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue. Tudo está furado, de um furo monstro. Não há por onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquirei, por adoção

sistemática, as qualidades altas dessa grande raça, para mim que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa.

Quem me mandou vir cá abaixo à terra arrastar a calceta da vida! Procurar ser elemento entre o espírito humano?! Para quê? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspidado de todo o lar como um leproso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível! [...] (Sousa, 2000, p. 822).

Parece-nos que a “angústia da cor” agravava-se ainda mais a partir do momento em que o Poeta se envolvia com o contexto social e cultural de sua época. Esse envolvimento se deu em sentido ascendente graças à sua capacidade de expressão escrita, até porque, consoante pensamento de Fanon (2023, p. 31), “[...] falar é existir absolutamente para o outro”. E o mesmo Fanon ainda vaticina: “Um homem que possui a linguagem possui, por conseguinte, o mundo expresso por essa linguagem e implicado por ela” (Fanon, 2023, p. 31). Ora, o que caberia a um negro, naquele momento histórico, dotado de uma capacidade ímpar para se expressar no vernáculo, além de estar plenamente cômico das barreiras colocadas à sua frente, barreiras estas cerceadoras de acesso aos direitos à cidadania, dentre elas, a do racismo, que se constituía num tema fundamental a ser avaliado pelos africanos e afrodescendentes? A resposta é contundente: expressar-se com sensibilidade em face de um mundo marcado por profundas diferenças e jogo de interesses de toda ordem; deixar um testemunho, por intermédio de seu projeto literário, desse processo perverso denominado de discriminação étnico-racial, oriundo sobretudo de uma subjetividade branca (europeia/ocidental), que fez de tudo para coagir povos a se auto conceberem como inferiores, e aceitarem como normais instâncias de hierarquização, submissão e diferenciação. Diante desse estado de coisas, Cruz e Sousa não se quedou; ao contrário, foi provocado e desafiado. O resultado desse embate deu origem a um projeto literário original, produzido por um artesão da palavra, fazendo valer o que o poeta Ezra Pound, em seu livro *O ABC da Literatura* (1990), disse serem os artistas as antenas da raça (humana). O próprio Pound, na aludida obra, faz referência a um comentário de Marshall McLuhan à sua frase, comentário este que consideramos assaz perspicaz, quando assevera que

O poder das artes de antecipar, de uma ou mais gerações, os futuros desenvolvimentos sociais e técnicos foi reconhecido há muito tempo. Ezra Pound chamou os artistas de “antenas da raça”. A arte, como o radar, atua como se fosse um verdadeiro “sistema de alarme premonitório”, capacitando-nos a descobrir e a enfrentar objetivos sociais e psíquicos, com grande antecedência (McLuhan apud Pound, 1990, p. 13).

É neste sentido que pretendemos continuar a demonstrar a importância da obra cruz-e-sousiana, no âmbito da literatura brasileira, para a diáspora africana,

dada a sua relevância ao retratar e valorizar a cultura, a história e as experiências dos afrodescendentes, no Brasil, em particular, as suas próprias experiências. Para tanto, interessa-nos, especialmente, em alguns de seus poemas e prosas poéticas, constatar o quanto o Poeta de *Broquéis* nos brindou com a sua obra, ao refletir sobre temas que lhe custaram tão caro, como o abolicionismo, o nacionalismo, ao estabelecer diálogo com o progresso e a abolição, além da miserabilidade humana, decorrente também do preconceito étnico-racial.

Em *O Livro Derradeiro*, contido na *Obra Completa (2000)* do Poeta, numa publicação da Editora Nova Aguilar, encontramos alguns sonetos que demonstram a luta de Cruz e Sousa em prol da jornada abolicionista, dentre eles, merecem destaque “Escravocratas” e “Da Senzala”.

“Escravocratas” é marcado, desde o início, por uma interjeição que chama a atenção do leitor para o estado d’alma do sujeito poético. Tal interjeição, que denota clamor, é sustentada até o final do poema, numa clara demonstração de revolta e indignação.

O primeiro quarteto do poema faz referência aos senhores que vivem “à luz dum privilégio / Na pose bestial dum cágado tranquilo”. Estes senhores são considerados cristãos malogrados, fracassados, os quais, na visão do eu-lírico não passam de “Trânsfugas do bem”, concebidos, assim, sob a fina ironia de Cruz e Sousa. No quarteto seguinte, bem como nos dois tercetos, a figura do cristão é ridicularizada, sendo alvo das iras dos poetas, que lhe diferem risos nervosos, marcados por uma musicalidade vertiginosa, dionisíaca.

No último terceto, o sujeito poético se agiganta, sente que pode estar à altura de Luís de Camões, e que quer ser o próprio Adamastor, o gigante do Cabo das Tormentas, do Livro V de *Os Lusíadas*. Com a mesma força de Adamastor, ele poderia enfrentar os senhores de escravos, bater de frente com uma estrutura política e econômica que vivia e se enriquecia às custas da dor e do sofrimento de famílias inteiras. Devolver-lhes-ia as mil e tantas chibatadas recebidas ao longo dos anos de escravidão. Seu verso é, portanto, a sua voz que expressa toda a revolta, e por isso se faz colossal, gongórico⁵, capaz de castrar até mesmo um touro, sentindo, inclusive, prazer ao ouvir os seus terríveis urros, assim como os senhores se comportavam, possuídos por gargalhadas e sarcasmos, diante do sofrimento dos escravos. Em última análise, ao fazer alusão ao seu verso, cromatizando-o de “vermelho”, traz-nos uma imagem simbólica do sangue derramado pelos corpos dos escravos, símbolo máximo de sua dor. Citemos o soneto, em sua integralidade, para melhor termos uma visão de conjunto:

5 Ao usar o adjetivo “gongórico”, Cruz e Sousa faz referência a Luís de Góngora (1561-1726), um dos poetas espanhóis mais influentes, nascido em Córdoba. Sua escrita satírica e cáustica não perdoou muitos homens poderosos, exploradores de dificuldades sobretudo financeiras, de ordem alheia. Suas composições poéticas deram origem ao que passou a se chamar de *gongorismo*, ou seja, um movimento marcado pela densidade da linguagem metafórica. Neste sentido, o poeta evoca Góngora e, seguindo em sua direção, constrói também uma linguagem contundente, metafórica por excelência.

ESCRAVOCRATAS

Oh! Trânsfugas do bem que sob o manto régio
Manhosos, agachados — bem como um crocodilo,
Viveis sensualmente à *luz* dum privilégio
Na *pose* bestial dum cágado tranquilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas
Ardentes do olhar — formando uma vergasta
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,
E vibro-vos à espinha — enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário —
Da branca consciência — o rútilo sacrário
No tímpano do ouvido — audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,
Vermelho, colossal, d’estrépito, gongórico,
Castrar-vos como um touro — ouvindo-vos urrar!
(Sousa, 2000, p. 234).

O mesmo tom de revolta, denunciada no soneto “Escravocratas”, também o é em “Da Senzala”. O soneto encontra-se escrito em versos irregulares. O período da escravidão brasileira está contextualizado no poema, através de dantescas imagens que procuram demonstrar fidedignamente o horror vivenciado por homens, mulheres e crianças, em tempos em que eram obrigados a se submeter a todos os tipos de humilhação e submissão.

Por entre os versos do soneto, é possível perceber a violência sofrida por vários povos africanos diaspóricos, quando obrigados a se mudarem, forçosamente, para o Brasil e para o mundo. Essa mudança forçada custou-lhes a perda de parte de suas tradições, costumes, hábitos, língua. A alma, antes, cheia de força e vigor, envolvida em sua identidade africana, foi ficando, com o tempo, sem cor, sem alegria, cheia de rancor. Assim, a senzala torna-se esse lugar da brutalidade expressa pelo sofrimento e angústia advindos do trabalho forçado diário e incessante. A senzala é, outrossim, uma prisão: nela está aprisionada a vida pregressa de seus habitantes, bem como o sonho de realizações presentes e futuras. Por fim, o sujeito poético, no último terceto do poema, procurar deixar claro que, uma vez

destituído o homem de si mesmo, nada mais faz do que alimentar o assassino de sua vida, de seus sonhos. Entendemos valer a pena citar o soneto também em sua integralidade, pelos mesmos motivos apontados alhures:

DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta

Aonde o infeliz

De lágrimas em fel, de ódio se alimenta

Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada

Alegre e sem rancor;

Porém que foi aos poucos sendo transformada

Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala

Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala

Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,

Um homem de trabalho, um senso, uma razão...

E sim, um assassino!

(Sousa, 2000, p. 234-235).

O poema em prosa “Emparedado” é o terceiro e último poema proposto para análise, neste texto, especialmente por tratar-se de um poema extenso. Ele acha-se inserido no livro *Evocações*. O poema merece destaque dentre aqueles que compõem o livro, dada a multiplicidade de vozes, nele presentes, entretecidas com fios que expressam angústia e revolta, em face de homens que insistiam em categorizar raças ancestrais inferiores e superiores. Aliás, essa questão foi tratada em artigo escrito por Nestor Vítor, “Cruz e Sousa”, publicado em Coletânea organizada por Afrânio Coutinho, que leva o mesmo nome, isto é, “Cruz e Sousa”, para quem o poema “não é apenas um soluço de revolta pessoal, mas da de toda uma raça proscrita pela Civilização inteira, que desdenha quanto pretenda em tais homens ser manifestação de vida superior [...]” (*In*: Coutinho, 1979, p. 133).

A bem da verdade, não faltaram críticos da obra do Poeta Negro, em especial do

poema em prosa, “Emparedado”, que o conceberam como um autêntico testamento de poeta e de homem. Para esses críticos, ainda que Cruz e Sousa, ao escrever sobre o referenciado poema, não tenha tido a intenção de fazer menção apenas à sua situação pessoal, mas, também, à dor e ao sofrimento da pessoa humana, cuidou de, também, enunciar conceitos sobre a arte, numa demonstração clara de seu compromisso com as letras, com o seu projeto literário que já nasceu preocupado em defender não somente uma, mas várias causas. Roger Bastide, um de seus maiores críticos, autor de uma das obras referenciais intitulada *A poesia afro-brasileira*, em artigo também publicado na obra organizada por Afrânio Coutinho, que leva o nome de “Quatro Estudos sobre Cruz e Sousa”: I — A Nostalgia do Branco; II — A Poesia Noturna de Cruz e Sousa; III — Cruz e Sousa e Baudelaire (Estudo de Literatura Comparada); e IV — O Lugar de Cruz e Sousa no Movimento Simbolista.

As reflexões de Bastide, contidas nos quatro estudos sobre a literatura cruz-e-sousiana, apresentam-nos interessantes aspectos sobre a poesia produzida por poetas e escritores negros, em particular, sobre aquela produzida pelo Vate Negro. No primeiro estudo, o crítico tece comentários sobre a ascensão do “homem de cor”, no Brasil. Para ele, a ascensão “do homem ocorre, antes de tudo, em virtude de seus dons artísticos. É pela música, a escultura ou a poesia que ele se eleva na escala social”. (*In*: Coutinho, 1979, p. 157); no segundo, Bastide faz menção à chamada poesia da noite, ou seja, a noite como elemento inspirador para poetas que nela procuram húmus para fazer aflorar seu entusiasmo e capacidade criativa. Ao se referir a esse processo de criação, Roger Bastide diz-nos que

o mais interessante é que Cruz e Sousa trouxe à literatura uma nova concepção dessa poesia noturna; certamente orquestrou temas antigos, mas também acrescentou-lhe novos; pretendeu ir, como ele próprio disse, “até a uma nova e inédita interpretação visual da cor negra”. Se conseguiu atingi-la foi por ter “pensado a noite” como africano (*In*: Coutinho, 1999, p. 164).

E o crítico ainda continua a tecer comentários a respeito da importância de Cruz e Sousa para a produção literária afrodescendente. O sentimento diaspórico do poeta, ao se debruçar sobre essa vertente literária, ou seja, sobre a poesia noturna, fê-lo se reencontrar com a África. É como se Cruz e Sousa tivesse encontrado com o que Bastide chamou de tema da noite africana. Mergulhar no universo da noite africana significou, para o poeta, o aceite à sua raça. Roger Bastide considera que ele, Cruz e Sousa,

Aceitou a sua mãe negra, que não pôde beijar no momento da morte. Mas a alma dela não consegue partir sem que lhe prestem as últimas homenagens; volta por isso, durante a noite, tortura o filho que se debate, porém compreende que não há mais nada a fazer e que carregará sempre consigo essa Sombra, que a África está colada à sua própria alma. Mas, coisa curiosa, aceita no mesmo tempo os preconceitos do branco

para com o negro, considerado um ser amaldiçoado por Deus, levado ao desespero, impelido para o pecado, a luxúria e a orgia. É o que faz que, ajudado pela confusão da cor: negra — noite negra, revele o seu africanismo no lado noturno de seu ser: o lado satânico e demoníaco. É nessa parte de sua obra que brilha a originalidade do poeta brasileiro, sendo alguns dos seus poemas, como o “Emparedado”, iguais os mais belos poemas dos negros dos Estados Unidos (In: Coutinho, 1999, p. 166-67).

No terceiro estudo de Bastide a respeito da poesia de Cruz e Sousa, em que ele estabelece paralelo entre Sousa e Baudelaire, o que realmente merece destaque é o fato de o crítico salientar um tema comum a ambos: “o da maldição que pesa sobre o poeta, que o faz viver à margem da sociedade, como um ser amaldiçoado, vítima da zombaria e do rancor dos homens e que o leva finalmente à revolta. Mas esse tema sofre igualmente uma transformação profunda, porque se ouve no fundo o grito de uma raça oprimida” (In: Coutinho, 1999, p. 173).

Ao sentir o peso da opressão e do preconceito sobre os seus ombros, o sujeito poético de “Emparedado” se dá conta de seu desajuste, isolamento, por isso faz ecoar e ressoar, pelos quatro cantos do mundo, sua voz revoltada, materializada nos versos do poema em prosa, “Evoações”, que se inicia com a força de várias evocações, marcadas por interjeições que denotam o seu estado d’alma. São vozes que fazem ecoar confissão, agressividades, recriminações e denúncias sociais em face do emparedamento imposto àqueles considerados diferentes:

Ah! Noite! Feiticeira Noite! ó Noite misericordiosa, coroada no trono das Constelações pela tiara e prata e diamantes do Luar, Tu, que ressuscitas dos sepulcros solenes do Passado tantas Esperanças, tantas Ilusões, tantas e tamanhas Saudades, ó Noite! Melancólica! Soturna! Voz triste, recordativamente triste, de tudo o que está morto, acabado, perdido nas correntes eternas dos abismos bramantes do Nada, ó Noite meditativa! Fecunda-me, penetra-me dos fluidos magnéticos do grande Sonho das tuas Solidões panteístas e assinaladas [...] (Sousa, 2000, p. 658).

À medida que a voz do poeta emparedado se fortalece, sua veia transgressora se aflora a tal ponto que tudo aquilo que pode contribuir para que o preconceito alastre suas raízes passa a ser alvo de suas investidas, investidas estas que denunciam seus malefícios: são as convenções sociais que tolgem ideias; preceitos, regras e doutrinas que irritam o poder criador de pessoas; são teorias, esquemas e dogmas, “armados e ferozes, de cataduras hostis e severas” (Sousa, 2000, p. 661). E o poeta, definitivamente, sente e sofre com o peso de tamanho esquema perverso, articulado para atacar e desmerecer seu povo, sua gente, sua África, por isso sua voz evoca e faz transbordar o seu sentimento:

Eu trazia, como cadáveres que me andassem funambulescamente amarados às costas, num inquietante e interminável apodrecimento, todos

os empirismos preconceituosos e não sei quanta camada morta, quanta raça d'África curiosa e desolada que a Fisiologia nulificara para sempre com o riso haeckeliano⁶ e papal⁷! (Sousa, 2000, p. 661).

Quanto mais contato mantemos com o livro *Evocações*, em particular com o poema “Emparedado”, mais claro fica para nós, leitores privilegiados da poesia de Cruz e Sousa, acerca de sua dó, sofrimento e revolta em face das contradições sociais e, neste sentido, a obra parece querer dar conta de materializar-se num profundo sentimento de vingança contra esse estado de coisas. Aliás, Abelardo F. Montenegro, em interessante estudo sobre a obra do poeta catarinense, nomeado de *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*, presenteia-nos com um sugestivo depoimento:

A obra de Cruz e Sousa, mormente “Evocações”, é uma vingança contra tudo o que ele odeia e despreza, reconhecendo, entretanto, a sua impotência para modificar a ordem estabelecida. Esbarrando na realidade cruel, regride ao passado e a sua nostalgia se une à intenção concomitante de desvalorizar essa mesma realidade. [...] Ele bendizia a saudade que é dor e gosto de doer. Saudade dos bens que não gozou. Saudade do mundo que construía em sonho. Saudade sempre ligada à imagem do Arcanjo armado de gládio e símbolo católico da vingança (Montenegro, 1998, p. 165).

Assim, as contradições sociais e os preconceitos a elas inerentes, constantes do poema em prosa sob análise, se apresentam das mais diferentes formas e vertentes: o embate entre diferentes civilizações, povos e raças, uns colocando-se como superiores; outros, na luta para fazer valer seus direitos e reconhecimento (“As civilizações, as raças, os povos digladiam-se e morrem minados pela fatal degenerescência do sangue, despedaçados, aniquilados no pavoroso túnel da Vida, sentindo o horror sufocante das supremas asfixias” (Sousa, 2000, p. 662)); o domínio das regras do jogo por parte daqueles que detêm o poder, seja ele político, econômico, ou até mesmo o domínio que exercem sobre o mundo das Artes: “Era uma politicazinha engenhosa de medíocres, de estreitos, de tacanhos, de perfeitos

6 O poeta, de modo irônico, alude-se, com o uso desse adjetivo, a Haechel e à sua doutrina. Ernst Heinrich Philipp August Haechel (1834-1919) foi um biólogo, naturalista, médico, filósofo, artista e professor alemão. Seus trabalhos e pesquisas ajudaram a se tornar populares as ideias de Charles Darwin sobre os processos evolutivos e a origem das espécies.

7 De forma irônica, o poeta faz alusão à figura do Papa e seu correspondente adjetivo, papal, o representante maior da Igreja Católica. Há várias referências ao catolicismo na obra de Cruz e Sousa, ainda que tais referências nem sempre sejam necessariamente representações que se vinculem a esse universo, uma vez que o tema da religiosidade, na literatura cruz-e-sousiana, se apresenta, também, em seu caráter universal, assim como numa perspectiva mística.

imbecilizados ou cínicos, que faziam da Arte⁸ um jogo capcioso, maneiroso, para arranjar relações e prestígio no meio, de jeito a não ofender, a não fazer corar o diletantismo das suas ideias. Rebeldias e intransigências em casa, sob o teto protetor, assim uma espécie de ateísmo acadêmico, muito demolidor e feroz, com ladainhas e amuletos em certa hora para livrar da trovoada e dos celestes castigos imponderáveis!” (Sousa, 2000, p. 665); a negação, por parte de poderosos, da Arte, das tradições, usos e costumes e da língua e de suas diferentes formas de expressão oral e escrita de povos considerados inferiores, sobretudo em função das origens de sua raça e de sua “química biológica”:

Nos países novos, nas terras ainda sem tipo étnico absolutamente definido, onde o sentimento d’Arte é silvícola, local, banalizado, deve ser espantoso, estupendo o esforço, a batalha formidável de um temperamento fatalizado pelo sangue e que traz consigo, além da condição inviável do meio, a qualidade fisiológica de pertencer, de proceder de uma raça que a ditadora ciência d’hipóteses negou em absoluto para as funções do Entendimento e, principalmente, do entendimento artístico da palavra escrita. / Deus meu! por uma questão banal da química biológica do pigmento ficam alguns mais rebeldes e curiosos fósseis preocupados, a ruminar primitivas erudições, perdidos e atropelados pelas longas galerias submarinas de uma sabedora infinita, esmagadora, irrevogável! / Mas, que importa tudo isso?! Qual é a cor da minha forma, do meu sentir? Qual é a cor da tempestade de dilacerações que me abala? Qual a dos meus sonhos e gritos? Qual a dos meus desejos e febre? (Sousa, 2000, p. 669).

Finalmente, no quarto e último estudo sobre a obra de Cruz e Sousa, Roger Bastide evidencia a respeito do lugar e importância do poeta no Movimento Simbolista. Além de ter sido o seu principal mentor em terras nacionais, o Poeta Negro, consoante ensinamento de Bastide,

construiu, só com seu cérebro, o seu mundo poético e elabora, isento de qualquer influência, a sua própria experiência simbólica. Seu simbolismo seguirá, sem dúvida, a lei geral, exigirá a existência de um mundo transcendente, de um mundo de Essências, mas ante ele reagirá com a sua personalidade fremente e dolorosa, que não é senão dele (*In*: Coutinho, 1979, p. 184).

8 Ao fazer referência à Arte, em seu sentido *lato*, o poeta parece quer incluir, aí, a estética Simbolista, a Arte Simbolista, da qual é o mais importante representante, no Brasil. O poema em prosa “Página Flagrante”, uma autêntica “Ode ao Simbolismo”, demonstra a força da voz cruz-e-sousiana na defesa do novo projeto literário simbolista. Há uma passagem contida no poema que merece ser mencionada: “Quanto à Arte queriam que a expressão, que a frase vivesse, brilhasse, sonora e colorida, como um órgão perfeito. Que tudo o que dissessem ficasse imperecível, eterno, perpetuado no Espaço e no Tempo, com os sons que os circundavam, a cor, a luz, o aroma que os atraía. / As palavras deveriam ser, para se eternizarem, cravadas no ar límpido, como num forte cristal de rocha. / Era a ânsia dos requintes supremos, a exigência das formas castas, que os fascinava, que os seduzia, tentava como nudez formosa de mulher virginal. Tudo, enfim, na Arte, deveria ficar luminoso e harmonioso, como um cantar d’astros” (Sousa, 2000, p. 478).

Considerações finais

Stuart Hall (2006) ensina-nos que o sentimento de pertencimento experimentado e vivenciado pelo sujeito na diáspora é propício a ser potencializado na vida que leva no exterior. As pessoas que se encontram, assim configuradas, não podem mais “retornar às suas casas”; e se pudessem fazê-lo, certamente, não iriam encontrar suas casas como dantes. Isso quer dizer que suas origens, tais quais foram por essas pessoas deixadas para trás, não mais será possível de voltarem a elas, ou seja, às suas vidas pregressas. No entanto, ainda que pese essas impossibilidades, a África se constitui em um significante, até porque, como bem nos orienta Amílcar Cabral *apud* Gramiro de Matos (1996, p. 13), na África “a cultura, sejam quais foram as características ideológicas ou idealistas das suas manifestações, é um elemento essencial da História de um povo”.

Cruz e Sousa, mesmo tendo nascido e criado na casa do então Coronel Guilherme Xavier de Sousa, e desfrutado da proteção de sua esposa, D. Clarinda Fagundes Xavier de Sousa, com a qual aprendeu as primeiras letras, não se esqueceu dos ensinamentos de seus pais, Guilherme Sousa, ex-escravo, e Carolina Sousa, alforriada, a respeito de suas origens.

Essas origens estão muito bem demonstradas no projeto literário do poeta de Nossa Senhora do Desterro, atual Florianópolis, Santa Catarina. Ele revela-nos um conjunto de poemas que nos fazem pensar a diáspora africana, a diáspora de seus pais, a sua diáspora. Para tanto, ele não se desligou de sua ancestralidade; ao contrário, para propagá-la, fez uso daquilo que mais sabia construir: a sua arte poética. Neste sentido, foi possível, a partir da análise de dois de seus sonetos — “Escravocratas” e “Da Senzala”, de *Cambiantes*, de *O Livro Derradeiro* —, bem como de seu poema em prosa, o indispensável “Emparedado”, do livro *Evocações*, perceber o impacto dos escritos de Cruz e Sousa, envoltos da cultura africana, na literatura nacional. Esse impacto foi percebido graças ao tratamento de temas assaz caros ao seu projeto literário — racismo, preconceito, identidade, diversidade e resistência. Ao tratá-los, o poeta não perdeu de vista o legado da cultura africana na literatura brasileira; a representatividade do negro nas letras nacionais, mesmo diante de tanta resistência e preconceito sofridos; o combate à escravidão e à vinda forçada de milhões de africanos para o país.

Enfim, Cruz e Sousa tornou-se essa voz que tem propagado entre nós suas experiências da diáspora africana e, por isso mesmo, foi concebido por si e continua a sê-lo por nós, seus leitores, como o Poeta, o Assinalado. O soneto, que leva este nome, é, assim, emblemático, daí ser merecedor de, pretensamente, “fechar” estas considerações finais:

O ASSINALADO

Tu és o louco da imortal loucura,
O louco da loucura mais suprema.
A Terra é sempre a tua negra algema,
Prende-se nela a extrema Desventura.

Mas essa mesma algema de amargura,
Mas essa mesma Desventura extrema
Faz que tu'alma suplicando gema
E rebente em estrelas de ternura.

Tu és o Poeta, o grande Assinalado
Que povoas o mundo despovoado,
De belezas eternas, pouco a pouco...

Na Natureza prodigiosa e rica
Toda a audácia dos nervos justifica
Os teus espasmos imortais de louco!
(Sousa, 2000, p. 201).

THE AFRICAN DIASPORA IN THE POETRY OF CRUZ E SOUSA

Abstract: This text analyzes the poetry of the vate from Santa Catarina, Cruz e Sousa, from a perspective that seeks to identify, in his literary project, the narrative of the experiences of Afro-descendants in Brazil and the consequences of the slave trade, in addition to highlighting the importance of African culture in the formation of Brazilian society. We also aim to reflect on the African diaspora present in the literature of Dante Negro, and its contributions to expand knowledge about Afro-Brazilian history and culture. In this sense, we intend to demonstrate how much such reflections by Cruz e Sousa served as a denunciation in the face of issues of identity, racism, prejudice and resistance. The poems to be analyzed will be extracted from his Complete Work, published by Editora Nova Aguilar, in its 1995 edition, and are called: "Escravocratas" and "Da Senzala", from the book *Cambiantes – O Livro Derradeiro*; and the prose poem, "Emparedado", from the book *Evocations*. As a theoretical basis, we will make use of reflections on the proposed theme, contained in works by Hall (2006); Bastide (1943); and Fanon (2021; 2023).

Keywords: Cruz e Sousa; Brazilian Literature; African Diaspora; Afro-Brazilian culture

Referências

BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA NVI. Trad. Claiton André Kunz, Eliseu Manoel dos Santos e Marcelo Smargiasse. São Paulo: Editora Vida, 2013.

COUTINHO, Afrânio (org.). *Cruz e Sousa: fortuna crítica*. 4. ed. Brasília: Civilização Brasileira; INL, 1979.

DICIONÁRIO INFOPÉDIA DA LÍNGUA PORTUGUESA [em linha]. *Verbetes: diáspora*. Porto: Porto Editora. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/diaspora>>. Acesso em: 12 ago. 2024.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

MATOS, Gramiro de. *Influências da literatura brasileira nas literaturas africanas de língua portuguesa*. Salvador: EGBA, 1996.

MONTENEGRO, Abelardo Ferreira. *Cruz e Sousa e o movimento simbolista no Brasil*. Fortaleza: UFC Edições / Fundação Franklin Cascaes - Prefeitura Municipal de Florianópolis, 1998.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. São Paulo: Cultrix, 1990.

SOUSA, Cruz. *Obra completa*. Organização de Andrade Murici. Atualização e notas por Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 2000.

WALTER, Roland. O espaço literário da diáspora africana: reflexões teóricas. In: QUEIROZ, Amarino; LIMA, Maria Nazaré de; WALTER, Roland (orgs.). *A cor das letras*: UEFS, número temático: literatura, cultura e memória negra, n. 12, 2011.

Recebido em 17 de agosto de 2024

Aprovado em 02 de outubro de 2024

A PRESENÇA DA IRONIA COMO DADO INTEGRANTE DE DISCURSOS NARRATIVOS DE CONTOS BRASILEIROS

Juciene Silva de Sousa Nascimento¹

Andressa Dias Koehler²

Resumo: A análise refere-se à presença do elemento irônico em diferentes narrativas de autores da literatura brasileira, como a de Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Na maioria das vezes, o narrador se apodera de uma ironia ora sutil, ora sagaz que provoca o mais alto grau de rebaixamento das figuras outrora consideradas marginais e/ou maiores dentro de diferentes espaços culturais e temporais. O estudo identifica as distintas formas com que os autores se utilizam da ironia, a fim de pôr em relevo as conversões culturais, sociais, ideológicas, paradigmáticas, entre outros, que vêm ocorrendo ao longo do tempo. O suporte teórico respalda-se em Benjamin (1980); Bosi (2007); Pereira (2001); Barbosa (1995); Pontieri (1999); Santiago (1989), entre outros. Neste, é considerada a existência de uma teia irônica, tecida com engenho magistral pelos autores, sobretudo quando desejam satirizar a existência humana em detrimento da sua inserção nos seguimentos sociais.

Palavras-Chave: Narrativas brasileiras; ironia; sátira; engenho.

Introdução

A literatura sempre pode ser considerada, também, como veículo de informação e reflexo da sociedade em que é produzida. Diante dessa perspectiva, ao longo do tempo, inúmeros autores a utilizaram como uma forma eficaz de produzir cultura, propagar costumes, imortalizar tipos, bem como refutar aquilo que os incomoda no mundo real. Por conta disso, a arte literária serviu, e ainda serve, como forma de demonstração da liberdade de expressão humana, sobretudo, em momentos históricos de coerção governamental. Nessas situações, nada mais resta aos literatos que metaforizar, para dizer aquilo que precisa ser dito, e ironizar, a fim de criticar, rebaixar ou apresentar o outro lado do que se é dito, num jogo paradoxal de palavras.

1 Professora/pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL, da Universidade do Estado da Bahia, Campus X. E-mail: jssnascimento@uneb.br.

2 Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora e Mestre em Educação (UFES). Licenciada em Letras Português (UFES). E-mail: andressa.koehler@ufes.br.

Nesse sentido, a ironia pode ser considerada como uma grande parceira do fazer literário, haja vista as intenções de quem a utiliza em conformidade com a sua própria definição, que, na Europa Moderna, podia ser entendida como:

[...] algo que “diz uma coisa mas significa outra”, como uma forma de “elogiar a fim de censurar e de censurar a fim de elogiar”, e como um modo de “zombar e escarnecer”. Era também usado para significar dissimulação, mesmo dissimulação não-irônica, subentendidos, e paródia (Muecke, 1995, p. 33).

A partir de tal conceito, pode-se perceber como esse elemento vem sendo trabalhado por autores brasileiros, uns de forma mais perspicaz, enquanto outros de maneira sutil e sorrateira ao evidenciar traços de personagens tipificadas, ações de uma coletividade, comentários indiciadores na voz narrativa, dentre outras coisas. No entanto, à medida que as inovações vão chegando, a definição do termo também segue ganhando novas formas de manifestação, o que antes era proposital, agora pode ser possível considerar a ironia como possuidora de uma natureza dual, ora instrumental, ora observável³. Isso suscita a possibilidade da percepção autoral de algo que socialmente não agrada, ou é inaceitável e no tecer da linguagem literária; em alguns casos, a ironia flui sem ao menos ser conjecturada e/ou arquitetada, já em outros, o autor faz questão de utilizá-la como se fosse um instrumento de guerra, na qual seu proprietário é altamente treinado para o manejo de tal instrumento, atacando na hora certa e se defendendo de acordo com o golpe inimigo.

Em literatura, assim como já foi salientado, a ironia também pode ser compreendida como uma forma de parodiar, que, segundo Josephe Shipley (apud Sant’anna, 2004, p. 12), é discriminada em três tipos básicos: a) *verbal* – com a alteração de uma ou outra palavra do texto; b) *formal* – em que o estilo e os efeitos técnicos de um escritor são usados como forma de zombaria; c) *temática* – em que se faz a caricatura da forma do espírito de um autor. Nesse sentido, tentar-se-á identificar, aqui, como autores de contos populares brasileiros utilizam-se de tal ferramenta no instante da escritura literária, pois faz parte da cultura de um povo recompor a memória das épocas que se foram e, deste modo, podemos “saber” do conto popular testemunhando sua presença em antologias a que foi escolhido e, ainda, estudado, analisado; visto, assim, não sob o prisma do prazer, mas sob bisturis dissecadores que servem a análises minuciosas de cada uma de suas partes, em busca de compreensão maior⁴.

A análise se fará de forma a perceber como os autores Machado de Assis, Augusto dos Anjos, Clarice Lispector e João Guimarães Rosa se comportam diante da inspiração real para a criação de tipos sociais, bem como a forma como esses

3 MURCKE, 1995, p. 35.

4 MARIA, 1992, p.15.

são analisados, interpretados, censurados e rebaixados diante de suas condições existenciais.

1 Elementos irônicos constitutivos do discurso narrativo em *Noite de almirante*, de Machado de Assis

O conto *Noite de Almirante*, de Machado de Assis, é uma das muitas narrativas machadianas que evidenciam o caráter perspicaz de um escritor à frente do seu tempo. Nele a tessitura textual é um emaranhado de visões realistas e representatividades personificadas de ideias, discussões narrativas e rupturas sociais, as quais surgem ao longo da narrativa não com a intenção de aliciar ou persuadir o leitor, mas sim com a casta intenção de apenas apresentar verdades outrora omitidas e/ou resguardadas por antecessores que prezavam por uma estética obsoleta, quiçá disfuncional.

É interessante observar como Machado logra representar tipos de forma verticalizada com propriedade, perpassando por culturas e colocando em relevo as ferramentas constitutivas da (a)moralidade social, como acentua Alfredo Bosi (2007, p. 10-11), afirmando que o olhar utilizado pelo narrador machadiano ora é cognitivo e, no limite, definidor, ora é emotivo ou passional, que, num estilo diplomático, contido, medido, civilizado, mediador em primeira instância parece querer atenuar a gravidade dos fatos, porém no plano de fundo revela o caráter obscuro da realidade narrativa.

No conto *Noite de Almirante* é visível a infinidade de focos, visões e aplicabilidades que podem ser retidas pelos leitores contemporâneos, haja vista o tempo da escrita narrativa comparado à carga ideológica e sociocultural pertencentes aos indivíduos do século XXI, no entanto a aplicabilidade e o reconhecimento dos traços reais são inevitáveis, o que pode confirmar a ideia de Walter Benjamin (1980, p. 62), que diz ser a narrativa diferente da informação, pois ela não se exaure, conserva coesa a sua força e é capaz de desdobramentos mesmo depois de passado muito tempo. Mais adiante Benjamin discute a ideia de que narrar histórias é sempre a arte de continuá-las contando e esta se perde quando as histórias já não são mais retidas. Perde-se porque já não se tece e fia enquanto elas são escutadas. Nesse contexto, Machado se apropria da metalinguagem a fim de discutir o fazer narrativo, no sentido de evidenciar como a arte de narrar está perdendo o seu lugar para a praticidade moderna, personificando tal ideia em personagens do conto como Deolindo, que é o narrador que retira das suas viagens as histórias que irá narrar para um público que já não é mais tão interessado e as considera, agora, apenas como “narração de episódios”.

Nesse sentido, é *mister* que se leve em consideração no conto *Noite de Almirante* a existência de dois tipos narrativos explanados por Benjamin (1980, p. 58), que os diferencia como “marinheiro mercante”, aquele narrador que, quando faz uma viagem, tem alguma coisa para contar, que é imaginado como alguém que veio de

longe; e o “lavrador sedentário”, que é aquele que, vivendo honestamente do seu trabalho, ficou em casa e conhece histórias e tradições de sua terra. Pode-se dizer da figura do marujo Deolindo, que representa o marinheiro mercante, e do mascate José Diogo, o qual pode ser entendido como o narrador sedentário, este estando mais frequentemente em sua terra, passava horas conversando com Genoveva, a ouvinte que tecia e fiava enquanto ouvia as histórias de ambos os narradores, a qual foi indiscutivelmente seduzida pelo discurso do narrador sedentário momentaneamente, por estar constantemente em sua companhia e que, logo depois, perde também o encantamento por esse narrador e prefere estar sozinha, imbuída na sua praticidade moderna.

O reconhecimento do engenho machadiano, em dar atenção privilegiada à construção narrativa, deve ser o mesmo que cuidadosamente observa a criação das personagens, as quais, na maioria das vezes, se mostram como elementos representativos dos vários tipos sociais que compõem o dia a dia das experiências humanas. Diante disso, é possível identificar nas personagens de *Noite de Almirante* uma representação, ora sutil, ao olhar mais desatento, ora densa, ao olhar mais apurado, de tipos sociais evidenciadores de uma quebra de paradigmas e/ou valores criados pela sociedade patriarcal e machista antecessora da modernidade, a qual, mesmo estando em processo estrutural, ainda guarda vestígios de tal formação; e, para demonstrar essa conversão paradigmática, Machado se apodera de uma ironia sagaz que, com palavras brandas, provoca o mais alto grau de rebaixamento das figuras outrora consideradas maiores, como é o caso dos consensos ideológicos em torno da figura masculina.

No início do conto, o autor faz ironicamente uma mescla entre substância e característica ao nomenclaturar o personagem como Deolindo, nome no qual a fusão dos significados (Deo = Deus e lindo = dotado de beleza) remete à imagem perfeita de homem, se considerada a ideia de que Deus é um ser perfeito, logo se substancializado é agradável a sua contemplação, o que pode também ser característica da paródia verba, haja vista a troca e o jogo de palavras a fim de lograr o efeito irônico. Logo depois de fazer esse enlace, lança ao conhecimento do leitor a alcunha de bordo do marujo: “venta-grande”, ou seja, se era uma alcunha de bordo, significa que seus próprios colegas reconheceram nele não a perfeição divina, como sugere o nome, mas sim a figura de um indivíduo que provoca espanto considerável pelo fato de ter as narinas abertas.

A ironia continua na inscrição da fala dos companheiros de viagem quando afirmam, admiradamente, que Deolindo passará por uma noite de almirante ao encontrar-se novamente com o “colozinho de Genoveva”. A disparidade em comparar o reencontro de Deolindo com a “caboclinha” pobre com uma noite de orgia de alguém de patente elevada, haja vista que o personagem era um simples marujo, é um dos fortes traços da ironia sagaz machadiana, além de fazer uma conexão um tanto óbvia que um almirante, em suas “farras” portuárias, faria questão de estar em companhia de várias mulheres, o que não era o caso de Deolindo.

Essa vertente irônica leva cabo em momentos singulares da narrativa, os quais, em uma análise entre consensos feministas e machistas, mostrariam que a figura feminina é que estaria mais propensa, até mesmo pela característica do seu comportamento emocional, a esperar que o homem agisse da mesma forma sentimentalista que ela, no entanto, com Deolindo é diferente; é ele quem sonha, quem espera, quem se preocupa em comprar “mimos” que agradem a pessoa amada e ainda espera que tal pessoa se prepare tão encantadamente para o momento do reencontro quanto ele.

O momento crucial da degradação da figura masculina está na fala do narrador quando comenta que “Deolindo perdeu a última esperança. Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um “pedacinho de gente”, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa”⁵. É interessante a forma como a personagem, nesse momento, é tratada através do juízo de valor que o narrador faz: “um pedacinho de gente”, isso pode ser entendido de maneira a suscitar a pergunta de como um pedacinho de gente teria a capacidade de causar tanto mal, tanta humilhação e sofrimento a um marujo, se considerarmos que a figura de marujo remete à força do trabalho, à figura masculina fisicamente dotada de vantagens sobre a mulher?

No desfecho da narrativa, está manifestado também o desfecho sublime da massacradora ironia sobre a figura masculina, pois, como homem, nem a coragem de acabar com a sua própria existência Deolindo teve. Nesse momento, cai por terra a imagem inveterada dos privilégios da masculinidade no seio de uma relação amorosa, ou seja, agora quem gerencia a transitoriedade da dinâmica dos relacionamentos é a mulher.

Diante dessa perspectiva, se Deolindo é a representação da decadência masculina, Genoveva é a figuração da mulher moderna, isto pode ser percebido através dos traços, muito bem colocados, na própria descrição da personagem, em que o narrador a descreve como “esperta” e “atrevida”. Ao longo da narrativa, as pistas de uma mulher ora inovadora, propensa à volúpia, são deixadas nos elementos constitutivos do discurso de algumas personagens, como a velha Inácia quando diz que fez bem em aconselhar Deolindo a não fugir com Genoveva, pois, quem sabe agora, a história dos dois estaria “como o lindo amor”, suscitando, assim, a hipótese de que se fugissem Deolindo estaria abandonado, ou até mesmo trocado por outro.

Além desse traço, pode-se notar em Genoveva uma mulher destemida, capaz de afirmar ser verdade o que Deolindo ouviu a respeito do seu novo romance e ainda rechaçá-lo num momento de ímpeto, com isso controla a reação negativa de um homem com o ego ferido. No entanto, ao mesmo tempo em que é uma mulher esperta e atrevida, é paradoxalmente caracterizada como desconhecedora do nível do “padrão moral das ações” que realizava. Mostra-se determinada e alheia aos

5 ASSIS, Machado. *História sem Data*, 1998, s/p.

questionamentos de Deolindo, dissimulando a gravidade do acontecido, trocando facilmente de assunto e inserindo temas totalmente fúteis ao momento de um diálogo tão importante, pelo menos para a outra parte. Além desse traço consideravelmente feminista, o fato de fazer pouco caso dos brincos, comprados com tanto zelo e dedicação, evidencia a possível mudança de comportamento feminino em se impressionar fácil com as ofertas de presentes dados com o intuito de, através do agrado, conquistar a pessoa amada. Surpreendentemente o narrador também ironiza esse fato em dois momentos: o primeiro, no instante em que tece o comentário de que Genoveva gostou de ver os brincos na hora que os recebeu e achou que foram feitos para ela; o segundo, quando a própria Genoveva, explicitamente, diz que os brincos eram engraçados.

Ademais dessas observações, Machado explora tanto o comportamento quanto a fala de Genoveva com finalidade de usar a metalinguagem, em que o fato da personagem tratar as bonitas histórias de Deolindo como uma mera “narração de episódios” remete ao que Benjamin (1980, p. 66) comenta sobre o fato de a relação ingênua entre ouvinte e narrador ser dominada pelo interesse em reter a coisa narrada. Levando em consideração a definição do narrador “marinheiro mercante”, citado anteriormente, o autor rediscute nesse episódio o próprio fazer narrativo, que já não é mais o mesmo, nem desperta o interesse do ouvinte em criar uma intimidade com o narrador, colocando em questão a difícil identificação do papel de conhecedor e conhecente.

O desfecho da trama é o arremate final do autor na tessitura textual, no qual apresenta de forma realista um final inaceitável para os leitores despercebidos e dotados de expectativas românticas. Porém, apesar de o leitor esperar pelo “final feliz” ou um desfecho “mirabolante”, ao longo da narrativa são distribuídos indícios que levam à logicidade do final da trama. O primeiro deles está presente logo no início, quando o narrador, em sua fala, argumenta que o casal ficou “prestes a dar uma cabeçada”; tal colocação leva a crer que o romance futuramente não daria certo. O segundo pode ser notado no comportamento volúvel de Genoveva no momento do fatídico reencontro, no qual o narrador cita que, ao ver “o vulto de um homem, (ela) levantou os olhos”; isso pode ser compreendido como que Genoveva cultivava o hábito de olhar para os transeuntes, do sexo masculino, que passavam por ali, logo depois completa com “e deu com o marujo”, na possível intenção de mostrar a decepção da personagem ao deparar-se com a figura que jazia em seu esquecimento e que para ela já não significava mais nada. O terceiro, é o momento em que Deolindo sai da casa da amada não mais como “o rapaz impetuoso da tarde”, ou seja, agora rebaixado à sua verdadeira condição, é reconhecido como marujo cabisbaixo e lento, não mais como o almirante virtuoso, corajoso e determinado.

Tal ênfase final pode ser entendida como a ratificação da teia irônica tecida ao longo do conto, a qual se mostra nitidamente no momento em que Genoveva, ao conversar com sua amiga, evidencia um Deolindo previsível nas suas ações, caracterizado como um homem que dizia as coisas, mas não fazia. Fica aí registrado

o mais alto grau de rebaixamento masculino, pois nem mesmo a honra de cumprir com a palavra o homem tinha, opondo-se à ideologia dos grandes cavaleiros que levavam aos limites o cumprimento da sua honra.

2 Clara dos Anjos: a mulata angelical perdida pelos próprios sonhos

É notável como as perseguições destinadas a Lima Barreto em vida, e que o fizeram vítima em uma considerável parte da sua existência, foram refletidas em suas obras, não de forma totalitária, contudo pagou em vida um elevado tributo à pobreza, ao racismo e à inveja ao seu talento. Ao longo de suas produções literárias, necessitou travar batalhas constantes contra todo tipo de preconceitos e prevenções de sua época. Em vista disso, tornou-se um respeitável criador de tipos, podendo ser considerado, hoje, como um dos maiores escritores cariocas.

Pode-se considerar que Lima Barreto converteu-se em pintor dos subúrbios e dos tipos desventurados, caricaturando indivíduos marginalizados, descrevendo locais de exclusão e repúdio social do ascendente convívio republicano vigente, como enfoca Elvya Ribeiro Pereira (2001, p. 229), ao afirmar que:

No Rio de Janeiro do início do século XX, as desigualdades sociais acentuam-se diante da face ‘modernizadora’ com a qual se reveste o regime republicano recém implantado, que se mostra ineficaz quando se trata dos anseios e necessidades daqueles que já estão à margem de um projeto modernizador excludente e de fachada [...].

A maior inquietação do autor, demonstrada nas prosas ficcionais, será a inovação da tessitura textual em traçar, de forma bastante acentuada, quadros que retratem a vida cotidiana nos subúrbios da cidade ora promissora, o Rio de Janeiro. Em seus romances e contos pode-se identificar o dia a dia de funcionários públicos, donzelas que sonham ansiosamente com a honra do casamento ideal, mulatos perseguidos pelo preconceito racial, constituindo uma tela na qual são traçados, de forma mais clara, os reais mecanismos de relacionamento social típico do Brasil no início do século XX.

Ao levar em consideração tais fatores, pode-se observar, tanto no romance *Clara dos Anjos* quanto no conto de mesmo nome, uma genuína preocupação com a apurada descrição do ambiente suburbano, a qual no conto se mostra um pouco mais acentuada quando o narrador descreve magistralmente e com conhecimento de causa a casa do carteiro Joaquim dos Anjos e põe em relevo as expressões “casita de subúrbio” e “puxadito que era a cozinha”. Diante dessa estratégica utilização diminutiva, nota-se a conotação do que hoje se assemelharia coloquialmente a um “cubículo”, à improvisação, ou seja, algo condenável pelos costumes burgueses da época. Ademais, é revelado que o carteiro terminou de pagá-la em prestações,

alternativa inevitável dos indivíduos sem posses.

O romance *Clara dos Anjos*, escrito ao longo da segunda internação do autor, é considerado uma obra de grande envergadura em que o tema do preconceito racial persegue as malhas das letras que o compuseram. Nele é apresentada a história de uma ingênua mulata, seduzida cadencialmente por um tipo suburbano de nome Cassi Jones, que passava o tempo tocando violão a fim de conquistar as mocinhas; enquanto que no conto o personagem muda de nome, Júlio Costa, o qual, ao longo da narrativa, é descrito como um genuíno “malandro” do século XX, que tinha por costume cantar modinhas e trazer o cabelo repartido no alto da cabeça “muito exatamente pelo meio”, o que era característico dos malandros da época. Pode-se notar, também, que a sutil dicotomia entre um personagem e outro é apenas o fato de Cassi Jones pertencer a um grupo social de condição superior à de Clara, haja vista que Júlio Costa era habitante do mesmo subúrbio da pueril protagonista e, por conta disso, as semelhantes atitudes de ambos no desfecho da trama estão paradoxalmente carregadas de significados distintos, uma vez que Cassi Jones repudia Clara objetivando reparar o erro que cometeu, enquanto que Júlio Costa a abandonara aos poucos e covardemente por carregar em sua natureza a sina de um galanteador e aliciador de menores, por isso não consegue assumir compromisso com nenhuma das donzelas que desposava.

Mais curiosa que as composições dessas duas *personas* é a descrição minuciosa da personagem Clara dos Anjos, a começar pela ironia da escolha do seu nome em detrimento dos acontecimentos que a envolvem ao longo da trama, o que pode caracterizar a paródia formal, já que a estilização do autor pode ser considerada uma forma de zombaria. A saber, por um lado, a personagem era uma mulata, pleonasticamente mestiça e herdeira dos traços de seus pais, que recebe o nome oposto à cor da sua pele, o qual envolve toda uma discriminação racial, e por outro, uma mocinha educada no seio familiar, bem instruída, porém inocente, ao ponto de não conhecer sua própria sexualidade, ou seja, uma figura totalmente angelical, dotada de sonhos e aspirações que perpassavam a sua convivência suburbana; no entanto é tragicamente enganada por uma figura que está muito aquém do que ela era, rendendo-se impensadamente às seduições e aos prazeres carnavais, transmutando-se da condição de ser angelical para a de “perdida” para assumir a condição de esposa, como denomina os religiosos mais radicais, bem como grupos sociais tradicionais, entre outros.

Além desse traço irônico, ao longo da narrativa são distribuídos muitos outros que ora se mostram intrigantes, ora reveladores como os que estão nas falas do narrador quando alude à própria composição das características da protagonista e ao comportamento esdrúxulo da família de Júlio Costa no conto. Clara se comportava de forma socialmente adequada, “não ia à venda” que era comumente frequentada por vários tipos suburbanos boêmios (expressão que denota sinônimo de despreocupado, indivíduo patusco e vadio), só ia ao cinema com as amigas com a permissão de seu pai, tinha sonhos com um próspero casamento e era educada,

isto é, guardava em si todas as características de uma donzela burguesa, contudo era conformada com a condição de mulata e suburbana, traço que é acentuadamente demonstrado também no desfecho do romance, quando o narrador tece o comentário:

Na rua, Clara pensou em tudo aquilo, naquela dolorosa cena que tinha presenciado e no vexame que sofrera. Agora é que tinha a noção exata da sua situação na sociedade. Fora preciso ser ofendida irremediavelmente nos seus melindres de solteira, ouvir desaforos da mãe do seu almoz, para se convencer de que ela não era uma moça como as outras; era muito menos no conceito de todos (Barreto, 1922, p. 76).

Essa tão impactante conclusão também é evidenciada no conto, porém não mais na fala do narrador, mas sim nas últimas palavras de Clara com sua mãe: “- *Mamãe, eu não sou nada nesta vida!*”⁶. Diante dessa afirmação, a redução da personagem é explícita, embora tenha traços notáveis de indivíduos de sucesso. Já a família de Júlio é dotada de características paradoxais, uma vez que o pai é descrito como um “imponente grotesco”, a mãe “relaxada de modos e hábitos” que “come com a mão, andava descalça, cantava intrigas”, mas tinha “uma pretensão íntima de ser grande coisa, de uma grande família e as irmãs “tinham ambição de casamentos doutorais”. Mais à frente, sagazmente, o narrador evidencia a ironia no livre comentário de que eram “pequeno-burguesas, sem nenhuma fortuna”. Todavia, a maior das ironias apregoadas na narrativa é a curiosa frequência do malfeitor na casa de Clara permitida pelo próprio pai, que teve um cuidado exagerado de educar a filha “debaixo de suas asas” e protegê-la de tudo e de todos sem prever que o perigo podia estar ali mesmo, na roda dos seus amigos boêmios, o que configura uma forte crítica aos costumes sociais.

É evidente que a condição de mulato incompreendido e perseguido, fato afirmado pelo próprio autor, influenciou consideravelmente a obra de Lima Barreto, porém isso não é elemento totalitário. Há em seus escritos mais do que a pura reação instintiva, provocada pelas imposições orgânicas; está dotada de um sentimento humano verticalizado e de uma respeitável compreensão dos fenômenos sociais, como afirma Francisco de Assis Barbosa (1995, p. 10) que a importância da obra literária deve existir na exteriorização de certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustioso do nosso destino em face “do Infinito e do Mistério” que nos cerca e aluda às questões de nossa conduta. Diante dessa perspectiva, Barreto trabalha a questão ideológica nas figuras contraditórias de Clara e Júlio, podendo-se afirmar que aquela pertencia a um nível mais elevado, no entanto vivia em um *habitat* distinto das suas experiências e insistia no discurso do dominado, enquanto este tinha costumes demarcadores de um suburbano, que era dado às modinhas e criava galos de briga, sustentando-se

6 BARRETO, Lima. *Os melhores contos*, 1986, s/p.

com os trocados que ganhava de apostas e barganhas, estando totalmente fora do contexto da sua própria família e, em consonância, soube usar maquiavelmente a sedução por estar um pouco acima ou em situação mais privilegiada.

A questão musical é inquisidora, já que quem tocava violão nessas épocas era reconhecido como “vagabundo”; é no momento em que se pode identificar que as manifestações musicais faziam uma conexão direta com a sedução explorada na trama, haja vista que, na própria fala do narrador, Clara é descrita como a filha “habituada às musicatas do pai, que crescera cheia de vapores das modinhas e enfumaçara a sua pequena alma de rapariga pobre com os dengues e a melancolia dos descantes e cantarolas”⁷. Apesar de a personagem ser pueril, tinha uma inclinação ao gosto e apuros musicais. Nesse *ínterim* leva-se em consideração que a música brasileira não era tão bem vista, pois os modelos musicais levados em consideração eram as valsas, as polcas, as óperas e todo e qualquer gênero musical elitista da Europa e, além disso, o instrumento das mocinhas ouvir e/ou tocar não era a flauta nem o violão, mas sim o encantador piano, o qual fazia com que seus pais expusessem os dotes das suas filhas para a sociedade, logo não dava para tocar ao piano as modinhas populares, se contemporaneizado tal fato, era como tentar fazer “pagode” nas teclas afinadas de um piano, ou seja, não combina com os moldes musicais populares.

O *gran finale* esperado pelo leitor mostra-se previsível, haja vista as pistas deixadas pelo narrador ao longo da narrativa. O poder do narrador não se limita em apenas ironizar, mas também ao longo do texto fortes indícios demonstrativos que subentendidamente orientam o leitor a chegar à conclusão dos acontecimentos finais da trama. Um dos mais marcantes é o olhar que Júlio lançou aos seios de Clara, quando a conhece, demonstrando que a paixão dele era puramente carnal, além de, um pouco mais adiante, o próprio narrador descrever que a família de Júlio já conhecia as “cafajestadas” do filho, as várias outras vezes que desposou outras “moçoilas” menores de idade e por isso já o tinha “largado de mão”. Nota-se aí a razão das consequências dos acontecimentos, Clara foi apenas mais uma vítima do galante Júlio.

A cena que mais comove, colocada secundariamente a desilusão sofrida pela jovem, é a constatação da impossibilidade de vencer uma sociedade composta sobre alicerces preconceituosos, a qual determinava os valores dos indivíduos pela cor de sua pele; no entanto no conto as discussões de cor são extrapoladas pelas questões de classe, na qual se evidencia a discriminação de suburbano por suburbano.

A resposta de Lima Barreto ao preconceito e à discriminação social, porém, permanece latente até os dias de hoje como denúncia das práticas sociais de um Brasil injusto. Assim, um novo Brasil é mostrado, certamente um país acerca do qual não se devia ter muito motivo de orgulho, um país cuja desigualdade social era patente. Um país ora real, o que evidencia uma forte questão identitária.

7 BARRETO, Lima. *Os melhores contos*, 1986, s/p.

3 A presença da ironia nos contos “A solução” e “A língua do p”, de Clarice Lispector: da sutilidade ao ridículo

A ideia de que uma mulher inovou a história da literatura brasileira perdura até os dias de hoje quando se trata de Clarice Lispector. O estilo inusitado e a linguagem despojada, da mesma forma que impressiona os críticos, ainda é pauta para inúmeras discussões no que tange às temáticas priorizadas pela autora, haja vista que, segundo Santiago (1999, p. 13), “Clarice Lispector inaugura tardiamente a possibilidade de uma ficção que, sem depender do desenvolvimento circunstanciado e complexo de uma trama novelística oitocentista, consegue alcançar a condição de excelência atribuída pelos especialistas”. É pioneira da criação de uma voz que outrora se mantivera calada, muda forçosamente, em detrimento das circunstâncias: a voz feminina.

Autora de inúmeras narrativas envolventes e dotadas de significado, Clarice Lispector viaja através dos escombros da condição humana ao retratar momentos singulares de personagens, instantes reveladores dos mais íntimos sentimentos de amor, ódio, solidão, confusão, degradação, vivacidade e, até mesmo, descobertas subjetivamente escondidas no decorrer de vivências desafortunadas. São imagens (re)criadas tão verossímeis e impressionantes ao ponto de o leitor, envolvido nos mistérios da narrativa, participar da trama como se lá estivesse, numa espécie de pacto narrativo entre o real e o ficcional:

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está (Eco, 1994, p. 131).

Em face dos constantes acontecimentos na trama clariciana, o leitor, na maioria das vezes, se serve da projeção do modelo ficcional para a realidade, assim que passa a crer que as personagens ali distribuídas de fato existem e que os acontecimentos procederam ou ainda procedem no mundo real, revelando a presença da narrativa artificial, que, de acordo com Umberto Eco (1994, p. 126), “[...] é supostamente representada pela ficção, que apenas finge dizer a verdade sobre o universo real ou afirma dizer a verdade sobre um universo ficcional”.

Diante de uma perspectiva ousada e inovadora, a autora se perfaz na demonstração lúcida de problemas técnicos e de construção da tessitura textual, ao justificar e explicar aspectos específicos do fazer narrativo, além de modificar outros a fim de apresentar algo ainda não apreciado. Neste, a elegância e a dissimulação da escrita configuram-se em falsos objetivos em escrever, os quais se mostram como “um longo, minucioso e recorrente passeio descritivo do olhar sobre a superfície visível, olhar que nada procura por detrás, apenas enfatiza o estar-aí das coisas” (Pontieri, 1999, p. 18-19). A naturalidade com que decorre a escrita demonstra a negação em fazer qualquer tipo de construção teórica, já que a leveza no narrar

intuições, diálogos e/ou reflexões de consciências difusas, evidenciados desde a gênese dos seus trabalhos, é mostrada na prática da narrativa clariciana.

O olhar narrativo sobre o sujeito tendência à impessoalidade, o qual constitui o mundo e seus objetos, a fim de deslocar a ênfase do sujeito em relevar o objeto, favorecendo uma relação de integração entre ambos. Para isso, Clarice Lispector projeta a destruição de uma certa concepção de sujeito já existente, do qual o objeto é proveniente, “sujeito e objeto, retomados em distintas polaridades (eu/mundo, espírito/corpo) são verso e reverso da mesma realidade, donde a busca de integração, dando-se juntamente com a consciência da separação” (Pontieri, 1999, p. 20).

A representação dessa nova perspectiva da narrativa brasileira é tecida através da destreza do uso da linguagem, a qual é criada e recriada de forma a evidenciar o mundo e seus componentes dentro do seu próprio universo constitutivo, na qual, segundo Regina Pontieri (1999, p. 176), “para além do plano dos temas, a necessidade das mediações decorre da própria concepção de linguagem implícita na obra, concepção vinculada à representação alegórica da realidade”. Dessa forma, a linguagem é um instrumento que dá à narrativa a possibilidade de imitar o real tal qual o é, o que faz Clarice Lispector em suas histórias, mesmo sendo estas de curta duração, espaçamento delimitado, ações precisas, ora lentas ora rápidas demais. Ainda que declarando não obedecer a nenhum plano teórico, assim como não conseguia planejar sua própria vida, pois tudo lhe vinha impulsivo e compulsivo⁸, engendra num narrador tipicamente pós-moderno amostras de construções de linguagem que evidenciam, ainda que não o sejam, o real e o autêntico.

Na ficção clariciana, o aprendizado se mostra através do jogo das palavras que vão se encontrando e se diluindo, nas quais as situações grotescas se transformam em riso e humor, às vezes em catarse, construídas em meio a uma teia irônica e/ou sarcástica, que se mostram, aparentemente, de forma sutil. Como aponta Regina Pontieri (1999, p. 151),

[...] Clarice figura situações de vida pequeno-burguesas tratadas com frequência de modo irônico, do qual o riso franco passa longe. Sua visão se enraíza numa subjetividade que, mesmo aspirando fortemente a fusão com o mundo, é também consciência individual. E o medo, bem como o sofrimento, são constitutivos de sua singular experiência de conhecimento. Mas nem por isso deixa ela de buscar a aproximação entre o mundo e o homem e sua reintegração na vida corporal.

Esses traços característicos podem ser notados, de forma cautelosa, no conto “A solução”, no qual a autora evidencia, com engenho e arte, o conhecimento que possui, na maioria das vezes, camuflado, sobre a teoria do conto através da economia temporal, espacial, compondo a narrativa com um elemento forte e um clímax que antecede o desfecho revelador de uma natureza humana trancada e

8 SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*, p. 212.

atirada no mais fundo abismo que esconde a subjetividade. A narrativa perpassa pela amizade trôpega entre Alice e Almira, as quais costumavam fazer suas atividades de datilógrafas sempre juntas, no entanto a dicotomia existente entre as duas era latente.

A vertente irônica já começa na descrição das duas garotas, em que o narrador se posiciona de forma a salientar um preconceito claramente notável na figura de Almira ao descrevê-la como uma “gorda”, dotada de ansiedade, que tinha compulsão por chocolates e amizade, sempre desejando agradar. Tal preconceito se manifesta explicitamente contra o indivíduo que possui o corpo avantajado, no entanto, paradoxalmente a personagem que tinha o corpo delgado é que se mostra estúpida, por isso o narrador brinca com figuração dos corpos e a descrição das características que compõem o caráter das protagonistas, fazendo sempre um jogo de palavras irônicas e figurativas, como na analogia que faz a um elefante quando pretende figurar grosseiramente a personagem Almira. Diante disso, é notável o antagonismo latente entre as personagens e, conseqüentemente, a relação amigável torna-se quase impossível em detrimento da “crise do Eu amigo” entre as duas, como retrata Maria de Fátima B. da Cruz (2003, p. 128):

[...] Almira e Alice, personagens do conto, revelam-se uma a outra como forças antagônicas que coexistem num mesmo espaço sem ao menos se perceberem. Embebidas pelo elemento amizade, que até o momento da revelação encontrava-se camuflado pelas incertezas e desejos pessoais, elas não conseguem concretizar a amizade plena, pois a sedução de Alice (aquela que alicia e seduz o mundo ao seu redor) se incompatibiliza com o olhar de Almira (aquela que a tudo vê). Essa incompatibilidade distende em ambas a crise do Eu amigo, que não consegue perceber no outro uma extensão do que sou.

Ambas sabiam o que representavam uma para a outra, haja vista os seus nomes dotados de significação, ou seja, Alice sabia que Almira era vulnerável em seu corpo, no seu físico avantajado e a atingiu no seu ponto mais fraco com o que se configuraria para ela a maior das crueldades; enquanto que Almira, na essência do seu significado, também sabia que não era correspondida em sua devoção, sabia que a outra não lhe dedicava o amor, a atenção, nem a reverência que tinha por ela, o que se mostrará ao final da narrativa na indiferença de nem “ao menos olhar a cor do sangue da outra”⁹, o que se configura em uma ironia fina e sutil imbricada no falar narrativo a qual permitirá que o leitor tenha um indício para desfecho da trama.

No momento da fatídica discussão, Alice usa a figura da outra com a finalidade de autoafirmação, para dizer que é melhor em inúmeras coisas, com isso empurra Almira um degrau abaixo dela, a fim de compensar a situação nivelada que se encontra naquele momento com a colega, uma vez que perdeu o seu namorado e

9 LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira*, p. 66.

estava sofrendo o mesmo mal de rejeição. Neste instante, existe um refinamento acentuado na crueldade usada por Alice, a sutileza com que rebaixa a outra é demarcadora do paradoxo irônico das características descritas pelo narrador; a figura que aparentava docilidade é a mais grotesca daquela cena.

Tais fatores de crueldade de Alice vão justificando a garfada de Almira. O ritual se evidencia na figuração metafórica do instrumento, um garfo, que é um objeto de alimentação de Almira, aquilo que mais lhe traz o prazer realizador, a garfada interrompeu a voz da outra com um ímpeto de prazer e realização, assim como quando degustava seus melhores manjares, demarcando um momento originalmente epifânico nas ações realizadas por ambas.

O fato de a protagonista ter utilizado um garfo é, ironicamente, original, já que se houvesse o uso convencional da faca, o momento da solução da vida de Almira seria banalizado, não demarcaria a obtenção de prazer assim como no ato de comer. Com isso, ao ser presa, finalmente a protagonista encontrou o que tanto buscava, verdadeiras amigas dentro do cárcere, sem a necessidade de forçar a empatia das companheiras. Diante disso, torna-se indiscutivelmente a ironia sutil já presente no título do conto: a solução para Almira seria ela ter sido presa, pois só aí encontra amigos. A prisão foi a sua liberdade.

Tal ironia se mostra mais na vertente do ridículo no conto “A língua do ‘P’”, no qual o narrador descreve a personagem Maria Aparecida (Cidinha) como uma mulher com necessidade de autoafirmação, que tinha vulnerabilidade ao mostrar algo que não era. A ironia se inicia no diminutivo ‘Cidinha’, que faz com que a personagem seja reconhecida como algo irrelevante, frágil, indefesa, apesar da aparência de cultivar a rigorosidade, de ser reconhecidamente ‘certinha’, conservadora. Já o ridículo, que chega a ser patético, no conto começa a ser apontado na entrada dos dois homens, considerados bandidos da trama, falando a língua do P, o que inevitavelmente provoca o riso no leitor, o qual nasce de uma ruptura de uma lógica comportamental.

O segundo elemento da ironia patética é a reação da protagonista em agir como uma prostituta, insinuando-se para os bandidos, ou seja, alguém que cultivava a virgindade e o hábito de resguardar os ensinamentos familiares se vê na obrigação de mostrar aquilo que não era, ou era de forma paradoxal. O plano se justifica pelo fato de existir toda uma ideologia social em homens patológicos não gostarem de violentar prostitutas. No momento em que a personagem se finge de prostituta, é esvaziada a ação violenta do estupro, haja vista os homens não simpatizarem com mulheres que se mostram. Nesse momento, o riso é diluidor de uma tensão narrativa para o leitor, fato que necessariamente exige engenho por parte do escrevente, e isso Clarice Lispector o faz muito bem.

O terceiro elemento irônico se mostra no momento em que Cidinha encontra-se nas ruas de Copacabana, quando o narrador profere “desgraçada ela, desgraçada Copacabana”, pois demarca o fato de a personagem estar infeliz em um lugar que geralmente as pessoas ficam encantadas em estar ali. Ademais, Copacabana é

uma das maiores concentrações de prostitutas, o que configura um jogo paradoxal de palavras.

O traço irônico mais intrigante é o fato de que a moça aparentemente ‘certinha’ que a desprezou na estação, por estar sendo presa por ser confundida com uma prostituta, é que foi “currada” pelos bandidos, ou seja, a protagonista se salvou da morte e driblou o destino por descobrir-se naquele momento de pânico, já que ela não sabia que o seu desejo sexual iria aflorar no momento de violência: “O que a preocupava era o seguinte: quando os dois haviam falado em currá-la, tinha tido vontade de ser currada. Era uma descarada. Epe sopoupu upumapa puputapa. Era o que descobrira. Cabisbaixa” (Lispector, 1991, p. 89).

Tal preocupação evidencia o momento epifânico da protagonista assim como as de “A solução”, que de forma inusitada mostram suas verdadeiras essências, o EU escondido por trás do desejo sublimado diante de vivências politicamente corretas, o que é uma das maiores preocupações nas narrativas claricianas, como aponta Pontieri (1999, p. 151):

Sua escritura, que enfatiza a subjetividade – tal como aparece nas frequentes incursões pela consciência das personagens –, paradoxalmente se assenta na necessidade de romper os limites de um certo tipo de experiência da subjetividade para recriá-la numa forma diversa, em que o outro não é entidade independente, justaposta a um eu acabado, mas o outro lado de um eu em devir.

As reflexões aqui propostas são evidências de que Clarice Lispector, com sua leveza, sutilidade e perspicácia feminina logra mostrar o outro lado que existe em todo universo feminino, que aos poucos vai tomando forma e lugar, ainda que para isso tenha que ser mostrado através de palavras embebidas numa sutil ironia autorral para, assim, evidenciar as sustentações e os seguimentos sociais ora patéticos.

4 A ironia temática das vivências sertanejas dos contos “Famigerado” e “Os irmãos Dagobé”, de João Guimarães Rosa

É interessante observar como o universo sertanejo rosiano ainda é considerado um leque de informações que, por mais analisadas, especuladas e estudadas que sejam, sempre apresentam um novo olhar, uma nova contribuição para aqueles que desejam compreender o indivíduo regional. Nessa perspectiva, Guimarães Rosa escreveu suas belas histórias com a genuína intenção de apresentar ao mundo uma região aparentemente pobre, porém rica pelos indivíduos que a habitavam, como afirma Alberto da Costa e Silva (2005, p. 10), “tudo a passar-se num sertão que é real e simbólico”, onde as pessoas adéquam seus comportamentos às necessidades de sobrevivência.

Imbuído em uma estética particularizada, o autor recria tipos à sua maneira, no entanto utiliza como elemento do real, a fim de dar verossimilhança às suas

personagens, a narrativa das pessoas com que conversava ao longo de suas viagens pelo local, ou seja, a criação se dá a partir da arte de contar, “tudo como conta o povo. Mas com outra força, intensidade lírica e complexidade psicológica, e com outro sentimento dos símbolos e uma visão transcendente e mística do mundo” (Silva, 2005, p. 12). Com isso, pode-se perceber que a objetividade autoral, de apresentar um local mistificado e, ao mesmo tempo, universalizado, foi lograda por Guimarães Rosa ao converter o sertanejo, em sua ficção, em uma espécie de mito e símbolo de uma cultura em processo de emersão e, ao fazer isso, recria os indivíduos restituindo o discurso, alterando a ordem das palavras, transformando a fala do indivíduo aparentemente ignorante em profundas filosofias e/ou reflexões sobre o próprio comportamento humano, o que também pode caracterizar a presença da paródia temática, uma vez que em seus contos são caricaturados personagens segundo o espírito e estilo do próprio autor, como no conto “Famigerado”, no qual o famoso e temido cangaceiro, Damásio, dos Sirqueira, quer saber o significado da palavra “famigerado”, num jogo paradadoxal entre o que ele é e o que pode lhe vencer, isto é, o fantástico duelo entre o medo e o conhecimento, reflexão trazida pela própria fala do médico quando conjectura que “o medo é a extrema ignorância em momento muito agudo” (Rosa, 2005, p. 56), evidenciando, dentre vários outros, um forte traço irônico, haja vista a necessidade do cangaceiro de conhecer o verbete, contradizendo com o que costumeiramente importava para ele e a fama que tinha.

No universo fictício rosiano, os indivíduos do sertão estão tão acostumados a não encontrarem com quem dialogar por léguas e léguas que se tornam pouco comunicativos, mesmo entre os da família, falam o suficiente ou quase nada, desconfiam de tudo e de todos e, por isso, tornam-se pessoas cerradas em suas próprias subjetividades, conversando consigo mesmas. Por ser tão reticentes, Guimarães caracteriza a fala desses indivíduos um rebuscamento que acaba se tornando uma mescla de ignorância com pequenas amostras de pouco conhecimento. Tais características configuram o paradoxo irônico que o conto apresenta, pois a voz narrativa descreve o personagem Damásio da forma mais temível possível, para depois suscitar a possível derrota desse tão abominável matador pela simples palavra “famigerado”, em que o próprio personagem tece um jogo de palavras que demarcam a paródia temática quando diz ao médico: -“Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: fasmigerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... família-gerado...?”¹⁰, traço verbal que configura a ironia do valente vencido pelo poder da palavra.

É possível perceber, também, “a presença de personagens e ações que constituem retomadas de arquétipos fixados em nosso imaginário cultural e, ao mesmo tempo, refletem as condições sociais do país”¹¹. Quanto ao espaço, por ser afastado

10 ROSA, *Primeiras estórias*, p. 57.

11 LEONEL, M. C. *Primeiras e outras histórias*. In: *Scripta*, p. 229/230.

dos grandes centros, dava as pessoas o lugar de marginalizados perante a sociedade, como é o caso de “Os irmãos Dagobé”. No conto os irmãos eram considerados facínoras na sua região, pessoas que “não prestavam”, que todos temiam, no entanto o líder do bando é morto pelas mãos de um lavrador qualquer como era o personagem Liojorge, o qual compõe, também, um forte traço irônico na trama, já que a sua coragem em matar pela própria defesa e, além disso, se justificar com os temidos irmãos, conota a presença de grande coragem, se comparada à dos cangaceiros facínoras. Outro elemento irônico da trama pode ser observado no fato de, ao perder o seu líder, o bando perde também a força e/ou o objetivo, resolvendo ir para a cidade, o que é confirmado na fala do personagem Doricão: - “A gente vamos’embora, morar em Cidade grande...”¹². Aqui está a mais completa prova de que, na condição de cangaceiros temidos, tais indivíduos somente tinham importância no espaço em que espalharam sua fama de maus, de matadores facínoras, ao sair dali e se deslocarem para a cidade já não teria tanta fama, seriam pessoas comuns misturadas à massa.

Nesse universo de personagens enigmáticas, quem não era fazendeiro esperto na aquisição e poder de suas propriedades era indivíduo assalariado (jagunço), este último sempre representado como ignorante, porém temido por suas matanças e perversidades, enquanto que os que não tinham posse e nem eram jagunços, eram pessoas sem sonho, sem educação, viviam por sua sobrevivência e nada mais; indivíduos perdidos em sua própria condição, sem ousar esperar por melhores condições de vida. Diante dessa perspectiva, é notável como Guimarães Rosa recria tipos regionais, no entanto o faz de forma a evidenciar características próprias de seres pertencentes não só a uma localidade, mas a um vasto universo dialético no seu existir através de uma tessitura textual dual e, também, paradoxal, a fim de mostrar sempre o outro lado do discurso.

Considerações finais

É notável como as ênfases das temáticas aqui apresentadas podem ser transitáveis em diferentes perspectivas, tanto nas narrativas longas quanto nas mais curtas, como é o caso dos contos, haja vista a existência de uma teia irônica, tecida com engenho magistral pelos autores, sobretudo quando desejam satirizar a existência humana em detrimento da sua inserção nos segmentos sociais. No entanto, é imprescindível que se admita que todos os estilos são modelos artísticos temporais que marcaram uma época, em que, inteligentemente, poderão dialogar, parafrasear, parodiar ou refutar (e porque não) uma à outra, fazendo, assim, a prática da intertextualidade dos conhecimentos obtidos anteriormente à produção através do elemento irônico.

12 ROSA, *Primeiras estórias*, p. 75.

A grande necessidade de um país que ainda procura o seu lugar de reconhecimento mundial na arte, como é o Brasil, é de literatos que façam perpetuar o que de mais belo existe na cultura desta nação, para que assim como os autores aqui analisados, os quais se consagraram através de uma escrita literária universal, crítica e consciente de suas participações na formação social, outros autores também consigam tal proeza, ao apresentar uma cultura local rica e indivíduos que, mesmo em meio às suas angústias pessoais, se mostram preocupados com questões universais.

Em suma, a arte brasileira necessita de mostrar o que tem de melhor, o que faça o mundo reconhecer que aqui também existe o consagrar das raízes e o discutir sobre a composição das mesmas. Assim o é a literatura e, concomitantemente, a consciência crítica daqueles que a escrevem, produzindo aquilo que, de uma forma ou de outra, refletirá na forma de viver de quem a aprecia, no entanto cada uma à sua maneira.

THE PRESENCE OF IRONY AS AN INTEGRAL DATUM OF NARRATIVE DISCOURSES OF BRAZILIAN TALES

Abstract: *The analysis refers to the presence of the ironic element in different narratives by authors of Brazilian literature, such as Machado de Assis, Lima Barreto, Clarice Lispector and Guimarães Rosa. Most of the time, the narrator uses an irony that is sometimes subtle, sometimes shrewd, which causes the highest degree of demotion of figures once considered marginal and/or major within different cultural and temporal spaces. The study identifies the different ways in which authors use irony, in order to highlight the cultural, social, ideological, paradigmatic conversions, among others, that have been occurring over time. The theoretical support is based on Benjamin (1980); Bosi (2007); Pereira (2001); Barbosa (1995); Pontieri (1999); Santiago (1989), among others. In this, the existence of an ironic web is considered, woven with masterful ingenuity by the authors, especially when they wish to satirize human existence to the detriment of their insertion in social segments.*

Keywords: *Brazilian narratives; irony; satire; ingenuity.*

Referências

ASSIS, Machado. Noite de almirante. *In: História sem data.* São Paulo: Ática, 1998.

BARBOSA, Francisco de Assis. *Lima Barreto e a reforma da sociedade.* Recife: Pool, 1887.

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto.* 7. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

- BARBOSA, Francisco de Assis. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.
- BARRETO, Lima. *Os melhores contos*. [Seleção de Francisco de Assis Barbosa]. Rio de Janeiro: Global, 1986.
- BENJAMIN, Walter. *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 57-74.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: observações sobre a obra de Nikolai Leskow. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BOSI, Alfredo. *Machado de Assis: O enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- COUTO, Edvaldo Souza; MILANI DAMIÃO, Carla. Considerações sobre narrativa e narrador em colóquio com Walter Benjamin. In: *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008.
- CRUZ, Maria de Fátima. A leveza de Almira. In: *Cadernos de Literatura e Diversidade*. Feira de Santana: UEFS, v. 2, n. 4, 2003.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. [Trad. Hildegard Feist]. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LEONEL, Maria Célia. Primeira e outras estórias. In: *Scripta*. Número especial do III Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUC Minas, v. 9, n. 17, 2º sem., 2005.
- LISPECTOR, Clarice. A solução. In: *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LISPECTOR, Clarice. A língua do “P”. In: *A via crucis do corpo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- MARIA, Luzia de. *O que é o conto*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MUECKE, Donald Clifford. *Ironia e o irônico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. Lima Barreto: um olhar deslocando-se. In: *Léguas & Meia*. Feira de Santana, PpgLDC, 2001. p. 224-236. v. 1.
- PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2. ed. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Tereza D’Ávila, 1979.
- SANTA’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase & Cia*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SANTIAGO, Silviano. A aula inaugural de Clarice. *In: Narrativas da modernidade.* MIRANDA, Wander Melo (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra.* São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Alberto da Costa e. Estas primeiras estórias. *In: ROSA, João Guimarães. Primeiras estórias.* 1. ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

Recebido em 22 de agosto de 2024

Aprovado em 12 de setembro de 2024

DESERÇÃO E RESISTÊNCIA DA IDENTIDADE NIGERIANA EM *O MUNDO SE DESPEDAÇA*, DE CHINUA ACHEBE

Aline Santos de Brito Nascimento¹

Rafael Alexandre Gomes dos Prazeres²

Resumo: Este estudo objetiva compreender marcas de resistência da identidade nigeriana a partir da análise da obra *O mundo se despedaça*, do escritor nigeriano Chinua Achebe. Dentre os aspectos teóricos que balizam as análises, estão as discussões acerca dos conceitos de colonialidade, eurocentrismo e reconhecimento, importantes motes para a compreensão da obra. Autor africano nascido em Ogidi, na Nigéria, Achebe transcreve na sua obra o contexto em que ele e seus ancestrais viveram, buscando retratar uma África a partir dela. As análises identificam elementos que representam a deserção de parte do povo igbo, ao se submeter ao “convite” dos colonizadores; e a resistência, ao retratar costumes que ainda são mantidos naquele contexto e ao recuperar o uso de aspectos linguísticos na própria escrita da narrativa.

Palavras-chave: resistência; identidade; Nigéria; literatura africana.

*Tenho fome de um nome
E procuro-o para além dos idiomas
Como garimpeiro de vozes
Esgravatando um chão de silêncios.
(Mia Couto)*

Introdução

Este artigo aponta dualidades marcantes na obra *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, escritor nigeriano. A obra apresenta diversos duplos, que, por vezes, apresentam características opostas, e, por outras vezes, complementares. Fundamentado num corpo teórico que aborda, dentre outros aspectos, a cultura (Hall, 2003), o colonialismo (Carneiro, 2019), o eurocentrismo (Quijano, 2009) e o reconhecimento

1 Doutora em Letras (UFES); Docente Adjunta da Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Letras. E-mail: abnascimento@uneb.br.

2 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade da UFSB. Mestre em Letras (Estudos Literários) pela UFES. Docente do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências (IHAC) Campus Paulo Freire – da Universidade Federal do Sul da Bahia. E-mail: rafaeldosprazeres@ufsb.edu.br.

(Fanon, 2008), o estudo objetiva compreender marcas de deserção e resistência nesta obra, que recebeu destaque na literatura africana.

Os aspectos metodológicos desta pesquisa bibliográfica envolvem a coleta e a interpretação de trechos da obra analisada, a fim de identificar as características abordadas na fundamentação teórica e que atendam aos objetivos propostos. Salienta-se que o método, aqui usado, é indutivo, por trazer constatações particulares que levam à elaboração de generalização, funcionando como modelo de pesquisa para outras obras em torno do mesmo contexto, além de ser este um *corpus* que ajuda a compreender a cultura nigeriana como um todo. Os trechos que compõem a amostra, aqui apresentada, passaram por seleção, leitura, fichamento para constituir a análise. Tal coleta de dados partiu da observação exploratória da amostra selecionada.

Visto que este trabalho se configura no íterim dos estudos literários, é mister salientar a importância de se compreender os conceitos aqui mencionados a partir da associação entre ficção e realidade, que oscila entre oposição e complementaridade no contexto da obra analisada (Matos, 2001), a saber, a identidade africana, e mais especificamente o povo *igbo* da Nigéria, principalmente em seu período pré-colonial.

O interesse em torno da pesquisa pode se justificar pela necessidade de se explorar a temática dos estudos africanos, neste caso, a partir da literatura, principalmente pela emergência de maior reconhecimento do potencial criativo de todo o continente africano, que passou por centenas de anos de negação e/ou apagamento. Stuart Hall (2003), em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, explica o que motivou essa tendência de estudos:

Dentro da cultura, a marginalidade embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, à ocupação dos de fora. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades, e do aparecimento de novos sujeitos no cenário político e cultural (Hall, 2003, p. 338).

Nessa linha de pensamento, Sueli Carneiro (2019), em *Escritos de uma vida*, reivindica o lugar dos povos da África como dotados de culturas, saberes e riquezas próprias, eliminando qualquer possibilidade de justificativa para o comportamento devastador dos defensores do colonialismo. A estudiosa denuncia

um permanente não dito, mas subentendido no posicionamento dos países ocidentais. Para além do objetivo de impedir a aprovação de qualquer proposta que abrisse brechas para reparações, estes também lutavam para impedir a condenação do passado colonial, sobretudo porque isso significaria o questionamento e a crítica aos fundamentos que justificaram o colonialismo e a expansão econômica do Ocidente: (a) a sua suposta superioridade racial e cultural; e (b) a convicção de sua missão civilizatória em relação aos povos considerados inferiores,

ou seja, a certeza de que acordaram os povos da África para a civilização e destinaram os bens ociosos no continente africano para o progresso de toda a humanidade. Entendemos ser a persistência dessas visões um dos condicionantes do fato de que o máximo que as delegações ocidentais se dispuseram a aceitar como desculpas pelo passado colonial foi a admissão de “eventuais males ou excessos” do colonialismo (Carneiro, 2019, p. 172).

Desse modo, a obra suscita uma leitura atenta aos contraditórios que permeiam todas as culturas e que se fazem presentes (e com destaque) em *O mundo se despedaça*. A obra retrata o passado e anuncia um presente colonial que durou oficialmente até os anos 60, na Nigéria, e que ainda apresenta características marcantes e desafiadoras à manutenção da identidade local. Na mesma linha temática, vem a diferença das ações associadas à cultura europeia *versus* cultura africana, visto que a chegada de missionários ingleses é descrita como responsável pelo “despedaçar” do mundo retratado por Achebe, que, não involuntariamente, busca defender sua língua e religião num texto que circula entre a ficção e a realidade. Outro aspecto impactante que a narrativa traz são as disparidades entre o papel do masculino e do feminino na tradição da cultura *igbo*, com suas ações amplamente descritas na obra.

2 Colonialidade, eurocentrismo e reconhecimento

Para melhor compreender a obra de Achebe, é importante vislumbrar a que aspectos ela pode ser associada, de acordo com as abordagens temáticas que a mesma possui. A interpretação de uma obra literária também é possível a partir de teorias que resguardam aspectos históricos, filosóficos, linguísticos, culturais, entre outros.

Em primeiro plano, é fundamental refletir sobre o conceito de colonialidade, que ajuda a compreender uma das principais ações que compõem a narrativa, que é a chegada dos missionários ingleses, buscando, na aldeia *igbo*, principalmente adeptos a sua religião, o cristianismo. Aníbal Quijano (2009) associa o tema ao poder e à classificação social, como forma de explicar acerca desse dado socio-histórico.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjetivos, da existência social cotidiana e da escala societal [...] (Quijano, 2009, p. 73).

Achebe demonstra conhecer o poder devastador dos colonizadores de seu país, quando traz à sua obra a chegada do estrangeiro e o intitula como o responsável por “despedaçar” o mundo *igbo*, que, na verdade, representa o seu passado pré-colonial, visto que são seus ancestrais. A principal prova disso é que o autor anuncia que

sua escrita representa o povo africano falando de si mesmo, justamente por estar cansado de leituras de obras que tentam representar a África, mas que, com uma visão de fora, as caracterizam como exotismo e são dotadas de preconceito.

Outra questão a ser discutida é que essa colonialidade, que tanto incutiu influências principalmente na África e América, vem de uma mesma origem, a europeia. Isso ajudou a criar uma ideia conhecida como eurocentrismo, que considera a Europa a referência para toda forma de conhecimento, arte, religião, língua, entre outros. Nesse ínterim, Quijano (2009) retrata o eurocentrismo como forma de poder:

Tal como conhecemos historicamente, à escala societal o poder é o espaço e uma malha de relações sociais de exploração/dominação/conflito articuladas, basicamente, em função e em torno da disputa pelo controlo dos seguintes meios de existência social: 1) o trabalho e os seus produtos; 2) dependente da anterior, a 'natureza' e seus recursos de produção; 3) o sexo, os seus produtos e a reprodução da espécie; 4) a subjetividade e os seus produtos, materiais e intersubjectivos, incluindo o conhecimento; 5) a autoridade e os seus instrumentos, de coerção em particular, para assegurar a reprodução desse padrão de relações sociais e regular as suas mudanças (Quijano, 2009, p. 76).

Em suma, colonialidade e eurocentrismo são sinônimos de dominação e regulação, termos que carregam o lado negativo da interação entre os povos, apesar de uma aparente intencionalidade de ser a portadora do saber, da religião, língua e cultura “corretas”. É esse poder autointitulado que o ficcionista Chinua Achebe questiona ao propor uma produção literária sobre a África e de dentro da África, diferentemente do que estava habituado a ler.

Colonizador e colonizado demonstram a constante necessidade de reconhecimento, que está inerente ao ser humano, como aborda Franz Fanon (2008), em *Pele negra, máscaras brancas*. No entanto, para o primeiro, o reconhecimento se dá pela imposição, enquanto que, para o segundo, o reconhecimento se dá pela busca do respeito à sua identidade.

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida.

Não há luta aberta entre o branco e o negro.

Um dia o senhor branco reconheceu *sem luta* o preto escravo (Fanon, 2008, p. 180).

Cabe aqui destacar que Fanon incute suas análises com conhecimento de causa, ou lugar de fala, sendo um psicólogo e filósofo negro. Em tom de protesto,

denuncia a forma como o branco impõe seu reconhecimento sobre o outro, o que configura, na verdade, uma forma de subjugar aqueles que consideram diferentes.

3 Chinua Achebe de Ogidi, da Nigéria, da África

O contexto em que a obra *O mundo se despedaça* foi produzida configura-se como uma importante chave de interpretação, ao se buscar uma perspectiva historicista de compreensão literária. Como o próprio escritor anuncia, a sua obra descreve uma África a partir de seu interior, na voz de alguém que faz uma escrita de si, por terem ele e seus ancestrais vivido naquele lugar, naquele tempo.

Salienta-se que este estudo acontece num momento é que os olhares têm se voltado para a África numa perspectiva diferente daquela associada diretamente ao colonialismo, buscando menos a exploração e mais o reconhecimento. Nesse sentido, Paulin Hountondji (2009) vem chamar a atenção para as diferentes perspectivas sobre os estudos africanos, que incluem conhecimento de África e conhecimento de africanos:

Quão africanos são os chamados estudos africanos? Por exemplo, por história africana entende-se normalmente o discurso histórico *sobre* a África, e não necessariamente um discurso histórico proveniente da África ou produzido por africanos (Hountondji, 2009, p. 121).

Aqui se destaca justamente a necessidade de espaço a um discurso produzido pelos próprios protagonistas da história, como a narrativa que Achebe propõe. Não que ele não existisse antes dessa “virada de chave” dos estudos acadêmicos em torno do tema, mas fica claro que havia uma priorização de divulgação do conhecimento produzido, principalmente na Europa, o que faz com que o interlocutor tenha acesso a apenas uma das visões possíveis sobre os fatos.

Em se tratando especificamente do contexto nigeriano, a obra *Quilombismo*, de Abdias do Nascimento (1980), vem expor os caracteres da colonização inglesa que dominou parte da África e salienta a mudança de perspectiva, em que

os valores africanos de cultura, religião, língua, filosofia, artes, história, costumes - sistematicamente negados, distorcidos ou subestimados durante o colonialismo inglês - estão sendo reafirmados, recuperados da marginalização, da degradação e da vergonha, reconhecidos e restaurados em suas inerentes e relevantes funções sócio-culturais, numa sociedade nigeriana que progressivamente assegura sua originalidade e soberania (Nascimento, 1980, p. 21).

É a partir dessa nova Nigéria que Achebe lança ao mundo sua obra, pouco antes da independência (ao menos oficial) do país. O vilarejo que compõe o cenário de *O mundo se despedaça* se assemelha ao vilarejo Ogidi, em que viveram seus ancestrais do povo *ibgo* e especificamente seus pais.

Quinto de seis filhos, Albert Chinualumogu Achebe nasceu em 1930, no vilarejo de Ogidi, lado oriental de uma Nigéria colonizada pelo império britânico. Sua criação seria invariavelmente marcada por uma inescapável mistura de culturas contrastantes, mas o contexto da vida do menino reforçava essas condições de forma ainda mais peculiar. Àquela altura, famílias privilegiadas como a de Chinua eram educadas em inglês, e o cristianismo – difundido com entusiasmo pelo seu pai, um dos primeiros convertidos daquela região – começava a se alastrar pelo país. Tais circunstâncias não impediam o menino de permanecer avidamente interessado pela religião e cultura dos seus antepassados. Afinal, Chinua e sua família pertenciam à etnia Igbo, um dos maiores e mais tradicionais grupos étnicos da África (Silveira, 2019, p. 13).

Ao conhecer detalhes da vida de Achebe, percebe-se com clareza a forte influência da colonização inglesa já aqui mencionada em seu entorno. O principal fato que demonstra tal característica é a conversão do pai de Achebe ao cristianismo, além do predomínio da língua inglesa sobre os dialetos locais.

Em artigo intitulado “Literatura, imagem e resistência: o mundo se despeça e o resgate das memórias ancestrais”, Alessandra Chagas (2022) confirma as influências de dentro e de fora da África que contribuíram para a formação do autor aqui estudado. Em resumo, são três principais momentos históricos que demarcam grandes mudanças na vida dos nigerianos, e que são representados na obra de Achebe: a tradicional cultura *igbo* pré-colonial, a chegada da colonização inglesa e a retomada identitária após as lutas por independência.

Nascido em 1930, o escritor nigeriano Chinua Achebe viveu grande parte de sua vida dentro do contexto colonial. Assim, Achebe esteve em contato com dois sistemas de referência distintos: o tradicional mundo Igbo, com as suas estruturas e organizações complexas; e a modernidade trazida pelo homem europeu. Filho de pai catequista, Achebe foi inserido, desde a primeira infância, no contexto britânico: educado em inglês, estudos regulares da Bíblia e escolas missionárias (Chagas, 2022, p. 02).

Dentre os marcos mais importantes da história da Nigéria, destaca-se a Guerra de Biafra. E o escritor Achebe teve sua inserção na busca pela independência política e identitária de seu povo, de seu lugar.

Outro processo histórico que também pode ser usado para entender a forma como o escritor nigeriano pensava, é a tentativa de implantação de um estado Ibo independente da Nigéria, o que deu início a uma sangüinária guerra civil de 1967-1970, a Guerra de Biafra. Nesse contexto, Achebe participou como ativista defensor da causa da independência, uma tentativa singular de implantação de um estado étnico no continente africano. Então, pode-se entender que a narrativa achebiana também reivindica a singularidade do seu povo, reivindica uma identidade que não é diferente somente do europeu, mas de outros povos africanos que foram, através da política de gestão territorial do governo britânico, alocados como se fizessem parte de uma mesma nação, evidenciando assim as complexidades intracontinentais africanas (Barbosa; Gomes, 2018, p. 7).

Ao descrever a biografia de Achebe, Cruz (2018) destaca outras funções profissionais em que o autor atuou, o que pode ter colaborado para construir a expansão do alcance da sua obra:

Chinua Achebe é considerado um dos autores nigerianos mais conhecidos no exterior. Sua obra foi traduzida para diversas línguas, tal como *O mundo se despedaça*, que já podia ser lido em treze idiomas. De origem ibo e nascido em 1931, Achebe foi professor, tendo ensinado literaturas africanas em várias universidades. Além disso, dedicou-se à organização dos programas internacionais da Rádio Nacional da Nigéria. Os escritos de Achebe retratam dois momentos: a África colonial e a África atual (Cruz, 2018, p. 214).

Chamando a atenção para as contranarrativas, Barbosa e Gomes (2018) buscam valorizar os olhares por dentro, como forma mais apropriada de se estudar as temáticas em torno dos estudos africanos e, especificamente, a obra *O mundo se despedaça*. Enfim, Achebe vem expor a sua topofilia, que Thuan (1980) define como a afeição pelo lugar, numa obra que anuncia o descontentamento com as interferências externas e um desejo de valorizar sua terra, seu povo, sua história.

4 O que se deserda e o que se resiste em *O mundo se despedaça*

A fortuna crítica que se volta aos estudos acerca da obra de Chinua Achebe possui constituições que demonstram a riqueza de possibilidades interpretativas da obra. Desse modo, ao buscar construir uma revisão de literatura sobre o tema, é possível encontrar fontes de pesquisa sobre o passado e o presente africanos, os costumes do povo *igbo*, a língua e os caracteres da linguagem, as tradições religiosas, colonialidade e resistência, entre outros. Em estudo sobre a “Coleção autores africanos”, Clauber Cruz (2018) destaca o projeto literário que ajudou a disseminar as literaturas africanas no Brasil, incluindo diversos autores, de diversos países da África. A coletânea começou a ser organizada na década de 70:

Esta série literária pioneira foi de grande importância para a disseminação sistêmica das produções africanas no Brasil e, por sua vez, para o surgimento da área de estudos, visto que a antologia primou pela qualidade dos textos e pela construção de um projeto editorial diferenciado, pois os elementos paratextuais, como prefácios, glossários, notas de rodapé, bibliografia, biografia e ilustrações, foram essenciais no que diz respeito à inserção do leitor a este então recém-universo literário que chegava ao país.

Ao total, foram publicadas 27 obras que compuseram um panorama significativo do que de melhor se havia produzido em termos literários na época. Autores como Pepetela, Manuel Lopes, Chinua Achebe, Chems Nadir, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Cyprian Ekwensi, Nurrudin Farah, Djibril Tamsir Niane, Sembème Ousmane, Teixeira de Sousa,

Baltasar Lopes, entre outros, tiveram suas obras lançadas pela primeira vez no Brasil por meio desta antologia (Cruz, 2018, p. 14).

Especificamente sobre a obra aqui analisada, Cruz (2018) detalha que o romance fora publicado originalmente sob o título *Things fall apart*, em Londres, em 1958, e traduzido para 13 línguas, tais como, alemão, italiano, russo, esloveno, hebraico, espanhol, francês, lituano, norueguês, africâner, sueco, iorubá e uzbeca. Destaca, ainda, que a companhia Eldred Fiberesima Production, em Lagos, fez uma adaptação do romance para o teatro, em 1964. Traz também uma sinopse inicial da narrativa:

Em *O mundo se despedaça* apresenta-se a história da sociedade ibo, protagonizada pelo valente guerreiro Okonkwo. Por meio de um fluxo narrativo articulado, percorremos a representação de uma sociedade cercada pela magia e pelas tradições locais que compõe a configuração identitária dos integrantes que vivem em suas aldeias e *compounds* - conjunto de habitações onde mora uma família, normalmente cercada ou murada. Okonkwo queria ser diferente de seu pai, o preguiçoso e imprevidente Unoka, assim, precisava vencer os obstáculos não ultrapassados pelo seu progenitor para construir uma nova história para si e para seus herdeiros. Contudo, devido a sua personalidade forte e destemida, e por forças do destino, foi banido de sua aldeia e mandado ao exílio por sete anos após um assassinato.

Neste período, com a presença de homem branco e seus missionários, parte de da população de sua aldeia cedeu aos encantos destes novos costumes, inclusive um de seus filhos, Nwoye, que se tornou adepto ao grupo de missionários. Deste modo, Umuófia desmoronou em face dos choques entre os valores da tradição local e dos costumes trazidos pelos missionários europeus (Cruz, 2018, p. 214-215).

O sucesso do romance pode também ser observado inclusive por serem ele e seu escritor mencionados em outra obra literária africana de sucesso, *Adeus, Gana*, de Taiye Selasi, que nasceu em Accra, capital ganense, mas também tem ascendência nigeriana e relações com Nova York, Berlim e Roma.

Olu estava comendo fatias de maçã, tão saudável aos catorze anos, lendo *O mundo se despedaça*, o único sinal visível da sua angústia crescente sendo o sobe e desce de seu fêmur [...].

Ele se sentou ao lado do filho e pôs a mão em seu joelho. Olu abandonou Achebe e olhou para o joelho como se só então tivesse percebido que estava balançando a perna (Selasi, 2021, p. 29-33).

A análise de José Macedo (2019), com o título “Chinua Achebe: a morte da cultura local”, destaca os principais motes temáticos da obra, incluindo rituais, alimentação, organização social familiar, política. Para ele, Achebe introduz elementos da tradução oral, como mitos, contos e provérbios, e retrata valores morais normalmente incompreensíveis para os brancos. Vale salientar que os aspectos religiosos ganham grande espaço na narrativa, assim como em suas análises críticas:

O primeiro aspecto a ser destacado em *O mundo se despedaça* diz respeito ao modo de disposição da sua estrutura narrativa. O seu núcleo central não gira em torno da ocupação colonial inglesa, mas de Okonkwo, importante chefe de família na aldeia de Umuófia. Okonkwo, suas três esposas, seus filhos e filhas, seus aliados no clã, e seus adversários e concorrentes, apresentados em seu cotidiano a partir de seus códigos de convivência, permitem ver um quadro muito vivo de uma sociedade organizada e hierarquizada, desprovida de um poder central, estruturada em rígidos padrões de comportamento alicerçados em tradições religiosas. Apenas no final do livro o leitor é levado a perceber a fissura profunda ocasionada pela chegada dos brancos, alimentada em parte nas próprias contradições já existentes, mas que afloraram durante o trabalho de conversão dos missionários cristãos (conquista espiritual) e da ação dos administradores coloniais (conquista política) (Macedo, 2019, p. 30-31).

Barbosa e Gomes (2018) salientam o valor documental do romance, por ter sido publicado dois anos antes da Independência da Nigéria. Nesse sentido, numa ação de resistência, Achebe denuncia a imposição dos costumes ocidentais:

Achebe se preocupa com a produção de um retrato sobre África e sobre os africanos, diferente da produzida pelos colonizadores. O próprio Chinua Achebe aponta para a necessidade de que “os negros precisam fazer é recuperar o que lhe pertence – sua história – e narrá-la eles mesmos” (ACHEBE, 2009, p. 84). A representação que Chinua Achebe vai fazer do povo Ibo e dos seus costumes é uma tentativa de dizer que há uma riqueza cultural em cada povo nos quais os europeus só viram/produziram estereótipos de selvageria; que havia uma profunda riqueza espiritual, material e social que foi despersonalizada, vilipendiada pela narrativa colonizadora (Barbosa; Gomes, 2018, p. 19).

A análise da obra, aqui pretendida, tem como principal questionamento a identificação de aspectos que indiquem a ligação ao passado e a chegada do presente, que figurariam como uma resistência ou deserção, a depender de como os fatos se encaminham na história. Aderir à proposta religiosa e linguística europeia poderia ser considerada uma ação de desistência, por um lado, mas o reconhecimento de que a história pode ser mudada a partir de um resgate, por ser considerado uma desobediência a tal imposição.

A valorização das ancestralidades apagadas por colonizadores é o que Chagas (2022) aponta como característica marcante da obra de Achebe. O autor reivindica a reinterpretação do passado, quebrando estereótipos advindos do discurso colonial com seu poder de opressão.

Um dos aspectos que muito chama a atenção do leitor, principalmente aquele que desconhece outras formas de formação familiar, que não as praticadas pelo Ocidente, é a abordagem das diferenças culturais entre o homem e a mulher na obra, o que configura mais uma dualidade em destaque neste estudo. Nesse sentido, Illauanna Silva (2017), em “A dualidade do masculino e feminino em *O mundo se despedaça*”, analisa principalmente a diferença de tratamento e de permissões

associadas ao homem e à mulher. Há comportamentos descritos na narrativa que, para a sociedade tradicional ocidental, seriam considerados machistas e até inaceitáveis, enquanto para a sociedade descrita na obra seriam considerados parte de seu cotidiano e inquestionáveis.

Um exemplo é a cerimônia de visita de um vizinho, em que o visitante deve levar vinho de palma e noz de cola, por uma questão de respeito e tradição, e entre as pessoas presentes, a mais velha deve ser a primeira a provar do vinho, desde que seja homem. À parte da cerimônia de visita, o rito de beber o vinho também deveria seguir a tradição de o homem da casa sempre tomar primeiro, em seguida todos os presentes deveriam beber, iniciando sempre do mais velho, e por fim, suas esposas dariam sequência, começando também sempre da esposa mais velha, geralmente a primeira esposa. No romance, isso acontece quando Anasi, não se encontra em casa durante um rito de beber vinho, e a demais esposas deveriam aguardá-la para poder tomar o vinho. “Anasi era a primeira mulher e as outras não podiam beber antes dela” (Achebe, 1958, p. 40 *apud* Silva, 2017, p. 07).

Silva (2017) evidencia que aquela é uma sociedade patriarcal e, como tal, ter um filho homem é motivo de celebração, por denotar virilidade. No lado oposto da posição masculina privilegiada, está a mulher, que se penaliza por conceber uma menina. São muitos os trechos da narrativa que ratificam essa ideia:

A menina sentou-se com as pernas estendidas. Okonkwo principiou a comer, sem prestar atenção ao que fazia. “Ela devia ter nascido menino”, pensou, contemplando a filha de dez anos. [...] Com uma das mãos Ezinma pegou a tigela de comida e com a outra a cumbuca vazia, e regressou à cabana da mãe. “Ela deveria ter nascido menino”, tornou a pensar Okonkwo. [...] Se Ezinma fosse um menino, eu me sentiria mais feliz [...] (Achebe, 2019, p. 56 - 57).

Irinêo Batista Neto (2009), em artigo no qual classifica a obra *achebiana* como um romance seminal da literatura nigeriana, também destaca o papel da mulher na tribo *igbo*. Ele descreve que cada capítulo parece retratar um dos costumes que orientavam a rotina daquele povo, como a obrigação da esposa mais jovem de preparar a refeição de Okonkwo, no fim do dia, ao voltar do trabalho.

No entanto, o que impressiona é a reação do protagonista, quando descobre que a mulher não está lá, não fez a comida e deixou os filhos com outra esposa, tudo pela vaidade de cuidar dos cabelos com uma mulher da tribo: o homem encontra a mulher e lhe dá uma surra inesquecível. O problema é que eles viviam a “Semana da Paz”, quando todos evitam a violência em nome dos deuses da bonança, responsáveis pela fertilidade da terra e pelo futuro das plantações.

A verificação que se faz é de que Okonkwo teria desrespeitado a “lei” do lugar, atraindo má sorte para todos na aldeia, e precisaria ser punido. Para Batista Neto (2009), por mais que se saiba que cada povo tem seus costumes, e que é preciso

respeitá-los, a narrativa de Achebe desafia o leitor ao representar ações consideradas violentas. O conflito chega ao seu ápice quando Achebe narra que a punição de Okonkwo é o sacrifício de seu filho, Ikemefuna, que não é filho de sangue, pois veio de outra tribo depois de perder a família num conflito entre povos, mas por quem Okonkwo criou afeto.

Ao se pensar acerca dos aspectos referentes à linguagem e ao estilo literário adotados por Achebe, considera-se a importância destes aspectos para a compreensão de uma obra que tem, nas informações culturais e identitárias de um povo, o seu centro de compreensão. As escolhas feitas pelo ficcionista demonstram a intencionalidade de valorização de sua história; do mesmo modo, o estilo de escrita escolhido e executado reflete um modo de contar histórias próprio de seu povo, incluindo a valorização da oralidade e sua riqueza.

Nesse sentido, remete-se a Fanon (2008), quando relaciona diretamente às consequências da colonização a forma como a linguagem é tomada, interpretada e usada: “Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana” (Fanon, 2008, p. 34). Esse posicionamento pode ser identificado em Achebe, quando se percebe as suas escolhas lexicais, a fidelidade aos antropônimos próprios de sua tribo *ibgo*, como os nomes dos personagens Ikemefuna, Okonkwo, Nwoye, Unoka, Ogbuefi, Obodoani; além do uso recorrente de provérbios, que carregam ainda importantes informações identitárias.

Cruz (2018) cita Santilli (1985) ao argumentar que, assim como outros autores africanos de destaque, Achebe busca abandonar os traços característicos do colonizador para fidelizar-se ao modo de vida de seus semelhantes, inclusive em se tratando de elementos linguísticos:

Boaventura Cardoso, Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Chinua Achebe, entre outros, aproximaram as suas narrativas dos espaços locais representados, quer no nível da construção narrativa, quer no da linguagem. Esta, por sua vez, encontrava-se em fase de modalização, isto é, deixaria de ser uma estrutura linguística somente do dominador e passaria a ser um meio de comunicação entre “a gente do povo”, isso ao utilizar-se como recurso a “criação da imagem por meio da fala africana”, aproximando esses elementos da escrita (Santilli, 1985, p. 92 apud Cruz, 2018, p. 14).

Numa análise mais apurada das técnicas de escrita assumidas por Achebe, Cruz (2018) ressalta a fidelidade do autor a seu povo como uma atitude de resistência, que se mostra no decorrer da narrativa aqui analisada, principalmente pela valorização de uma ancestralidade, que é passada entre as gerações a partir das tradições orais.

Com relação às técnicas de estilo, o próprio trabalho linguístico demonstrou como as línguas que já existiam nos países transpuseram-se para o texto literário, de modo a provocar a intersecção entre a língua colonial, mais as línguas locais, cujo resultado demonstrou a fusão linguística como uma nova configuração da língua. A estratégia literária, portanto, surgiu como um elemento de resistência, uma vez que a língua do colonizador foi modalizada com as locais (Cruz, 2018, p. 229).

Como antes mencionado, os provérbios ocupam importante espaço em *O mundo se despedaça*. Eles ajudam a compreender algumas ações da narrativa, através de metáforas que representam o modo de pensar e agir do povo ali representado. Dotados predominantemente de conteúdo moral, portanto carregados de normas sociais, os provérbios ocupam muitos dos diálogos presentes na narrativa em análise. Segundo Batista Neto (2009), o modo como Achebe escreve parece refletir a tradição oral do povo sobre o qual fala. Na descrição de Costa e Silva (2022), os *ibos* amam a eloquência e têm o dom da palavra no mais alto conceito, além de jogar com palavras e adorar provérbios.

Retomando a ideia de resistência, evidencia-se, aqui, a tradição de uso de provérbios, como enfatiza Silva (2022, p. 4):

Os provérbios são, na narrativa das sociedades tradicionais africanas, formas de transpassar suas crenças, de maneira que seus valores não se percam através do tempo. Tal feito é desenvolvido mediante a uma manifestação cultural de vasta importância conhecida como tradição oral, que permite o repasse das crenças de um povo por meio das narrativas de geração para geração.

Em *O mundo se despedaça*, há até mesmo provérbios que são mencionados num exercício metalinguístico, como neste exemplo, em que o autor, assim como seu povo, os valoriza através de uma metáfora carregada de significados culturais, envolvendo a valorização da palavra, da oralidade, e da alimentação para aquela comunidade: “Os provérbios são o azeite de dendê com o qual as palavras são engolidas” (Achebe, 2019, p. 27).

Algumas das situações, que suscitam os personagens da obra a proferirem os provérbios, podem ser representadas por muitos outros, a depender do espaço geográfico e do momento histórico. Na obra, quando pedem a Nwakibie parte de seus inhames, o mesmo usa um provérbio para demonstrar a importância da colheita e do trabalho em torno dela: “Desde que o homem aprendeu a atirar sem errar a pontaria, o pássaro aprendeu a voar sem pousar” (Achebe, 2019, p. 42).

Num trecho em que novamente os diferentes papéis, que ocupam o masculino e o feminino assumem destaque na obra, outro provérbio chama a atenção, por abordar a temática da maternidade e a valorização de uma desejada masculinidade para Nwoye, e um estranhamento pelo temperamento não associado ao feminino de Ezinma, filho e filha de Okonkwo, respectivamente: “Pinto que um dia há de ser galo, a gente conhece assim que sai do ovo” (Achebe, 2018, p. 58).

Em outro momento, Okonkwo argumenta que “Os dedos de uma criança não se queimam com um pedaço de inhame quente que a mãe coloca na palma de sua mão” (Achebe, 2018, p. 86). Nesse trecho, o narrador associa o provérbio a um ato que se justificava por razões religiosas, como se não fosse possível questionar.

Num dos episódios mais marcantes da obra, por ser a atitude dos protagonistas algo considerado de extrema violência e inaceitável na tradição ocidental, que é a necessidade de destruição dos gêmeos, um outro provérbio toma parte da narrativa. Neste momento, o provérbio vem explicar que a permanência daqueles que representam uma mácula pode trazer grandes consequências para a toda a comunidade: “Se um dedo estiver sujo de óleo, manchará os demais” (p. 145).

Na contramão da resistência, a obra menciona também a deserção, quando Okika reivindica aos filhos de Umuófia a fidelidade às suas tradições. O personagem argumenta que a obediência aos forasteiros significa o desrespeito aos seus antecessores:

— Esta é uma grande reunião. Nenhum outro clã pode se gabar de possuir maior número de gente ou maior coragem. Mas estaremos todos presentes aqui? Pergunto a vocês: todos os filhos de Umuófia estão aqui hoje?

Um longo murmúrio percorreu a multidão.

— A resposta é não — continuou Okika. — Nosso clã foi rachado e muitos membros tomaram caminhos diversos. Nós, os que aqui estamos esta manhã, permanecemos fiéis a nossos antepassados, porém alguns de nossos irmãos desertaram, juntando-se a um forasteiro para enodoar a terra de seus pais. Se lutarmos contra o forasteiro, teremos de combater esses nossos irmãos e talvez derramemos o sangue de membros do clã. Devemos, contudo, fazê-lo. Nossos pais jamais imaginaram, nem em sonhos, que algo semelhante pudesse acontecer, pois jamais mataram seus irmãos. Mas nunca houve um homem branco no meio deles. Por isso precisamos fazer o que nossos pais nunca fariam (Achebe, 2019, p. 150).

A rachadura que Okika menciona salienta algumas contradições humanas, como quando considera que, mesmo um desertor merece perdão e acolhimento, pois não deixa de ser um dos seus, mas que aquela era uma atitude nunca antes vista na aldeia. Aqui, há a presença da desistência de alguns, em oposição à resistência de outros.

Considerações finais

O mundo se despedaça é uma obra que permite explorar reflexões sobre gênero, identidade, cultura, resistência. O romance é uma produção ficcional com tom memorialístico que, numa Nigéria do século XVIII, retrata o povo *igbo*, com clãs, linhagens, poligamia, misoginia ou machismo, escravos. Esta é uma comunidade, a exemplo, em que é costume acertar o preço da noiva, pagos em pequenos sacos até o limite que o pai da noiva aceitar.

Em Umuófia, muitas ações peculiares são descritas: uma esposa morreu quando estava cuidando do corpo do marido morto, mas a aldeia precisou esperar enterrar a mulher antes do funeral do homem, porque é esta a ordem na hierarquia estabelecida pelos ancestrais *igbo*. Ali, uma criança não pode comer ovo, porque é algo que, para eles, incita ao roubo.

O embate entre a cultura europeia e a cultura africana fica exposto em destaque: quando, na narrativa, os *igbo* matam um “albino” que chegou num “cavalo de ferro”, pois, como anuncia o próprio Achebe, a gente de sua aldeota não sabia do mar nem do homem branco; também quando aquele povo acredita que, em vingança divina, toda a aldeia fora destruída, ou seja, o momento em que o mundo se “despedaça”. A chegada desse estrangeiro traz, entre outros elementos que poderiam ser considerados os responsáveis por uma possível aculturação, mandioca, facão, arma de fogo, rapé, numa Umuófia acostumada ao cultivo de inhame, ao consumo do vinho de palma e da noz de cola.

As contradições e divergências que emergem ao interpretar a narrativa demonstram diversos conflitos entre culturas, a exemplo do momento, na obra, em que uma criança é destinada a ser retalhada, num mesmo contexto em que é considerado um absurdo matar uma jiboia. Essa inserção estrangeira traz ainda seus missionários e a busca pela conversão.

Outro destaque que se faz necessário na interpretação da narrativa analisada se encontra no respeito às deidades, que tomam importante espaço na obra. As questões religiosas se tornam parceiras da força e da fraqueza do homem ali representado, que traz algo de bem e de mal, de admirável e de condenável.

A simbologia das distinções que representam títulos de autoridade naquele povo está em objetos relativamente simples, como uma tornozeleira, um bastão, ou um tamborete. Por outro lado, esta é uma obra que menciona gestos elaborados, complexos, como a floresta maldita, onde as abominações, que seriam os gêmeos, os doentes de inchaço, as crianças perversas, devem ser abandonadas.

Em suma, utilizando-se de um estilo narrativo repleto de repetições, provérbios, metáforas, ao modo da contação de histórias, Chinua Achebe, ao narrar *O mundo se despedaça*, o seu mundo, lança mão de importantes estratégias discursivas para alcançar seu objetivo, de resistir, de se impor, de mostrar suas próprias riquezas, pois não pode “morar à margem do rio e lavar a mão com cuspe” (Achebe, 2018).

DESERTION AND RESISTANCE OF THE NIGERIAN IDENTITY AT THE WORLD IS SHREDDED (THINGS FALL APART), BY CHINUA ACHEBE

Abstract: This study aims to understand resistance marks of Nigerian identity from the analysis of the work *O mundo se despedaça* (*Things fall apart*), by the Nigerian writer Chinua Achebe. Among

the theoretical aspects that guide the analyzes, are the discussions about the concepts of coloniality, Eurocentrism and recognition, important themes for the understanding of the work. African author born in Ogidi, Nigeria, Achebe transcribes in his work the context in which he and his ancestors lived, seeking to portray an Africa from it. The analyzes identify elements that represent the defection of part of the Igbo people, when they submitted to the “invitation” of the colonizers; and the resistance, by portraying customs that are still maintained in that context and by recovering the use of linguistic aspects in the writing of the narrative itself.

Keywords: *resistance; identity; Nigeria; African literature.*

Referências

ACHEBE, Chinua. *O Mundo se Despedaça*. Trad. Vera Queiroz da Costa e Silva. Porto Alegre: Companhia das Letras/TAG, 2019.

BARBOSA, Lázaro de Souza; GOMES, Pedro Alberto Cruz de Souza. “O mundo se despedaça” na sala de aula: contranarrativas, olhares por dentro e o ensino de história (da África) e literatura. *Periferia*, vol. 10, núm. 1, Rio de Janeiro, p. 140-158, 2018. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/5521/552157593008/html/index.html>>. Acesso em: 13 mai. 2022.

BATISTA NETO, Irineo. O mundo se despedaça. Companhia das Letras publica um romance seminal da literatura nigeriana, em que Chinua Achebe retrata o cotidiano de uma tribo africana. *Gazeta do povo*, Caderno G - Literatura, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/o-mundo-se-despedaca-bzav0b39vzhxuduulk4qtw18u/>>. Acesso em: 16 mai. 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

CHAGAS, Alessandra Santos. Literatura, imagem e resistência: o mundo se despedaça e o resgate das memórias ancestrais. *Sankofa* (São Paulo), v. 15, n. 26, p. 74-93, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.1983-6023.sank.2022.194849>>. Acesso em: 18 mai. 2022.

CRUZ, Clauber Ribeiro. *A coleção de autores africanos da editora Ática: as literaturas africanas no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2018.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidade e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOUNTONDI, Paulin Joseph. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

MACEDO, José Rivair. Chinua Achebe: a morte da cultura local. *Revista TAG Curadoria*, Porto Alegre, RS, out. 2019.

MATOS, Maria Vitalina Leal de. *Introdução aos estudos literários*. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 2001.

NASCIMENTO, Abdias do. *O quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.

QUIJANO, Anível. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SELASI, Taiye. *Adeus, Gana*. Trad. Isadora Prospero. São Paulo: Planeta, 2021.

SILVA, Ilauanna Teles. A dualidade do masculino e feminino em O mundo se despedaça. Anais Eletrônicos... *SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇADO SEXUALIDADES*, Revista ENLAÇANDO, Editora Realize, Salvador – BA, set. 2017. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA16_ID1175_16072017133133.pdf>. Acesso em: 15 mai. 2022.

SILVEIRA, Daniel et al. O livro indicado. O mundo se despedaça, de Chinua Achebe. *Revista TAG Curadoria*, Porto Alegre, RS, out. 2019.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

Recebido em 10 de julho de 2024

Aprovado em 02 de outubro de 2024

DIÁLOGOS INTERLÍNGUAS NA POÉTICA DE ALEXANDER SEARCH OU A “BUSCA” PESSOANA PELAS CONTÍNUAS POSSIBILIDADES DO EXISTIR

Manoel Barreto Júnior¹

Resumo: A dicção poética de Alexander Search, como uma personalidade literária-germinal de Fernando Pessoa, aciona em seu fazer estético expressões confessionais, pela busca de si. Aspecto que evidencia intensas articulações metafísicas, sobretudo, em reconfigurações temáticas que circundam a angústia, a perda, o tempo, a finitude entre outras questões ontológicas que de algum modo são empenhadas como rasuras líricas que traduzem a existência humana. Por essa lente, e, principalmente, a partir de alguns poemas esparsos de Search-Pessoa, objetivamos investigar como a dicção poética de Alexander Search se apropria de questionamentos existenciais, como matéria-lírica, prefiguradas através das buscas humanas em suas possibilidades de existir. Assim sendo, através de leituras contextuais, evidenciamos traços peculiares de uma poética embrionária que se revela a partir do objetivismo árido da língua inglesa e o acolhimento afável da língua portuguesa, ao traduzir o lirismo pessoano como buscas intersubjetivas - como testemunho de vida.

Palavras-chave: Alexander Search; rasuras estéticas. diálogos interlínguas; lirismo pessoano.

1 Introdução: *Tudo que existe existe talvez porque outra coisa existe*²

*O segredo da Busca é que não se acha.
Eternos mundos infinitamente,
Uns dentro de outros [...]
(Pessoa, 1991, p. 170)*

Na atualidade, a ideia de um *buscador* imediatamente nos remete ao sentido de uma ferramenta eletrônica de pesquisa, desenvolvida para procurar palavras-chave

1 Professor Titular da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Doutor em Literatura e Práticas Sociais pela Universidade de Brasília – UnB, com pós-doutorado em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Docente do Colegiado de Letras, Língua Inglesa e Literaturas e do Programa de Pós-Graduação em Metodologia do Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras (PPGMEALE/UNEB). Endereço eletrônico: mbjunior@uneb.br

2 Frases esparsas de Bernardo Soares, que nos servem para nomear as subseções deste trabalho (PESSOA, 1986, p. 171).

ou um logaritmo qualquer, no irrestrito espaço da internet. Assim sendo, de uma simples curiosidade culinária, questões de conhecimentos gerais, dúvidas técnico-profissionais, amenidades, curiosidades e, por que não dizer, ainda, inquietações existenciais, sim, os buscadores automáticos estão a um clique.

A essa altura da contemporaneidade, *Google, Yahoo! Bing, Ask*, entre tantos outros navegadores se mostram praticamente essenciais à nossa sobrevivência, sobretudo, pela maneira instantânea que se nos apresentam respostas. Certamente algumas precisam ser checadas, confrontadas, inqueridas, mas é inegável que as perguntas, através desse meio digital, começam logo a serem esboçadas para um entendimento preliminar sobre o assunto pretendido.

Um movimento que nos remete a uma característica peculiar da natureza humana, ante aos questionamentos de tudo na vida. E as coisas ficam ainda mais complicadas quando as perguntas avançam para além do plano ôntico por meio dos desassossegos pessoais que os indivíduos apresentam invariavelmente durante sua existência.

Especificidades essas bem delineadas pela complexidade das sociedades contemporâneas que nos remete à palavra *Search*, que, numa livre tradução da língua inglesa para língua portuguesa, orbita vocábulos tais quais: procura, busca, investigação, entre outros. Com efeito, quando pensamos isoladamente cada uma destas palavras, observamos que a sua condição substantiva articula um certo empenho das necessidades humanas pelo desejo de descobertas e/ou respostas que podem configurar apontamentos essenciais, como se cada vida tivesse, em si, enigmas para serem desvendados. E se pensarmos ainda que cada enigma traz outros tantos enigmas, firmamos a compreensão de que essa complexidade está longe de ser dissipada.

E é exatamente por essa lente que direcionamos nossa discussão através desse bicho-carpinteiro que atende pelo nome de inquietações humanas, quando tensiona as possibilidades do existir entre reflexões ontológicas e metafísicas por meio de percepções filosóficas cifradas, que, neste instante, seguirá potencializada pelos motes *indisciplinados* da literatura comparada, como bem afiança Sandra Nitrini (2010), quando empenha que,

[...] a literatura comparada acena para um cruzamento de metodologias e de sua negação, mas nem por isso deixa de ocupar um espaço próprio dos estudos literários, seja como objeto de discussão, seja como perspectiva de aproximação da literatura como tal e de sua relação com outras artes e com outros domínios do saber. (Nitrini, 2010, p. 123).

Tais perspectivas teórico-metodológicas norteiam nossas aproximações entre os caminhos não menos densos da linguagem poética, em favor da ampliação do acolhimento da matéria intersubjetiva que forja à condição humana em sua plenitude demasiadamente contraditória – que justamente marca e se apresenta como uma das nossas maiores traduções existenciais.

Da substantivação da palavra *busca*, seguimos agora para a adjetivação pelo termo *buscador*, quando vasculha o labirinto poético à procura de uma coisa-resposta que sirva como alento e composição de sentido do eu, em meio a uma realidade que se apresenta a cada instante nua e desprovida de sentido existencial. Ou seja, a revelar dilemas naturais da condição humana que certamente inquietou Fernando Pessoa, e que foram vertidas pela polifonia genealógica do seu ser muitos e nenhum, quando transita por uma poética singular e plural, que muito reflete a natureza humana. A tal ponto dispõe Bosi (2000):

O trabalho poético é às vezes acusado de ignorar ou suspender a práxis. Na verdade, é uma suspensão momentânea e, bem pesadas as coisas, uma suspensão aparente. Projetando na consciência do leitor imagens do mundo e do homem muito mais vivas e reais do que as formadas pelas ideologias, o poema ascende o desejo de uma outra existência, mais livre e mais bela. [...] A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar. (Bosi, 2000, p. 277)

Aspecto que equaliza contradições aparentes, quer pelas temáticas trabalhadas, quer pelo gestar de seus heterônimos que, de modo expresso evidenciam como mote identidades em crise, que se encontrou na vazão expressiva do discurso modernista. Um movimento estético evidenciado, entre outras tantas características pela fragmentação do eu, ante à realidade da vida que se apresenta cotidianamente.

Por este olhar, observamos que a complexidade do discurso poético pessoano, entre os heterônimos e o ortônimo, reflete para um processo autêntico de amadurecimento estético que, através da pluralidade discursiva, condensa a unidade perdida do eu, que sobrevive pela capacidade do sujeito estético de encenar suas subjetividades – aliás, um aspecto sublime do empreendimento heteronímico de Pessoa, em seu ‘drama em gente’, conforme aponta Joachim (2014):

A heteronímia não se restringe aos três heterônimos (principais) e ao assim chamado ortônimo. Ela desdobra-se também na abundância de heterônimos considerados “menores”: os semi-heterônimos, os sub-heterônimos, os pré-heterônimos, os ‘quase’ heterônimos, os para-heterônimos e os proto-heterônimos etc. Evidentemente, as figuras como Antonio Mora, Carlos Otto ou Alexander Search a qualidade de heterônimo por vezes é negada sendo definidos como “personagens literárias” [...]. Pessoa mesmo chega a fazer esta distinção, porém também fala de “personalidades literárias”. A distinção parece ter a função de assinalar que Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos têm mais autonomia e são mais completos e mais criadores (Joachim, 2014, p. 161-162).

Assim sendo, cumpre salientar que grande parte dos estudos pessoanos tem focado, estritamente, em sua obra escrita em língua portuguesa, a partir de 1914, como se o poeta tivesse florescido para poesia e para o processo de criação heteronímico somente depois desta data, como bem salienta Freire (1995), quando destaca que: “De facto foi o eclodir desse fenómeno a quatro vozes e a produção

genial que se surgiu, em português, que tornaram Pessoa notável e lhe conferiram a grandeza que todos conhecemos” (Freire, 1995, p. 17).

Contudo, esse fenômeno da alteridade de vozes articula fases preliminares, a demonstrar que a lírica pessoana remonta a um período anterior, com nuances experimentais, ao tom ensaístico, que, certamente, forjaram a potência poética que conhecemos em parte. Dentro desse cenário, é importante elencar que, antes de 1914, existiu toda uma galeria de “personalidades literárias” com quem o poeta compartilhou experiências e retroalimentou seu imaginário e escrita criativa, desde a infância até a adolescência, por meio de personas, tais quais: Chevalier de Pas, David Merrick, Charles Robert Anon e Alexander Search; estes estão entre esses muitos – apenas para situar alguns nomes que circundam o universo anglófono.

A propósito da poesia inglesa de Fernando Pessoa, temos apenas tido uma visão um tanto fragmentária, inclusive, a pensar que esta teria sido uma expressão esporádica de sua produção. Atentos a tal questão, nosso objetivo caminha em investigar como a dicção poética de Alexander Search se apropria de questionamentos existenciais, como matéria-lírica, prefiguradas através das buscas humanas em suas possibilidades de existir. Para tanto, centramos nossos empenhos nas poesias inglesas de Alexander Search, quando pondera a mundividência em expressões confessionais, pela busca de si, de modo a retroalimentar o lirismo pessoano – pela pluralidade de seus múltiplos.

2 Tudo quanto tenho buscado na vida, eu mesmo o deixei por buscar³

E para esse caminhar, alguns apontamentos biográficos de Fernando Pessoa precisam ser evidenciados, para uma melhor contextualização do nosso recorte. De tal modo, Fernando Antônio Nogueira Pessoa, nascido em Lisboa, Portugal, a 13 de junho de 1888, era filho de Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, e de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores. Infelizmente o pequeno ficou órfão de pai aos cinco anos de idade. Em seguida, sua mãe se casa com o comandante militar João Miguel Rosa, que foi nomeado cônsul de Portugal, em Durban, na África do Sul. Acompanhando a família, o menino seguiu para a África do Sul, onde recebeu educação inglesa em um colégio confessional, o *Durban High School*.

Convém não esquecer que Pessoa foi para Durban com sete anos (em janeiro de 1896) e que só de lá voltou definitivamente com dezessete anos (em agosto de 1906). Foi em língua inglesa que o seu pensamento e a sua inspiração abriram verdadeiramente as asas. É verdade que nunca deixou de se exprimir em português, oralmente com a família, e por escrito – como atestam algumas composições – essas, sim, episódicas – entre 1902 e 1909. Mas impõe-se reconhecer que o poeta foi autodidata

³ *Ibidem*, p. 102.

na língua e na cultura portuguesa. A sua escolaridade foi feita em inglês e na cultura inglesa praticadas pelas instituições que frequentou. Foi com essa língua e cultura que o jovem poeta se mediu (Lopes, 1985, p. 7-8).

Sob tais perspectivas, o espaço aberto por esta investigação nos encoraja a revisar uma estética germinal que demonstra um estreitamento visceral através dos escritos de Milton e de Shakespeare, apresentados pelo *Durban High School*, e potencializados pelas vivências e experiências interculturais que fomentam o pequeno através da tessitura de uma poética experimental, interlínguas, que já se revelava moderna entre as conexões do devir ontológico pelas indagações iminentes de ser e de estar no mundo, em suas constantes transformações.

Em contraste ao que se revela desenvolvido e bem delineado, esse período incipiente evidencia que os versos anglófonos de Search apresentam um estágio contínuo e formativo de experiências estéticas, através do amadurecimento poético, principalmente, perante temas que seriam posteriormente bem articulados ao longo da obra pessoana.

Mas quem exatamente é esse notável heterônimo que atende por Alexander Search, cujo nome vem sempre à tona quando nos debruçamos sobre a poesia pessoana escrita em língua inglesa? Sabemos, decerto, que Alexander Search foi a primeira criação importante do pulso de Fernando Pessoa, um heterônimo que representa praticamente toda a poesia da sua juventude, escrita entre 1903 a 1910, mas sobretudo entre 1904 e 1908 (dos 16 aos 20 anos), pois aí se situa a maior e a mais consistente parte da sua produção.

Para Freire (2004):

À semelhança do seu irmão Charles James Search, existe no espólio uma ficha biográfica, também escrita em inglês: “Nascido a 13 de Junho de 1888, em Lisboa. Tarefa: tudo o que não seja da competência dos outros três.” A descoberta desta gemelaridade com o próprio Fernando Pessoa, nascido realmente na mesma data e no mesmo local, veio conferir um interesse diferente a esta personagem e ao estudo da poesia assinada com o seu nome. A partir daí e com base em alguns poemas que entretanto foram dados a público nas últimas décadas do século XX, acompanhando breves ensaios temáticos, os estudiosos consideraram-no pseudônimo, heterônimo, pré-heterônimo, semi-heterônimo, sub-heterônimo ou personalidade literária, consoante o modo como viam esta figura misteriosa e intrigante (Freire, 2004, não paginado).

Pouco importa a designação genealógica da *persona* poética a partir do olhar de Search. Importa a essência da percepção existencial que se multiplica através de indagações metafísicas do ser-estar, pela consciência de sentir o mundo. Na medida em que se refuta posturas maniqueístas, tais quais, entre o objetivo e o subjetivo, o real e o poético, o nascimento ou a morte, mas sempre apurado por meio da densidade do existir, que, aliás, remonta a um movimento muito próximo ao pensamento de Heidegger, quando, grosso modo, afirma que pensar e ser é

uma forma de poetizar. Alinhada a esta percepção genealógica configurada através de palavras, ainda articula Freire (2004):

[...] acreditarmos nas palavras do poeta em relação ao tempo em que se processa a escrita de Search, poderemos admitir que este irmão-gêmeo seja não só a personagem que mais se identifica com a sua verdade, mas ainda o embrião poético que em sua “Busca” (e o nome é simbólico) já contém em si as preocupações metafísicas e as diferentes facetas que darão vida e justificarão os futuros outros em que Pessoa se desdobrará (Freire, 2004, não paginado).

A constatação desse movimento implica articular que os poemas, aqui selecionados, representam a constituição de uma unidade poética orgânica e sistematizada por Alexander Search que circundam, portanto, a existência e a essência, a gênese e a eficácia estética que se principia numa busca de uma vida inteira, que, de algum modo, ainda ecoa através de seus versos. Entretanto, apenas devemos, antes, nos entender acerca do caráter desta sistematização lírica que articula concepções filosóficas de Fernando Pessoa, ortônimo, quando, a partir de seus versos, nos toma pelo autorreconhecimento e empatia, para, então, evidenciar, pela simples presença de outrem, nossa existência.

Essa dimensão estético-existencial é nuclear para compreendermos os versos experimentais que, em tom confessional, busca a essência do ser e das coisas do mundo, por vezes, traduzidas em inquietações metafísicas e ontológicas de Search, na medida em que revela um construto poético contínuo, que transita do ingênuo essencial à aridez expressiva que contorna a obra deste “proto-Pessoa”, e que, de algum modo, ainda ecoa em toda obra pessoana. Entre indagações, desassossegos, angústias, reflexões e conciliações, mas nunca entre respostas absolutas, sobretudo, ante às questões da consciência do existir. A tais provocações, Martin Heidegger, em sua obra *Ser e Tempo*, alude:

A interpretação existencial da consciência deve expor um testemunho do seu poder-ser mais próprio do que está sendo na própria presença. O testemunho da consciência não é um anúncio indiferente, mas uma apelação apeladora do ser e está em dívida. O que se testemunha é, pois, “apreendido” no ouvir que apreende o apelo sem deturpações, no sentido por ele mesmo intencionado. Apenas a compreensão do interpelar, enquanto modo de ser da presença, propicia o teor fenomenal no que é testemunhado no apelo da consciência (Heidegger, 2015a, p. 376).

Necessária consequência do ponto de vista, acima referido, pondera a consciência da interpretação existencial que resulte numa dialética interior que, antes de tudo, traduza a autenticidade da existência pelo percurso histórico de cada ser. E que, portanto, no caso de Fernando Pessoa, brota a partir da linguagem poética a serviço de testemunhos singulares da condição humana, a partir do pensamento poético-filosófico capaz de compartilhar conexões imanentes à essência do homem pela expressão da linguagem, quando “[...] prevalece a opinião de que um traço

fundamental do pensamento é representar de maneira universal o que possui validade universal” (Heidegger, 2015b, p. 07).

Sob esse olhar, a concepção criadora de Alexander Search se manifesta, em especial, pelas possibilidades do existir através de circunstâncias objetivas, naturais e criativas que ampliam a concepção ontológica do ser, que, no caso desta persona literária, exprime a sensibilidade subjetiva e, logo, humana, entre distintas sociedades e temporalidades, na medida em se inclina pela expressão universal – interlínguas?

Para Luisa Freire (1995), os escritos anglófonos de Pessoa-Search demandam algumas questões de ordem crítica que expõem:

[...] a complexidade do seu discurso poético, a perfeição demasiado rebuscada e os vocábulos arcaizantes que usou, sobretudo nos sonetos conferem a estes poemas algo de artificial e de puramente literário tornando difícil as descodificações do seu pensamento último no emaranhado de uma linguagem demasiado sobrecarregada. Isto levou Jorge de Sena a referir seu – “total artificialismo” e alguns críticos a classificar o inglês pessoano de “anacrônico” e “extemporal”. Edouard Roditi fala mesmo do “desusado dialecto inglês” que era o seu, mas outros estudiosos, de língua inglesa, parecem não sentir essa estranheza e analisam a obra – pensamento e expressão – como um todo coeso e interligado (Freire, 1995, p. 24).

Se agora apontamos para essas questões da linguagem, não podemos perder o foco que nos importa, nesse instante, no que concerne a pensar a linguagem como forma expressiva capaz de promover reflexões sobre a essência do existir, através da escrita poética. De tal modo, as reflexões acionadas por Search-Pessoa pelo escopo poético-filosófico podem ser amplamente alinhadas por esta noção interlínguas, como forma de expressão a

[...] firmar a sua parte mais humana e carente, que sentiu em português o caminho familiar e o registou na simplicidade de uma comunicação informal permanecerá ligada a ele é a do português fará sua língua afetiva, em que vazará a sua sensibilidade mais profunda. Na síntese formulada por Jennings, “uma língua do intelecto” e uma “língua do coração” (Freire, 1995, p. 24).

Para além do bilinguismo pessoano, importa (re)apresentar um pouco da produção de Alexander Search, por meio de alguns poemas esparsos que refletem, em muito, traços estilísticos reconfigurados, tanto na língua do intelecto, quanto da língua afetiva, perante o refinamento entre o pensar e o sentir, exatamente porque buscava traduzir a existência de modo inteligível, como um alento ou salvação, que provocava pelas indagações peculiares a todo e qualquer vivente.

3 Ah, quem me salvará de existir?⁴

E assim, à poesia em língua inglesa de Search-Pessoa já orbitava temáticas que outros entes também trilhariam, um aspecto importante que confere unidade a um discurso poético, em fraco processo de amadurecimento conceitual e metafísico, ainda que com forte inclinação romântico-simbolista, por meio de temáticas, como: sentimento de exclusão; busca pela expressão poética; dúvida permanente; ser no mundo; alegria alheia; finitude; ações do tempo, entre outras questões estético-reflexivas.

E se agora pretendemos adensar nosso escopo de pesquisa, através de questões ontológicas, que, de algum modo, são empenhadas como rasuras estéticas, pela permanente percepção do existir; entendemos que Alexander Search já revelava ter a busca como estímulo e mote primordial de sua dicção poética. Por esse olhar, o Search que agora se apresenta, nesta breve seleção de três poemas esparsos, adensa questionamentos existenciais em suas percepções simbólicas, ao revelar uma escrita experimental que, por vezes, evidencia fragilidades estéticas e insólito espessamento crítico, mas que já indicava um traço lírico, por meio da consciência incômoda do cotidiano.

De tal modo, os poemas selecionados são atribuídos a Search, pelo ano e assinatura dos manuscritos catalogados pela filóloga e pesquisadora Luisa Freire (1995), escritos entre 1906 a 1908 – período que permite o processo de amadurecimento temático, crítico e estético do poeta.

Afloradas tais questões, o drama humano do existir, por si, aciona a necessidade da busca ao que parece inatingível ao humano. E, dessa forma, se mostra possível pela força do signo poético, através de versos e poemas absolutos – como símbolo criptografado e intrasferível. Entretanto, a busca natural por gente para compartilhar anseios comuns é inevitável aos humanos, que se mostram mais leves quando em diálogo com o mundo. Aliás, um pensamento muito próximo ao que refere Sarah Bakewell: “Para Sartre, se tentarmos nos fechar em nossas mentes, “num agradável quarto aquecido com as venezianas fechadas,” deixamos de existir. Não temos um lar acolhedor: estar numa estrada empoeirada é a própria definição do que somos” (Bakewell, 2017, p. 52).

Assim posto, compreendemos que é preciso ler e ouvir o infante-poeta como uma possibilidade ultrassônica, capaz de capturar sentidos de um sonho em vida, suficiente para desassossegar à existência pela plenitude da palavra que carrega proteção contra as arranhuras da vida. Uma imunidade, de certo modo, pueril, mas que já prepara e, principalmente, perspectiva o mundo para além de nós. Firmada pelo ortônimo na celebre paráfrase “navegar é preciso; viver não é preciso⁵” – logo,

4 *Ibidem*, p. 104.

5 “*Navigare necesse; vivere non est necesse*”, frase atribuída a Pompeu, general romano, 106-48 a.C. Para encorajar os marinheiros receosos com o novo ofício. c.f. Disponível em: <https://www.uc.pt/navegar>. Acesso em 28 ago. 2023.

tomaremos o verbo *navegar* pela aproximação e acepção simbólica com o verbo *buscar*, para além do (mar) desconhecido.

«Sad lot of all on Earth»

Sad lot of on earth,
Sad and lone!
We go to death from birth
Cheerless in laugh or groan;
And the greatest of us that here must sigh
Is but a meteor hurled on high
From the unknown to the unknown⁶.
(Pessoa / Search, 1995, p. 40)

«Tristeza de todos na Terra»

Tristeza de todos na terra,
Triste isolamento!
Caminhamos do nascimento à morte
Sombrios no riso ou na angústia;
E o maior de nós aqui tem sofrido
Meteoro apenas, na altura lançado
Do desconhecido ao desconhecido.
(Pessoa / Search, tradução nossa, 2023).

Nesse poema, o eu lírico vai direto para o que Heidegger denomina de *Dasein*, expressão alemã que, grosso modo, significa o “ser-aí”, dito de outro modo, é descrito em sua cotidianidade como um ser-no-mundo, sempre se projetando para possibilidades de ser como se o presente surgisse do futuro; portanto, está sempre no contínuo de situações experienciadas, a cada instante. Assim, a percepção lírica questiona uma condição que parece coletiva em *Sad lot of on Earth* [Tristeza de todos na terra] e, entre afirmações, busca traduzir uma consciência justaposta do mundo, tendo apenas a existência, que, por sua vez, potencializa questionamentos ordinários entre os viventes.

Desse modo, Search oferece, em sua breve seleção de questionamentos existenciais, a evidência da consciência do cotidiano. Afinal na metáfora os seres são como meteoros em *Is but a meteor hurled on high* [Meteoro apenas, na altura lançado] revela-se pela especificidade do ser do indivíduo. Pois, ainda próximo ao conceito heideggeriano do *Dasein*, a dicção poética de Search pondera uma metafísica da necessidade de esclarecimento da realidade existencial, quiçá em busca de respostas para outros tantos questionamentos. Ainda com base nos pensamentos de Heidegger, Aranha e Martins (1993, p. 305), articulam que “Se o homem é lançado no mundo de maneira passiva pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da

6 Poema datado de 1904.

existência e orientar suas ações em direções as mais diversas.” Mesmo que seja do *From the unknown to the unknown* [Do desconhecido ao desconhecido], certamente, a maior expressão da consciência existencial acontece através da condição secular que nos foi dada e, sobretudo, quando analisado a partir do conhecimento de mundo estranho que não criamos, pelo qual nos achamos submetido pelo primeiro instante de consciência.

Paralelamente, outros entes acabam por ser comprometidos aqui, a exemplo da noção de tempo-espaço e a finitude como sendo elementos essenciais para se pensar a existência. Por esse mote, caminha nosso *Buscador* inveterado quando, pela palavra poética, encontra testemunhas igualmente perturbadas pelas experiências do ser-estar diante de um mundo que se nos apresenta, por intermédio de suas contingências naturais e absolutamente únicas. A tal propósito, entre as rotações do signo poético, Paz (2015) bem articula que,

[...] Nossa poesia é consciência da separação e tentativa de reunir o que foi separado. No poema o ser e o desejado de ser pactuam por um instante, como o fruto e os lábios. Poesia momentânea reconciliação; ontem, hoje e amanhã; aqui e ali; tu, eu, ele e nós. Tudo está presente: será presença (Paz, 2015, p. 123).

Aliás, um movimento intenso que, pela poética de Search, reconfigura a consciência existencial através de seu processo de criação, uma vez que acolhe e busca a tradução primordial de sentimentos e estados antropófomos, tais quais: melancolia, angústia e dolências do ser. Desassossego em lirismo absoluto entre os modos de sentir e expressar – não consensual numa só língua. Inclusive presente na aparente aspereza cadenciada de um soneto.

SONNET

Could I say what I think, could I express
My every hidden and too-silent thought,
And brig my feelings, in perfection wrought,
To one unforced point of living stress.

Could I breathe forth my soul, could I confess
The inmost secrets to my nature brought;
I might be great, yet none to me haft taught
A language well to figure my distress.

Yet day and night to me new whisper bring,
And night and day from me old whispers take...
Oh for a word, one phase in which to fling

All that I think and feel, and so to wake
The world; but I am dumb and cannot sing.

Dumb as you clouds before the thunders break⁷.
(Pessoa / Search 1995, p. 44)

SONETO

Pudesse o que penso exprimir e dizer
Cada pensamento oculto e silente
Levar meu sentir moldado na mente
A ser natural perante o viver;

Pudesse a alma verter, confessar
Os segredos íntimos em meu ser;
Grande eu seria, mas nada pude aprender
Uma língua bem, que expresse o pensar.

Assim, dia e noite novo sussurrar,
E noite e dia sussurros que vão...
Oh! A palavra ou frase em que atirar

O que penso e sinto, acordando estão
O mundo; mas, mudo, não sei cantar,
Mudo como as nuvens antes do trovão.
(Pessoa / Search, 1995, p. 45)

Na primeira estrofe do soneto, acha-se o questionamento de Search sobre as condições intersubjetivas da existência. Um aspecto aparente da modernidade através das possibilidades de interpretar a realidade. Certamente uma questão ontológica que Search-Pessoa tece em sua prática poética, principalmente, ante os elementos líricos: tempo e morte. Contudo, para este recorte, percorremos uma terceira via que se articula pela existência, ou pelo menos a partir da consciência desta, pelo que traz em si, uma lógica orgânica e natural principiada desde o nascimento até a finitude do ser.

Diante de tal questão, o poeta, frequentemente, em suas reflexões, enfatiza a necessidade expressiva de pensamentos e sentimentos para tradução do ser. Assim sendo, as incertezas da existência humana aqui perpassam pelas dificuldades de lidar com a abstração do simples viver que pode ser expresso por tensionamentos existenciais de muitas ordens.

O soneto favorece a dualidade do existencial, mais voltado para o sensorial da primeira estrofe, ao contrário da segunda, na qual o fisiológico é acionado pela essência primeira do viver e pela respiração consubstancia corpo e alma entre segredos que não poderiam se revelar, quiçá pela fortuita brevidade linguística e/ou clausura estética da forma textual em contraponto à expressão libertadora da língua(gem) poética ou de uma língua natural? Ora, nem a objetividade comunicativa da língua inglesa, nem a subjetividade expressiva da língua portuguesa

7 Poema datado de 1904.

compele ao eu lírico a possibilidade interativa do bem pensar. Afinal de contas, será que existe uma única língua capaz de expressar pensamentos, angústias, inquietações e desassossegos universais de modo tão íntimo para cada ser humano?

É preciso ouvir/ler e, especialmente, entender a autenticidade experimental de Search. Porque, de algum modo, sua dicção poética consegue capturar o senso da existência humana de forma viva e, portanto, simbólica, através do processo evolutivo que avança para construções e desconstruções intersubjetivas do tempo, do mundo e das formas de existir. Uma busca infinda que leva em conta as reações consigo, com outros e com os acontecimentos variados da vida em sociedade, capaz de usurpar o cotidiano pessoal pelo propósito maior de passar adiante o desenvolvimento renovado e sempre reflexivo de possibilidades.

Essa exuberância pelas possibilidades do existir é intensamente adensada na chave de ouro do soneto, quando Search nos oferece toda energia existencial por meio do pensar e sentir, quando se está acordado. O acordar aqui estreita demasiadamente uma magnífica metáfora da consciência pela complexidade humana e sua substância adaptativa, ante o mundo em suas constantes transformações. Inclusive, o silêncio que o eu lírico empenha, pela mudez do mundo, traduz a consciência cética para respostas inexistentes, concebidas pelo silêncio ensurdecido de *Dumb as you clouds before the thunders break* [Mudo como as nuvens antes dos trovões], através do qual o canto-lamento repousa no oco, sem eco – que repercute o devir.

Trata-se de uma reflexão fenomenológica e fundamental aos propósitos existencialistas entre as inclinações ontológicas de cada indivíduo, como bem articulam Aranha e Martins (1993), por intermédio dos postulados de Heidegger:

Do sentido que o homem imprime à sua ação, decorre a autenticidade e inautenticidade da sua vida. O homem inautêntico é o que se degrada vivendo de acordo com as verdades e as normas dadas; a despersonalização o faz mergulhar no anonimato, que anula qualquer originalidade. É o que Heidegger chama de “mundado man” (em alemão man significa “se”) e que designa a impessoalidade: come-se, bebe-se, vive-se, como todos comem, bebem e vivem. Ao contrário, o homem autêntico é aquele que se projeta no tempo, sempre em direção ao futuro. A existência é o lançar-se contínuo às possibilidades sempre renovadas (Aranha; Martins, 1993, p. 305).

Visível é a autenticidade de Pessoa-Search, mesmo diante de toda assimetria linguística a que todo sujeito bilíngue se torna passível, quer pela própria natureza linguística de interação comunicacional, quer pelo uso estético da linguagem como expressão ou, ainda, diante dos motes e contingências da (in)traduzibilidade poética, na medida em que acolhe outras tantas possibilidades criativas. De tal maneira, a presença de Walt Whitman, nos versos *The world; but I am dumb and cannot sing* [O mundo; mas, mudo, não consigo cantar], particularmente, remete à potência estética de *song of myself* [canção de mim mesmo], provavelmente, acessadas por Pessoa no *Durban High School*.

É perturbador como a busca pelos rastros da poética de Search se revela contextual a cada verso, a cada palavra, tornando ainda mais belo e repleto de significados através do processo criativo de Fernando Pessoa (ortônimo e heterônimos), ao desafiar a lógica do sentido – existencial, através de versos.

MEANINGLESS LINE

I Became good, and was despised.
I became bad; I hated was,
If good or bad I was not prized,
In good or evil, equal loss.

I became bad and good by turns,
And thus did but unite two ills.
The spleen that now within me burns
Therefrom, nor good nor evil stills.
(Pessoa / Search 1995, p. 184)

LINHAS SEM SENTIDO

Eu me tornei bom e fui desprezado.
Tornei-me mau; ódio recebi,
E se bom ou mau, nunca fui elogiado,
No bem ou no mal igual perda senti.

Então bom uma vez e mau outra hora,
Assim consegui dois males juntar.
Sei do tédio que em mim arde agora,
Nem o bem nem o mal o vem sossegar.
(Pessoa / Search, tradução nossa, 2023).

Meaningless line [Linhas sem sentido] incorpora em si, simultaneamente, todas as angústias existenciais, que invariavelmente permeia uma perspectiva maniqueísta que apresenta a ambiguidade como um elemento fundamental e naturalmente humano. Por isso, a análise desse poema é tomada desde o seu título como uma metáfora da vida, como uma linha, na qual o sentido é um construto diário que, também, em Search, emana a temporalidade e a última das gentes, como bem anuncia(va) à morte, Manuel Bandeira. Algo próximo ao que propõe Heidegger quando pondera “[...] que o próprio Ser não se encontra num plano eterno e imutável: ele surge no Tempo e na história. Assim, tanto no nível cósmico quanto na vida de cada um de nós, todas as coisas são temporais e finitas.”, como afirma Bakewell (2017, p. 291). Percepção inclusive que se apresenta como temáticas recorrentes na poética de Search.

Entretanto, deslocando essa lente, optamos pelas possibilidades do existir como o existencialismo nos apresenta, em especial, quando empenhado por Sartre (1978, p. 05), em sua célebre declaração de que a “existência precede a essência”.

Posição que não assenta muito bem a ideia da existência humana com data final para expirar. Um ponto que privilegiamos, neste instante, pelas possibilidades do existir entre o bem e o mal, mas ainda pelo engajamento da liberdade que sai do plano imaginário e se apresenta em ações.

Assim, o que parece conflituoso na primeira estrofe, na segunda, se apresenta como alternativa – por outra via possível. E que, como desdobramento, cria outras novas questões a sintetizar a existência pelo desassossego nosso de cada dia.

Com isso, a dicção poética de Alexander Search, com os poemas representativos apresentados aqui, entre outros tantos, tais quais: *The Clown* [O Palhaço]; *Soul-Symbols* [A Alma em Símbolos]; *Mania of Doubt* [Mania de dúvida]; *The Accursed Poet* [O Poeta Maldito] e outros tantos que repercutem à matéria sublime da existência e da essência do ser, afloram o percurso estético-filosófico de Fernando Pessoa que teve, em Search, nos seus primeiros versos, o que chamamos de experimentais, dadas as circunstâncias neófitas e, sobretudo, pela necessidade de expressão, a criar infindas conexões com a língua inglesa pelo aporte (intelectual). E que, mais tarde, já amadurecido, toma Pessoa a companhia do mestre Caeiro com a força de uma atividade poética e filosófica do homem que dispõe da existência como matéria fundamental, agora curada e vazada pela língua portuguesa, em seu aporte (afetivo), de modo a forjar um lirismo absolutamente inteligível através da singular modernidade de versos plenos, capazes de aproximar o humano de si mesmo.

Considerações finais: ou *Na dúvida, há um ponto final*⁸

Por esse olhar, a poética de Alexander Search se mostra profundamente empenhada, exatamente pelos princípios das buscas pelo entendimento do existir, por meio dos signos poéticos que abrem fendas para o âmago humano e, principalmente, inspiram, por um dado modo de autoconhecimento. Assim, a essência artística das composições de Search pelas procuras intersubjetivas se revelam para o desconhecido, como se revelasse um *Buscador* para uma *deep web* humana, acessada pela decodificação de palavras.

Assim posto, entre o germinal e o experimental e, sobretudo, como navegador nato, em Alexander Search, a existência humana aparece como prefiguração mental – para nobres missões de autoconhecimento, em busca de respostas, ou, quiçá, melhores entendimentos para confrontar as questões do existir através de signos poéticos como tradução primeira do Ser no mundo. Como quem evidencia que a realidade é anterior à linguagem pela consciência do ser e pela transmutação tempo-espço, através da experiência da outridade – presente em todas as manifestações do existir. Assim, a linguagem (poética) desafia e perturba o imaginário de nosso infante-poeta que deseja(va) apenas se encontrar em presença – ante à ausência de respostas para suas inquietações (existenciais).

8 Pessoa (1986, p. 232).

Como bem afirma Paz (2015, p. 120), “A poesia nasce no silêncio e no balbuciamiento, no não poder dizer, mas aspira irresistivelmente à recuperação da linguagem como realidade total.” Por essa perspectiva, se a poesia de Search expressa estabelecer relações metafísicas do ser no mundo, as sensações de um existir entre possibilidades, imediatamente, o silêncio aciona a poesia que faz vazar palavras, símbolos, versos que possibilitam, no contínuo pessoal, traduzir e afagar inquietações naturais e que, por isto mesmo, são capazes de nos tornar pessoas autênticas.

Certamente, tais conexões imanentes existem. E claro que essa condição de Search, interlínguas, potencializa a (re)apresentação de sua escrita e de sua persona poética, através de um intricado complexo de simbolismos interculturais que ainda desassossega os estudos da poesia pessoana, que, entre os mistérios da existência e a essência do ser, refuta unidades possíveis e imediatas de entendimento, a fim, justamente, de confirmar a poética da nossa existência.

INTERLINGUAL DIALOGUES IN THE POETICS BY ALEXANDER SEARCH OR THE PESSOANA “SEARCH” FOR THE CONTINUOUS POSSIBILITIES OF EXISTING

Abstract: *The poetic diction by Alexander Search, as a literary-germinal personality by Fernando Pessoa, triggers confessional expressions in his aesthetic work, in search of himself. Aspect that shows intense metaphysical articulations, above all, in thematic reconfigurations that surround anguish, loss, time, finitude, among other ontological issues that somehow are engaged as lyrical erasures that translate the human existence. Through this lens, and mainly from some scattered poems by Search-Pessoa, we aim to investigate how Alexander Search’s poetic diction appropriates existential questions, such as lyrical-material, prefigured through human searches in their possibilities of existing. Thus, through contextual readings, we show peculiar traits of an embryonic poetics that reveals itself through the arid objectivism of the English language and the affable reception of the Portuguese language, when translating the pessoan lyricism as intersubjective searches - as a testimony of life.*

Keywords: *Alexander Search; aesthetic erasures; interlingual dialogues; Pessoa lyricism*

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

BAKEWELL, Sarah. *No café existencialista: o retrato de uma época em que a filosofia, a sensualidade e a rebeldia andavam juntas*. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- FREIRE, Luísa. In: PESSOA, Fernando. *Poesia Inglesa* (1). Edição, tradução e notas de Luísa Freire. Ed. Bilingue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995. p. 17-29.
- FREIRE, Luísa. *Fernando Pessoa - Entre Vozes, entre Línguas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante. Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015a.
- HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Tradução revisada e interpretação de Márcia Sá Calvalcante. Posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015b.
- JOACHIM, Michael. A heteronímia de Fernando Pessoa: literatura plurilíngue e transnacional. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n. esp., p. 161-181, jul./dez. 2014.
- LOPES, Teresa Rita. Prefácio. In: PESSOA, Fernando. *Poesia inglesa* (1). Edição, tradução e notas de Luísa Freire. Ed. bilíngue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995. p. 7-10.
- NITRINI, Sandra. *Literatura comparada: história, teoria e crítica*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego por Bernardo Soares*. Seleção e introdução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- PESSOA, Fernando. *Fausto – tragédia subjetiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- PESSOA, Fernando. *Poesia inglesa* (1). Edição e tradução e notas de Luísa Freire. Ed. Bilingue. Lisboa: Livro Horizonte, 1995.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. Virgílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

Recebido em 05 de julho de 2024

Aprovado em 18 de setembro de 2024

MEMÓRIAS DE EXPERIÊNCIAS SOCIOCULTURAIS VIVENCIADAS NO PROJETO DE EXTENSÃO UATI/CEVITI

Cleideni Alves do Nascimento Acco¹

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de dados que se insere no contexto de uma pesquisa de doutorado. Buscou-se conhecer, compreender e analisar como as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas podem ter influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica desenvolvida entre um grupo de alunas de um projeto de extensão que atende o público da terceira idade. A partir dos depoimentos das participantes, foi possível constatar que as experiências vivenciadas no projeto se caracterizam por momentos marcantes e muito significativos para elas. Os dados revelam que as atividades artístico-culturais ou de ensino das quais participaram trouxeram benefícios que superam o nível de aquisição de novos conhecimentos. Esse projeto de extensão, como espaço de construção de sociabilidades, exerce um importantíssimo papel que adentra inclusive o âmbito psicoemocional. Todas essas atividades formam referenciais sociais importantíssimos para ajudar no equilíbrio emocional e na valorização e autovalorização da pessoa idosa.

Palavras-chave: Memórias; Experiências socioculturais; Terceira Idade.

Introdução

Este artigo apresenta um recorte de uma pesquisa de doutorado (Acco, 2024) realizada no âmbito do projeto de extensão UATI/CEVITI, desenvolvido no Departamento de Educação da Universidade da Bahia (UNEB – *Campus X*). O período da coleta de dados ocorreu entre março e agosto de 2022, envolvendo sete alunas do projeto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza etnográfica e com algumas estratégias de pesquisa ação, dividida em entrevista inicial, grupo focal e entrevista

1 Professora do Curso de Licenciatura em Letras Inglês do Departamento de Educação de Teixeira de Freitas da Universidade do Estado da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos da Linguagem e especialista em Estudos literários pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Email: clnascimento@uneb.br / cleideni_nascimento@yahoo.com.br.

2 A pesquisa contou com o apoio do CNPq.

final. Neste artigo, foram analisados os dados coletados em um dos sete encontros do grupo focal.

Como objetivo geral da pesquisa, buscou-se compreender de que maneira as experiências socioculturais envolvendo as mais diversas expressões artísticas poderiam ter influência sobre a constituição da identidade de um indivíduo no decorrer da sua história de vida, configurando-se como um processo natural de letramento literário a partir das suas vivências. Já no que se refere aos dados desse encontro analisado, o intuito foi conhecer e avaliar o relacionamento que as voluntárias da pesquisa construíram ao longo do tempo com o projeto a partir das experiências socioculturais lá vivenciadas.

No segundo encontro do grupo focal, as voluntárias da pesquisa foram convidadas a apresentar um objeto de recordação de algum momento, evento ou aprendizagem que houvesse sido significativo para cada uma delas, considerando-se suas vivências no projeto de extensão UATI/CEVITI. Através desse objeto de caráter memorialístico, requisitado no encontro anterior e escolhido por elas, foram reveladas experiências relevantes vivenciadas no projeto pelas voluntárias da pesquisa.

A decisão de solicitar que elas escolhessem tal objeto para narrar algum fato relevante foi motivada pela compreensão de que, dessa forma, haveria uma menor interferência da pesquisadora; além disso, elas teriam mais tempo para avaliar com calma a escolha de um acontecimento importante para elas; por fim, tal escolha poderia revelar muito sobre a subjetividade de cada uma delas, assim como a relação que elas têm construído junto ao projeto de extensão.

Através desse aprofundamento nas subjetividades das voluntárias da pesquisa, conhecendo mais detalhadamente algumas das experiências socioculturais que elas vivenciaram ao longo da vida e da participação no CEVITI, foi possível identificar mais pontos de convergência do que divergência em suas trajetórias. As similaridades encontradas foram importantes inclusive para ajudar nas escolhas das obras artístico-literárias que compuseram o repertório dos encontros seguintes do grupo focal. O intuito, ao propor às voluntárias novas experiências socioculturais com base em obras artísticas compartilhadas, foi avaliar como essas práticas culturais poderiam contribuir para o processo de letramento literário enquanto experiência sociocultural na velhice.

Ainda que em muitas ocasiões as pessoas compartilhem experiências socioculturais em espaços de convivência em comum e até realizem as mesmas atividades, vale lembrar que não existe uma memória coletiva enquanto faculdade humana, pois a memória só pode ser atestada individualmente (Candau, 2012). Por outro lado, as experiências coletivas vivenciadas em um mesmo período de tempo e espaço ajudam a formar referências sociais que constituem as memórias de cada indivíduo. De acordo com Bosi (1994, p. 422), “um tempo que fosse abstrato e a-social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória”. Desse modo, rememorar as lembranças coletivamente, considerando

um grupo que tenha referências sociais parecidas, pode ser muito enriquecedor, já que, muitas vezes, a memória de uma pessoa pode evocar outras memórias nos demais indivíduos e vice-versa. A depender do acontecimento lembrado, esses momentos podem ser de muita efervescência e entusiasmo, conforme observado em alguns dos encontros do grupo focal.

Outra característica importante para retomar questões relativas à memória é que ela não segue a linearidade do calendário civil adotado socialmente. Não se lembra fatos da vida em uma sequência meramente cronológica. A memória humana seleciona acontecimentos que marcaram de algum modo a identidade de cada pessoa. Para Candau (2012, p.101), “[...] uma história de vida consiste em dar uma fisionomia aos acontecimentos considerados pelo indivíduo como significativos do ponto de vista de sua identidade”.

Ao serem solicitadas que trouxessem um objeto que representasse uma lembrança importante para elas, observou-se que tal objeto remetia a algum acontecimento especial ao longo da sua trajetória junto ao projeto UATI/CEVITI. “Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum” (Bosi, 1994, p. 411). Na sequência, alguns “tesouros” da memória foram selecionados pelas voluntárias da pesquisa para narrar um pouco da sua história com o projeto.

2 Alguns tesouros da memória

Nesse encontro estiveram presentes seis das sete participantes, e, antes que elas começassem a apresentar seus objetos de recordações, foi lido para elas o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (1995), de Mem Fox, ilustrado por Julie Vivas, com o objetivo de introduzir o tema de como os objetos podem suscitar memórias de acontecimentos relevantes que constituem a nossa história.³ Após a leitura, elas demonstraram ter gostado da história, e duas delas fizeram comentários mais analíticos sobre a relação entre os objetos e as memórias:

Às vezes a gente lê algumas coisas. Quando uma pessoa toca ou fala alguma coisa, a gente lembra que a gente também já passou por aquilo, né?! Assim, quando a gente era criança. Às vezes, você vê um objeto, você lembra também. É igual essa história aí, a gente lembra (Elisabete, 2022 – grifos nossos).

Eu fiquei muito pensando assim: uma criança, como é que ele se empenhou e descobriu o que era memória, né?! Uma coisa ligava a outra, então ele ficava até que encontrou (Lau, 2022 – grifos nossos).

3 No caso da narrativa do livro ilustrado, o personagem reúne vários objetos para ajudar uma senhora a recuperar a memória quando em contato com eles.

Observou-se que dona Elisabete compreende claramente o potencial evocatório que os objetos podem ter para despertar memórias adormecidas, pois ela cita alguns exemplos de estímulos externos que recebemos, como quando lemos, ouvimos uma canção ou uma pessoa falando e vemos algum objeto que nos remete ao passado. E, por fim, ela compara esse processo evocatório de lembranças com a história de ficção que ela ouviu. Dona Lau, por outro lado, se detém mais especificamente na narrativa do menino que queria descobrir o que é uma memória. Ela parece ter se surpreendido com a capacidade do menino de relacionar as coisas com o propósito de ajudar a sua amiga idosa.

Na sequência, as participantes da pesquisa narraram suas histórias a partir do objeto de recordação por elas escolhido. Para algumas das voluntárias, a escolha de um único objeto de recordação não foi uma tarefa fácil, considerando que a grande maioria delas já faz parte do projeto há muitos anos e participou de vários eventos, cursos e oficinas. Então, duas delas, dona Lau e dona Elisabete, levaram dois objetos. A fim de facilitar a análise das falas das voluntárias, seus relatos foram agrupados pela afinidade da natureza dos acontecimentos narrados.

Inicialmente, foram analisadas as memórias que envolveram *performances* artísticas e corporais. Elas relataram suas participações em eventos nos quais atuaram diretamente e que exigiram delas uma boa dose de coragem para se expor nas apresentações. Certamente, essas experiências foram muito desafiadoras, e conseguir realizá-las parece ter dado a elas um grande estímulo para abraçar novos desafios. Para uma melhor visualização, os objetos de recordação por elas apresentados foram agrupados no quadro a seguir, juntamente com os eventos que esses objetos representam e qual o valor simbólico que eles possuem para cada uma delas.

Quadro 1: Objetos de recordação de eventos do projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Evento representado	Valor simbólico
Dona Lau	Fotos	Participação em um desfile de Miss Terceira Idade	Sentimento de superação da timidez e aumento da autoestima
Dona Elisabete	Foto	Participação em uma apresentação de dança	Sentimento de superação da timidez
Dona Lurdes	Roteiro de uma peça de teatro	Encenação da peça “Julietta e Romeu”	Sentimento de importância e autovalorização

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Começando por dona Lau, que conta, a partir das fotos, como foi participar de um desfile de miss terceira idade e como esse evento mexeu com a sua autoestima. Na sequência, foram selecionados alguns trechos do relato da sua experiência:

Eu me sentia, antes de entrar no CEVITI, por mais que eu participava de comunidade, essas coisas assim, mas eu me sentia muito tímida assim, eu não tinha coragem de ir participar das coisas assim [...]. A gente ficou sem saber, né, Lurdes? Que classificação a gente ficou, mas eu achei assim muito importante. Para mim foi muito importante, mesmo que eu não venci, mas eu me senti linda, maravilhosa... (risos) E desfilei, né?! [...] Então, eu me senti assim muito importante naquele desfile. Toda a minha família lá batendo palma, os amigos torcendo e os netos. E assim foi. Foi muito bom (Lau, 2022 – grifos nossos).

No depoimento de dona Lau, percebeu-se que, para ela, a participação nesse desfile foi um momento de grande superação da sua timidez, considerando-se toda a exposição que esse tipo de evento exige das participantes. Além disso, quando ela reforça que foi muito importante para ela, brincando que se sentiu linda e maravilhosa, ela revela um sentimento de autovalorização e segurança que antes não tinha, devido ao excesso de timidez. E, mesmo sem ter vencido o concurso, para ela foi uma vitória íntima, pessoal, pois conseguiu vencer seus bloqueios internos. E para completar o seu sentimento de realização, ela expressa a sua alegria com a torcida dos seus familiares e amigos.

Além de dona Lau, mais uma dentre as voluntárias da pesquisa que estavam presentes nesse encontro do grupo focal participou do desfile de beleza para miss terceira idade: dona Lurdes, citada por dona Lau em seu depoimento. Inclusive, elas trocaram lembranças sobre a experiência de participar desse evento. Observou-se o quanto eventos desafiadores como esse podem desempenhar um papel importantíssimo para fortalecer a autoestima e a autoconfiança das pessoas idosas. Celebrar a beleza da velhice é também uma forma de quebrar o tabu de que a pessoa, por ter envelhecido, não precise mais se preocupar com a estética e com sua apresentação pessoal. Com a velhice, a perspectiva de beleza muda e, para além da aparência física, transforma-se em um conjunto que concilia os aspectos físicos e emocionais, gerando bem-estar. É um se sentir bela ou belo. Limoeiro (2016) aponta, em uma pesquisa, que as mulheres de mais 60 anos apresentam novas preocupações, novas inquietações que não parecem ter relação com a aparência. O cuidado com o corpo continua, mas se configura de modo diferente. O foco muda para os cuidados com a saúde. E nesse sentido, as mulheres conseguem ter um bom envelhecimento, inclusive melhor que o dos homens.

Dona Elisabete, por sua vez, conta sobre a experiência que teve através de uma oficina de dança, no excerto que aparece na sequência. É importante destacar a frase na qual ela fala “eu amo essa foto”, pois entende-se que o sentimento se dirige para o acontecimento que a foto registrou, mais do que para o objeto em si.

Essa foto daqui também. Eu guardo ela porque eu amo essa foto. A nossa oficina de dança folclórica. É com, com Patrícia, né?! E essa eu... Eu tenho a maior vergonha de dançar, não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada. E aí, vi Lau contando a história dela, eu lembrei.

*E aí Patrícia foi jogando a gente na dança, né?! Patrícia falou: não, você vai dançar. **E eu morrendo de vergonha.** Tá aqui a foto (Elisabete, 2022 – grifos nossos).*

A partir dessa experiência, observou-se que dona Elisabete teve uma mudança de perspectiva em relação a dançar e a se apresentar em público. Certamente, ela continua sendo tímida, pois essa é uma característica da sua personalidade. No entanto, quando ela diz: “não gostava de dançar e não gostava de me apresentar em nada”, a escolha do tempo verbal pretérito imperfeito mostra que esse estado de ânimo mudou, ele ficou no passado. Assim, ela demonstra ter vencido a vergonha e já se sente capaz de assumir outros desafios.

Passando para a lembrança trazida pelo objeto de dona Lurdes, mais uma experiência de *performance* é apresentada, mas dessa vez de teatro. Um fato curioso sobre a escolha de dona Lurdes é que ela levou o roteiro da peça de teatro na qual atuou, em vez de levar uma foto da encenação. Parece até um comportamento de artista profissional, que compreende que o texto é a materialidade da palavra que depois ganha vida através da interpretação dos atores.

*Eu vou falar o quê? **E é que foi importante na minha vida, foi o teatro que eu amo, né?! [...]** Sim, isso aqui foi uma peça que nós fizemos de Julieta e Romeu. Mas não podia ser Romeu e Julieta? Tanto faz, né?! Porque aqui tá Julieta e Romeu. **E aí eu participei e adorei.** A peruca que me deram parecia peruquinha de índio. É isso só que eu tenho que falar. **Foi muito bom, muito bom mesmo a apresentação. Ah, eu senti toda importante, né?!** Porque tava meu povo tudo, meus neto, meus filho, né?! Os amigo acharam muita graça porque o meu cabelo era todo engraçadim (Lurdes, 2022 – grifos nossos).*

Diferentemente de dona Lau e dona Elisabete, dona Lurdes demonstrou não ter se intimidado diante da encenação da peça de teatro na qual ela atuou. Ao contrário, ela parece se sentir muito à vontade e em momento algum expressa acanhamento. Suas palavras revelam entusiasmo e apreciação da arte de encenar, conforme se observa no excerto anterior. Ela usa o verbo “amar” no presente para mostrar que o seu amor pelo teatro ainda permanece. Depois usa o verbo “adorar” no passado simples para contar seu sentimento quanto à participação na peça. Por fim, ela reforça duas vezes que a apresentação foi muito boa. E quando perguntada a respeito de como ela se sentiu em relação à sua atuação na peça, ela, assim como dona Lau, expressa um sentimento de importância ainda mais valorizado pelo apoio dos familiares e amigos que estavam presentes.

É relevante pontuar o destaque que dona Lau e dona Lurdes deram ao apoio recebido dos seus familiares. Nesses dois exemplos, percebeu-se uma mudança positiva em relação ao lugar que a sociedade, em boa parte, costumava reservar às pessoas idosas: a invisibilidade e o apagamento pessoal. Ao subir em um palco para desfilas e para encenar uma peça, elas ocuparam espaços de protagonismo, de destaque. São espaços que, por muito tempo, foram negados às pessoas idosas.

De modo geral, as experiências que elas tiveram foram muito importantes para cada uma. As atividades transcenderam o nível do divertimento, proporcionando mudanças pessoais que as ajudaram a superar limitações de suas personalidades. Segundo Caradec, é necessário que as pessoas idosas possam manter uma dinamicidade que lhes garanta autonomia pessoal. Para o autor, “[...] trata-se, simultaneamente, de conservar pelo maior tempo possível atividades e relações que fazem sentido, manter a capacidade de decidir quanto à própria vida, preservar o sentimento do próprio valor e conservar espaços de familiaridade com o mundo” (Caradec, 2016, p. 35). Esses aspectos apontados por Caradec realmente fazem a diferença, de modo que, nos relatos das experiências vivenciadas por essas senhoras, é possível avaliar o quanto tais atividades foram significativas para elas.

Na continuidade, foram agrupadas as memórias com base nas atividades manuais realizadas e apresentadas pelas voluntárias através dos objetos que elas selecionaram. Dona Bela e dona Neiva falaram sobre a experiência de aprender a pintar nos cursos de que elas participaram no CEVITI. Dona Lau conta sobre uma experiência pontual que começou em tom de brincadeira com uma colega do projeto e terminou na confecção de algumas saias de retalhos, conforme se vê no quadro a seguir.

Quadro 2: Objetos de recordação de trabalhos manuais do projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Atividade realizada	Valor simbólico
Dona Bela	Panos de prato pintados	Curso de pintura em tecido	Sentimento de orgulho pela nova habilidade desenvolvida
Dona Neiva	Uma pintura em tela	Curso de pintura em tela	Sentimento de orgulho e realização pela habilidade desenvolvida
Dona Lau	Uma saia	Confecção de saias de retalhos	Sentimento de satisfação por um trabalho bem realizado

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Dona Bela levou para o encontro alguns panos de prato pintados por ela. Inicialmente, ela disse ter pensado que não conseguiria fazer pintura em tecido, pois se considera uma pessoa muito ágil, que gosta de fazer as coisas rapidamente, e a pintura demandaria dela mais paciência e atenção por ser uma atividade delicada. Contudo, ao fazer o curso, ela mesma se surpreendeu com o resultado que alcançou quando a professora elogiou o seu trabalho, conforme ela relata: “Aí, quando nós começamos pintar, **** (nome da professora) chegou para mim: ‘dona Bela, você falou que não tinha condições, olha como a senhora pintou bonito, viu?’”

Em sua fala, dona Bela revela ter se encantado com a nova habilidade que desenvolveu a partir do curso de pintura em tecido de que participou.

Foi isso aí, pra mim, eu achei uma verdadeira maravilha que é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?! Porque tudo quanto é coisa de artesanato, de tricô, de crochê, de tudo, tudo assim eu sei fazer, graças a Deus, né?! Mas isso aí nunca e, no entanto, olha minhas pinturas que coisa mais linda (Bela, 2022 – grifo nosso).

A experiência parece ter sido para ela um exercício de autossuperação, pois, inicialmente, ela não acreditava que conseguiria aprender a pintar. Quando ela diz “[...] é uma das coisas que eu nunca tinha feito nessa idade que eu estou, né?!”, essa fala vem destacar também a superação das limitações que, muitas vezes, surgem em decorrência da idade mais avançada.

Dona Neiva levou uma pintura em tela para contar como foi a sua experiência de aprender a pintar quadros. Inicialmente, ela contou que aprendeu a fazer pintura em tecido e que já tinha ficado muito entusiasmada com essa nova habilidade desenvolvida. Logo depois, ela fez o curso de pintura em tela. Ela comentou que o professor era uma “joia de pessoa” e que tinha muita paciência com suas alunas. Ele ensinava a pintar começando pela observação das variações de cores que existem na natureza, conforme ela descreve a seguir.

Se vocês ver o pôr do sol, ela não está, ela está vermelha. Ela fica rosa. Ela fica vermelha, né?! Todas as cores. Vai chover, ela fica escura. Então nós temos que aprender a pintar olhando para o céu, olhando para as plantas, olhando para as flores. Isso nos ensinou muito porque a gente ficava observando as folhas, o verde mais claro, o verde mais escuro, né?! A pintadinho de branco. E fomos tomando gosto. E fomos aprendendo, né?! (Neiva, 2022 – grifos nossos).

Mais do que dominar uma técnica de pintura, é interessante observar que dona Neiva contou que aprendeu a ter um olhar mais sensível para a natureza, analisando seus detalhes e as nuances de cores que compõem o cenário natural. Ela demonstra um especial encantamento por esse universo da pintura. Quando perguntada sobre como ela se sentiu depois de conseguir pintar seus próprios quadros, ela expressou muita alegria e satisfação, conforme o relato que se segue.

Ah, muito feliz e orgulhosa, né?! Oh, hoje eu sei pintar uma tela! Já no pano de prato, eu já ficava assim... Pergunta à minha filha. Era uma loucura nos pano de prato que era dia e noite pintando. Aquela alegria, aquela euforia porque você descobre uma coisa nova que você não era capaz. E de repente, você sabe que você é capaz. Não é, Bela?! E faz coisas lindas. Oh Bela, ela faz coisas lindas, mas não fazia tecido. A gente sente orgulhosa da gente mesmo, sabe. E lá em casa, todos dão apoio, todos (Neiva, 2022 – grifos nossos).

É interessante pontuar que dona Neiva parece distinguir níveis de valor estético entre a pintura em tela e a pintura em tecido. Embora ela tenha revelado sua satisfação com as duas técnicas de pintura. Quando ela fala “Oh, eu sei pintar uma tela!”, há um tom de orgulho que parece se sobressair em relação à pintura em

panos de prato, a qual teria um valor mais utilitário. Contudo, de modo geral, ela enxerga essas experiências como grandes aprendizados que a ajudaram a provar sua capacidade. Dona Neiva, inclusive, faz uma interlocução com dona Bela para confirmar o sentimento de orgulho e realização compartilhado entre ambas por terem aprendido a pintar. Outro ponto muito importante é o apoio e o estímulo por parte da família. Dona Neiva faz uma análise de como tal apoio influenciou no desempenho delas nesse tipo de atividade:

É, isso é bom, porque você tendo em casa um apoio, você cresce mais e se sente mais orgulhoso daquilo que você tá fazendo, né?! Porque foi bem aceita. As pessoas reconhece o seu sacrifício porque nós não somos novinhos, nós estamos começando já na certa idade que a mão não é a mesma de uma mais jovem, né?! Tem as nossas dificuldades, tem as nossas artrose, artrites [...] (Neiva, 2022 – grifos nossos).

Vale ressaltar que a importância da conquista e do desafio superado é ainda maior, considerando-se as limitações físicas acarretadas pelo avanço da idade. Quando dona Neiva menciona o termo “sacrifício”, ela quer mostrar que, para alguém na sua idade, realmente, o grau de dificuldade aumenta com o passar do tempo e com o surgimento de problemas de saúde. Logo, receber o apoio e o reconhecimento da família se torna um importante estímulo para que elas continuem.

Já dona Lau levou, além das fotos do desfile, uma saia de retalhos que ela mesma confeccionou, e nos contou a história dessa peça:

*E as saias a gente estava aqui, apareceu alguma pessoa com uma saia de retalhos [...] E aí Alicinha, ela falou assim: Dalva eu tenho vontade de usar saia [...], só que eu não encontro o que dá na minha cintura. **Aí eu falei (até brincando): eu tenho tanto retalho, acho que eu vou fazer essa saia pra você.***

*Foi quando entrou a pandemia. Fiz igual dona Neiva, peguei todos os retalhos, joguei na sala e fui escolhendo: viscose para o lado, seda pro outro, pano de algodão e fui fabricando saia. **Eu acho que eu fabriquei umas 8 mais ou menos [...]. Na pandemia, né, que a gente tava lá sem saber o que fazia. Fiz minha saia, ganhei meu dinheiro e deixei minhas freguesas bem satisfeita com isso...** (risos). Então a história desses objetos foi isso aqui. Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem (Lau, 2022 – grifos nossos).*

A partir de um momento de descontração, conversando com uma amiga, Dona Lau (brincando) se comprometeu a fazer uma saia para essa amiga. Ao nos contar essa história, ela revela o seu lado profissional e uma finalidade prática ao confeccionar as saias para vender. E considerando-se o contexto da pandemia, essa atividade se tornou para ela também uma forma de passar o tempo, já que estava em isolamento social. Uma curiosidade sobre as saias que ela confeccionou é que elas serviram para compor um figurino de uma apresentação de dança de uma das

oficinas ofertadas pelo projeto CEVITI. Ao finalizar seu relato com a frase “Não sei se tem muito sentido, né?! Mas pra mim tem”, dona Lau reafirma o argumento de Candau (2012), de que é o indivíduo que indica o que é significativo para ele, segundo o ponto de vista da sua identidade.

Para finalizar, foram reunidos os objetos de recordação de dona Elisabete e dona Clemência também pela natureza da semelhança, já que se tratava de textos. O primeiro é uma mensagem em uma folha de papel ofício, a qual dona Elisabete guarda com muito carinho. O segundo é um livro de versos e trovas escrito por dona Clemência.

Quadro 3: Objetos de recordação de textos vinculados ao projeto CEVITI.

Voluntária	Objeto de recordação	Curso realizado	Valor simbólico
Dona Elisabete	Uma mensagem escrita	Oficina de arte terapia	Início de um processo de cura de uma depressão
D. Clemência	Um livro de versos	Publicação de um livro autoral de versos	Realização de um sonho de juventude

Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O texto que dona Elisabete levou foi uma lembrança que ela recebeu ao final de uma oficina de arteterapia da qual ela participou há mais de 20 anos. Na ocasião, ela conta que estava muito deprimida devido ao falecimento do seu esposo e da sua mãe, em seguida. Na época, ela ainda não tinha a idade mínima para se matricular no projeto, então ela foi convidada a participar dessa oficina que era ministrada por duas professoras do departamento da UNEB. Após explicar a história desse texto, ela o leu para todas.

Essa folha de papel é muito interessante, ela é significativa muito para mim. Porque em 2002 que meu marido veio a falecer. Teve infarto, né?! E foi uma coisa assim muito violenta que eu falo. Com três meses minha mãe faleceu e eu fiquei muito deprimida. [...] Aí eu entrei na arteterapia lá, mas eu era tímida, igual Lau tava falando. Eu falo que eu era um bichinho do mato. Eles puxavam por mim, era só choro. Nada. Aí * e ****, que era as duas professoras de arteterapia. Elas foi me moldando, né?! Conversando, conversando, e nos últimos dias que ela ia parar, ela me deu essa folha. Então essa folha, ela é inseparável de mim. E eu guardei, porque elas tinham muito carinho, conversava e tudo, e eu tomando remédio. Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou. Graças a Deus, e aí elas me deram sim essa folha. Ela sempre me acompanha, de vez em quando eu pego, olho e falo assim: foi duas pessoas maravilhosas em minha vida. Eu não quero chorar. E aí ela me deu essa folha (Elisabete, 2022 – grifos nossos).***

Dona Elisabete, pelo duplo trauma que sofreu ao perder dois entes amados em tão pouco tempo, entrou em um processo de profunda tristeza. Nesse período de abatimento emocional, ela parecia não encontrar sentido para sua própria vida. É nesse contexto bem desfavorável que ela começou a frequentar as atividades do projeto. A folha que ela guarda há anos traz uma mensagem de autovalorização e da importância de cada ser humano. É possível observar que as palavras dessa mensagem agiram de um modo muito especial sobre dona Elisabete, e o efeito da mensagem foi tão potente que ela ainda continua recorrendo a essa leitura, passados mais de vinte anos. Petit (2009, p. 112) aponta para um poder terapêutico da leitura: “Do nascimento à velhice, estamos sempre em busca de ecos do que vivemos de forma obscura, confusa, e que às vezes se revela, se explicita de forma luminosa, e se transforma, graças a uma história, um fragmento ou uma simples frase”. O conjunto dessa oficina de arteterapia, suas ministrantes e a mensagem recebida por ela parecem ter dado início a um processo de cura, que foi se consolidando ao longo da sua participação no projeto, conforme ela mesma relata: “Fiquei depressiva um bom tempo. E eu falo que o CEVITI me curou” (Elisabete, 2022).

Dona Clemência levou para o encontro um livro de versos de sua própria autoria e leu para o grupo um dos textos que compõem a obra, um acróstico que descreve a rotina de uma das oficinas do projeto CEVITI. Nesse acróstico, ela explica, em tom de alegria e simplicidade, um pouco do ambiente da UATI vivenciado por elas. A publicação do seu livro é resultado de uma bela história de evolução, superação e conquista de um sonho de juventude, conforme ela conta:

*Deixa eu ver, a história é o seguinte: quando eu era criança, assim já uma mocinha... (mas eu fui aprender a ler com 60 e poucos anos)... eu gostava... A **minha irmã** aparecia em casa com os... quando ela vinha, da cidade que ela ia e ela **comprava aqueles cordel de trovas e ela lia pra gente, que a gente achava muito bonito**. Quando ela terminava, tinha dia que eu mandava ela lê... E ela falava assim: ai, eu não, agora não. Aprende lê que vocês lê. Ai eu pegava e me lembro, você acredita que eu aprendi lê daquilo ali?! **Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances**. Naquele tempo falava romance, hoje é cordel. **Aí eu sempre falava, quando eu aprendê lê, a primeira coisa que eu quero é fazer um livro** (Clemência, 2022 – grifos nossos).*

Para entender a relação que dona Clemência tem com a escrita, é necessário voltar ao seu passado e observar que tudo começa a partir da escuta de histórias de cordel através de uma irmã que comprava os textos na cidade e lia para as demais. Seu encantamento por essas narrativas a levou a aprender a ler sozinha através do cordel, como ela mesma conta: “Eu aprendi lê naquilo ali de ler as coisas trovadas dos romances. Naquele tempo falava romance, hoje é cordel”. Desde aquela época, ela acalentava o desejo de escrever um livro, provavelmente motivada pela paixão que ela tinha pelas histórias trovadas do cordel. No entanto, dona Clemência não havia completado o ciclo de alfabetização na sua infância. Ela voltou a estudar em

uma das oficinas do projeto, e foi lá que ela recebeu estímulo e apoio para escrever os seus versos e publicar um livro, de acordo com seu relato:

Aí Adelaide pegou guardar os rascunhos que eu fazia das poesia na sala. Eu também no meu caderno eu não arrancava, tá até hoje lá... (risos). E Marinês pegou e falou: pois eu vou fazer um livro. Eu falei: não acredito. Vai, nós vamos fazer sim. Pode ajuntar tudo aí que nós vamos fazer um livro. Aí eu ajuntei tudo. E acabou ela mandando editar esse livro pra mim (Clemência, 2022).

Foi com a ajuda das coordenadoras Adelaide e Marinês (*in memoriam*) que dona Clemência conseguiu publicar seu livro de trovas e realizar um sonho do passado, que ela mesma já não tinha muita esperança de concretizar. Ao ser questionada sobre o significado desse feito, dona Clemência expressa toda a sua gratidão às coordenadoras e sua satisfação pessoal por realizar esse sonho já na velhice: “Ah, muita coisa. Foi muita coisa. Por isso que eu falo, Marinês, eu nunca esqueço, porque só ela mais Adelaide pra fazer a gente, fazer essas coisas assim, de aprender depois de velha”.

O caso de dona Clemência e de sua relação com a escrita é bastante peculiar e bem emblemático da sua personalidade, pois, analisando-se sua história de vida, observou-se que seu desejo por escrever versos teve início com a leitura de cordel. Tal processo de letramento através da literatura de cordel teve um forte alcance na região Nordeste, principalmente na primeira metade do século passado. Recordando Galvão (2002), muitas vezes, essas práticas de letramento surgiam naturalmente nos pequenos círculos familiares e entre vizinhos, sem intervenção direta dos movimentos sociais organizados, como parece ter sido o caso de dona Clemência. Tal processo é visível em sua escrita, em que ela procura reproduzir o padrão dos versos de cordel que ela tanto gostava de ouvir na sua juventude.

Considerações finais

Em todas as recordações apresentadas pelas senhoras voluntárias da pesquisa, observou-se que os objetos remetem a acontecimentos marcantes e, em muitos casos, transformadores para elas. As experiências socioculturais relatadas revelam sentimentos de superação de bloqueios pessoais, superação dos limites físicos, considerando-se a idade avançada, e até mesmo cura de traumas emocionais. Não são apenas momentos de distração, aprendizagem e passatempo. Todas essas atividades formam referenciais sociais importantíssimos para ajudar no equilíbrio emocional e na valorização e autovalorização da pessoa idosa. Além disso, a partir da vivência de novas experiências marcantes no presente, geram-se memórias mais recentes que dão às pessoas idosas um sentido de continuidade da sua história, fazendo com que elas não fiquem presas apenas a memórias do seu passado distante.

Nesse sentido, espaços de sociabilidade como o projeto UATI/CEVITI, em que as pessoas idosas são estimuladas a encarar novas experiências e desafios, colaboram para atualizar essas pessoas, dando a elas um sentimento de pertencimento à sociedade atual. Isso, porém, não significa desprezar o passado ou ser indiferente a ele. Pelo contrário, é dar uma continuidade à biografia de cada pessoa, pois a velhice não deve ser sinônimo de estagnação da vida, como esclarece Caradec:

[...] quando os compromissos presentes diminuem, o passado torna-se o principal ponto de apoio para salvaguardar o sentimento do próprio valor. Essa autovalorização enraíza-se nos compromissos marcantes da existência, assumindo a forma de uma identificação com a sociedade de outros tempos, que vem a ser valorizada em detrimento da sociedade de hoje, considerada de maneira muito menos favorável (2016, p. 30-31).

Quando as pessoas se aposentam e cessam todas as suas atividades laborais externas, recolhendo-se ao contexto doméstico e familiar, é comum avaliar e narrar sua vida com o olhar no passado, pois elas já não têm mais experiências significativas atuais para contar. Bosi defende que “durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (1994, p. 80).

Ao analisar o alcance das atividades vivenciadas pelas voluntárias no projeto de extensão, verificou-se o quanto tal espaço de convivência social é relevante para oferecer a essas pessoas a oportunidade de ter uma velhice mais ativa e feliz. As experiências por elas relatadas revelam que as atividades artístico-culturais ou de ensino das quais participaram trouxeram benefícios que superam o nível de aquisição de novos conhecimentos.

Evidenciou-se que o programa UATI, como espaço de sociabilidade, exerce um importantíssimo papel que adentra o âmbito psicoemocional. As idosas voluntárias da pesquisa revelaram que, através da participação no programa, se sentem acolhidas e valorizadas, e com isso desenvolvem um forte vínculo de pertencimento e engajamento com o grupo. Esse aspecto inclusive pode ser comprovado pela longa permanência delas no projeto, pois algumas são participantes há mais de 20 anos e só deixam de participar por alguma questão de saúde que as impossibilite de continuar frequentando o programa.

Também é possível observar que a organização de eventos, como os desfiles da miss terceira idade, e viagens geram expectativas positivas nas idosas. Isso é um importante estímulo na velhice, considerando-se que muitas pessoas idosas, pelas próprias circunstâncias que as cercam, acabam não alimentando sonhos e projetos futuros. Para muitos, a vida se torna uma contagem regressiva para se chegar ao fim. A inserção das pessoas idosas nas universidades cria novas formas de sociabilidade, incentivando a criatividade e a produtividade desse público que muitos ainda consideram inativos. Para as universidades, tal iniciativa configura-se

como uma experiência riquíssima que vai sendo construída dia a dia, pois esse público carrega uma “bagagem” de muitos saberes e suas experiências de vida também têm muito a ensinar à academia.

MEMORIES OF SOCIOCULTURAL EXPERIENCES LIVED IN THE EXTENSION PROJECT UATI/CEVITI

Abstract: *This article presents a data analysis that is part of doctoral research. It was sought to know, understand and analyze how sociocultural experiences involving the most diverse artistic expressions can have some influence on the constitution of an individual’s identity throughout his/her life history. This process configures itself as a natural literary literacy based on one’s experiences. This research is qualitative and follows an ethnographic perspective developed among a group of students from an extension project that is directed to the elderly. From the participants’ statements, it was possible to verify that the experiences they had in the project were characterized by remarkable and very significant moments for them. The data reveals that the artistic-cultural or teaching activities in which they participated brought benefits that exceed the level of acquisition of new knowledge. This extension project, as a space for building sociability, plays a very important role that even goes into the psycho-emotional sphere. All of these activities form very important social references to help with emotional balance and the appreciation and self-worth of elderly people.*

Keywords: *Memories; Sociocultural Experiences; Third Age.*

Referências

ACCO, Cleideni Alves Nogueira. *Letramento literário e experiências socioculturais: memórias e narrativas compartilhadas entre alunas da universidade aberta à terceira idade*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/75907>>. Acesso em: 20 jun. 2024.

BELA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 17 mar. 2022.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

CARADEC, Vincent. *Da terceira idade à idade avançada: a conquista da velhice*. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 11-38.

CLEMÊNCIA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 16 mar. 2022.

ELISABETE. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 15 mar. 2022.

GALVÃO, Ana Maria Oliveira. Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950). *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 115-142, dez. 2002.

LAU. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 21 mar. 2022.

LIMOEIRO, Beatrice Cavalcante. O envelhecimento e as mudanças no corpo: novas preocupações e velhas angústias. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Velho é lindo!* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 107-131.

LURDES. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 28 mar. 2022.

MARIA DO CARMO. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 31 mar. 2022.

NEIVA. *Entrevista*. Teixeira de Freitas (Bahia), 07 abr. 2022.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: Ed. 34, 2009.

Recebido em 10 de agosto de 2024

Aprovado em 22 de setembro de 2024

REFUNDAÇÃO DO TEMPO: A RELEVÂNCIA DA MEMÓRIA NA LÍRICA DE ADÉLIA PRADO

Wellington Santos Pires¹

Messias Nunes Correa²

Celso Kallarrari³

Resumo: O artigo almeja investigar, nos poemas “Dona doida” e “Bendito”, o entendimento da memória não como simples ato psicológico, mas como refundação do tempo, isto é, como reordenação do lugar da pessoa nas temporalidades diversas nas quais está imersa. Desse modo, através da análise de dois dos seus poemas, visamos entender como o trabalho da memória, mediada pelo espaço da vida cotidiana, é percebido como um processo de construção interior que integra o afeto e o intelecto. Tendo como referencial teórico principal a noção de memória, segundo o filósofo francês Paul Ricoeur (1996), exploraremos a descrição de si como atividade que constitui a identidade do sujeito, na medida em que essa visibiliza os fios da memória e projeta-o à redefinição da mesma identidade em sua abertura ao porvir. Por outro lado, buscaremos, em Halbwaschs (1990), as noções de memória individual e coletiva, uma vez que, para este autor, a memória é sempre construída em grupo, mas também fruto de um trabalho individual, do sujeito produtor de discurso que traz consigo uma memória discursiva (Orlandi, 2001). Nesse sentido, visamos demonstrar que a criação poética de Prado não somente reflete, mas também auxilia o ser humano a elaborar a sua relação consigo,

com a vida das outras pessoas, com suas próprias memórias e com os que os rodeiam, endossando uma conexão permanente entre o individual e o comunitário. Ademais, investigaremos, a partir de uma abordagem memorial, de que maneira a espiritualidade cristã, marcada pelo exercício permanente da memória, ocupa um lugar incontornável na obra da poetisa.

Palavras-chave: Adélia Prado, Memória, Poesia, Espiritualidade, Cotidiano.

Introdução

A escritora mineira Adélia Prado revelou-se e amadureceu como poetisa na segunda metade do século XX, e os seus poemas possuem uma forte marca memorial,

1 Doutor em Filosofia pela Universidade de Poitiers- Instituto Católico de Paris. Mestre em Filosofia Prática, Pontifícia Universidade Gregoriana. Licenciado em Filosofia. Professor de Filosofia do Seminário Saint- Sulpice, Issy Ies Moulineaux. E-mail: wellstauro@hotmail.com

2 Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe -UFS. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Licenciado em Filosofia. Email: messiasnc@hotmail.com

3 Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás. Bacharel em Teologia e licenciado em Letras. Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB-Campus X, no curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL. E-mail: ckallarrari@uneb.br

mediada por um olhar específico lançado sobre o próprio cotidiano. Nesse sentido, este artigo quer explorar os resultados originais dessa conjugação entre a elaboração memorial mediada pelo espaço da vida cotidiano. Isso porque, no decorrer da sua produção literária, Adélia sublinha a necessidade da linguagem poética a fim de que a pessoa humana⁴ tenha a possibilidade de, pela palavra poética, ir aonde a palavra comum não consegue chegar. É como se a escritora sentisse a necessidade de ordenar os sentimentos pela lógica do poema, a fim de que a palavra não perca o seu fundamento ontológico, que é a busca e a comunicação do significado. A poesia para Adélia se torna uma laboriosa ressignificação das palavras triviais. A partir da transfiguração da mesma palavra comum, ou dos fragmentos da linguagem cotidiana, ela redige os seus poemas.

Na presente perspectiva, a linguagem poética pertence ao vigor vital concretizado na circularidade das atividades cotidianas. Isso é importante para que o ser humano se entenda como ente de elaboração contínua do vivido e de projeção. A poesia não sobrevoa, nem se eleva sobre o mundo terrestre a fim de condená-lo ao abandono. Há, na linguagem poética, um discurso que busca fincar os pés do humano na terra, tornando-o um ente de enraizamento e de abertura, conduzindo-o, desse modo, a um habitar dotado de sentido. Para a poetisa, a palavra não se identifica como mero vocábulo empregado como simples meio de expressão. A sua escrita não ambiciona transcender a função das palavras, mas caminhar dentre elas, escutando-as, fazendo-as falar. Desse modo, a escritora mineira elabora uma lírica em que a palavra é tratada com seriedade e sobriedade. A partir do exercício poético, a despeito de quem se limita a empregar a palavra como mero utensílio, a poetisa oferece-nos novas percepções da natureza da linguagem. Adélia prefere a palavra poética como a instância que mais se aproxima da essência da linguagem em si. Nela, a sua grandeza se mede por sua capacidade de se projetar para além de si, oferecendo-lhe um caráter numinoso, dando-lhe o seu sentido inaugural⁵.

Outro elemento que nos ajuda a entender o seu itinerário poético é o verbo *ser* flexionado no pretérito imperfeito: *era*. Ele é comum no início dos seus poemas, para talvez fortificar o caráter oracular e memorialístico de sua obra. Ao contrário do profeta que, olhando para frente, desenha um futuro que vai acontecer, a poetisa visualiza lembranças que existem apenas no tecido da sua memória. O poema é o meio pelo qual ela transfigura a sua memória afetiva, revisando as lembranças permeadas de tristeza e de luto. A finalidade do poema não é de movimentar as imagens que a memória sugere pela via da subjetividade.

4 Neste artigo, trabalhamos com a definição de pessoa do filósofo Boécio. Para ele, a pessoa é uma “substância individual de natureza racional”. De acordo com essa definição, a pessoa não somente possui autonomia cognitiva, mas é também dotada de identidade e dignidade próprias. Acreditamos que essa definição permanece relevante na medida em que atesta a singularidade individual na constituição de cada ser humano (Boécio, *Escritos, Opera Sacra*, Tradução, Introdução, Estudos Introdutórios e Notas Juvenal, Savian Filho, São Paulo, Martins Fontes, 2005, 225-227).

5 Palavra oriunda do grego, *Noumenos* que significa a essência, o fundamento pelo qual um ente é o que é. Adotamos esta expressão do pensador alemão Karl Rudolf Otto, para explicitar a experiência que o ser humano faz do sagrado como lugar do indizível, do belo e do uno.

Portanto, a memória e o cotidiano são as palavras que nos ajudarão a entender o modo como a poetisa elabora a sua trama poética. Do mesmo modo, é imprescindível entender como sua produção poética encontra-se enraizada na espiritualidade cristã. Assim como o rito é a atualização do mito, a memória atualizará a essência do cotidiano, reconhecendo a sua própria transcendência. Como salientamos acima, a fortuna poética da escritora mineira está vinculada à vivência do cotidiano, daquilo que é ordinário, marcada pela rotina que não cai em mesmices, pois é possível ver beleza nas coisas simplórias da vida. Esta vivência cotidiana é lugar em que a revelação do numinoso se torna possível, e esta impressão é ratificada pelos discursos dos vários eu-líricos dos seus poemas. O mesmo cotidiano conduz, paradoxalmente, as suas personagens a experiências relacionadas ao maravilhoso e a perplexidade de se perceberem existentes.

2 Pela poesia a exploração do parentesco entre memória e cotidiano

Para Prado, a poesia é uma linguagem em que o saber e o sabor se encontram. A literata, partindo da sua trama subjetiva e da sua cidade provinciana, escreve textos que se harmonizam com experiências humanas concretas: a angústia diante da morte, o desejo de filiação que reflete a condição inevitável da orfandade que, em sua leitura poética, é inerente ao ser humano. Nos seus escritos poéticos, Prado supera a dicotomia exposta pela tradição filosófica (platônica), que afirmava a superioridade da alma sobre o corpo. No seu discurso, há uma simbiose, uma harmonia presentificada na materialidade linguística, capaz de tornar o corpo e a alma belos, maravilhosos, sublimes, rompendo com o pensamento maniqueísta que buscava separá-los como duas possibilidades contraditórias. Por isso, a sua produção poética nasce da experiência da cotidianidade, uma dimensão incontornável do agir humano. A partir e através desse olhar marcado por uma atenção rigorosa e delicada, Adélia Prado emprega uma visão segundo a qual os deuses não morreram, fomos nós que desaprendemos a vê-los. Como declara Neuza Steiner:

O trabalho de Adélia Prado traz a pulsão poética a partir da sua experiência geográfica e afetiva: a casa, o quintal, a rua, o bairro, os parentes, os vizinhos, a família. Todas as suas interrogações referentes à vida, à morte, ao pecado vêm desse universo. Seu eixo é aí, com todos os problemas vitais do ser humano. O cotidiano, como ponto de partida, traz uma hibridez no discurso, assim como um vocabulário próprio do mineiro, porém associado ao uso inusitado da palavra, tanto na morfologia quanto na sintaxe (Steiner, 2005, p. 16).

A sua produção poética está enraizada na linguagem cotidiana, porém, a mesma não se limita a essa constatação, pois o cotidiano não é um fim em si mesmo. A poetisa não está interessada em canonizá-lo, não o apresentando como finalidade do discurso poético. Ela emprega essa mediação para, a partir dela, pensar

a densidade da condição humana, a fragilidade da existência e a sede humana de transcendência. Assim, o ser humano é compreendido como narrativa aberta, mas provocado por questões terrenas, enraizadas na natureza da vida. O ato poético da poetisa mineira afirma a nossa vulnerabilidade. Para o filósofo francês Paul Ricœur (2007), dizer-se vulnerável significa estar relacionado a nossa condição de encarnados na história. Viver em uma comunidade permite a cada um pensar os diversos modos de diminuir a vulnerabilidade do outro, que, por sua vez, sofre da mesma fragilidade. A vulnerabilidade não é uma condição acidental, mas parte da estrutura existencial, manifestada na forma de uma autonomia frágil que necessita ao mesmo tempo do ser transcendental, dessemelhante, e do outro, seu semelhante. Em outras palavras, há uma necessidade humana pela transcendência, pela deificação, pelo encontro com o *numen* (deus), que se apresenta ao *homo religiosus* como um estado de alma que a própria pessoa poderá não o compreender, mas “encontrá-lo em sua vida íntima o ponto onde ela surge e se torna então consciente” (Otto, 1985, p. 12). Consequentemente, a partir do sentimento de ser criatura e de ser dependente de um objeto numinoso, podemos, na experiência religiosa, pressentir algumas características da presença do *numen*. Daí, o sentimento de medo, de vulnerabilidade coexistirem ao lado do sentimento de dependência de um objeto dessemelhante que se encontra fora de mim e, por sua vez, o sentimento de busca por pertencimento, do outro (semelhante), do coletivo, da comunidade no propósito de compartilhar e ressignificar experiências. Para Filipe Volz (2019), ao tratar da experiência e memória em *O Narrador (1939)*, de Walter Benjamin, afirma que

A memória está ligada à experiência, que por sua vez é aquilo que é transmitido pela narração. A narração preserva a memória do passado, a história em seus detalhes ocultos pela “historiografia oficial”, e é o modo de expressão comunal das experiências. Narrando, conseguimos atingir aquilo que se perdeu na modernidade. A narração “não configura somente uma ordem religiosa ou poética, mas desemboca também, necessariamente, numa prática comum”, de modo que as histórias narradas não são apenas ouvidas desinteressadamente, mas “acarretam uma verdadeira formação (*Bildung*), válida para todos os indivíduos de uma mesma coletividade (p. 159-60)

Um caráter memorial importante da criação poética de Prado reside no trabalho de resgate de palavras, de ritos, de costumes e de gestos dos seus antepassados. Parece-nos recorrente a evocação de utensílios que permearam o seu universo infantil: fogão de lenha, canecas, árvores em frente a casa, jardins, mesas de barro, tamboretas etc. Ciente de que a memória, não sendo ela mesma, é causa fundamental do seu ser, Prado desenvolve relatos em forma poética que a vincula a um certo jeito de “ser-no-mundo”. Esses elementos lhe conferem capacidade de colher e acolher os sentidos múltiplos da vida. A escritora se sabe capaz de conduzir o seu futuro porque há uma modalidade do passado que se enraíza na existência. Na

apresentação da obra de Ecléa Bosi, *Memória e Sociedade*, Marilena Chauí (1979) declara: “Os recordadores são no presente, trabalhadores, pois lembrar não é reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não da sua mera repetição” (Chauí, 1979, p. 20). A partir desse olhar, entendemos que memorizar é um ofício sacramental⁶ fundamentado em uma paciente reconstituição dos fragmentos. Assim sendo, pode-se aliar a dimensão subjetiva dos afetos à dimensão objetiva da existência. O sujeito incitado a elaborar o passado pela mediação da memória deve ter a consciência de sua condição de sobrevivente em um mundo que não está ao alcance das suas mãos, mas velado sob as cinzas das lembranças. A cada ato memorial esses elementos são reinterpretados, dotados com novas marcas semânticas.

Segundo Greisch (2001), para Ricoeur, a memória reside na ordem da habitação: memorizar é, em certo modo, habitar lá onde o passado é tomado como ponto de referência. A memória auxilia o sujeito narrador por meio das lembranças, que se comportam como signos imagéticos a solicitarem sistematização semântica dos fluxos temporais: passado, presente e futuro, por isso, se faz importante captar a sua imposição nessas mesmas configurações. Dito de outro modo, a memória não é algo que pertence apenas ao passado, mas aos outros fluxos temporais. Assim, para Ricoeur (1996), a memória deve ser compreendida ao interno de uma rede de sentidos, vinculados a fatos que repousam permanentemente no passado, demarcando a sua presença gradual nas outras duas temporalidades. O passado se torna, por consequência, contemporâneo ao presente, sendo capaz de mover os moinhos da existência, se projetando ao porvir. É por isso que

A narração, relacionada à memória das experiências passadas, é capaz de entender a história de um ponto de vista amplo o suficiente para instaurar esse solo comum que falta na modernidade. É por isso que a modernidade é para Benjamin uma época de crise da narração, uma crise da narratividade, da impossibilidade de nos guiarmos por um discurso comum. (Volz, 2019, p. 160)

A memória é o fruto de um labor árduo e, apesar da sua fragilidade, afronta o enigma do tempo, visto que essa resistência é fundamental à edificação e à manutenção de uma identidade ao longo da vida. Recordamo-nos da máxima aristotélica: “a memória pertence ao tempo.” (Aristóteles, 1847, 49b). Nessa direção, o filósofo afirma que, enquanto o futuro é objeto de espera ou da opinião, o presente circunscrito à percepção da memória é referido ao passado. Nesse sentido, a recordação se concretiza após as percepções de uma elaboração cognitiva. Para Ricoeur (1996),

6 A religião cristã da qual Adélia Prado se inspira é oriunda de uma tradição memorialística, na medida em que a base do Cristianismo se dá na nova aliança revelada pelo Jesus histórico que se concretiza em seu mandato de com pão e vinho (entes triviais) se fazer memória dos seus gestos, de sua vida, de seu ensinamento. Sacramento aqui é entendido não apenas em sua acepção religiosa, mas no significado latino da palavra *Mistérion*, o que está prestes a ser revelado.

a atenção específica à memória visibiliza as manifestações plurais do passado. O tempo pretérito interpretado dessa forma não significa algo que se esgota, mas que porta a cifra de um sentido e aguarda a sua decifração. Nesse sentido, a memória envolve a corporeidade, e a constelação de circunstâncias pretéritas mediadas pela afetividade. A memória não é uma espécie de compartimento imagético onde os elementos do passado são retirados de modo automático. Cada ato de memória está conectado a fatos, sentimentos, seres que vivem em nosso mundo. Desse modo, ela é inserida em uma espacialidade e uma temporalidade próprias. A cada ato memorial esses elementos são reinterpretados, dotados de novas marcas semânticas e pragmáticas. Nessa direção, o poeta, por meio do eu-lirico, refunda o olhar sobre si e sobre o real. A partir de palavras selecionadas, o poeta, mediante a sua memória, defronta a sua identidade e ilumina os aspectos árduos da mesma. O poeta revela a impossibilidade de contemplar-se no presente, sem estabelecer um laço constitutivo com o que foi vivido. Enquanto sujeito, o poeta não apenas se comunica, mas funda eventos comunicativos a cada vez que provoca em quem o lê, o desejo de suscitar as suas próprias memórias.

Entendemos que, não sendo uma figura isolada, o poeta está em uma permanente rede de contatos com a sua comunidade. Uma das funções primordiais do trabalho poético, em um ritmo comunitário, é transformar o acaso em destinação e interpretar continuamente os eventos fundadores do seu grupo humano. Por conseguinte, o mundo emerge como instância de relações em que cada um se sente sujeito da sua própria história e do seu fazer histórico. Dito de outro modo, o poeta acolhe e relança o seu ser-no-mundo e do outro como ato dativo, generoso, e que demonstra não tão somente a sua dependência do Outro (Sagrado), mas também, *pari passu*, do outro (humano). A sua grandeza se mede por sua capacidade de se projetar e de se acolher em uma relação dialógica entre herança e projeto. A fim de que a presença no mundo seja amparada como herança, a mesma precisa ser continuamente assumida e reprojeta. Em virtude disso, poesia e ação ratificam a dimensão intersubjetiva do ser humano; por isso um poema pode dizer-se concluído apenas no momento em que se confronta com o horizonte vivido do seu leitor, tornando-se, de fato, obra.

A vida humana merece ser contada, posta em uma linguagem ficcional. Assim, a memória, mediada pela linguagem poética, não possui o seu horizonte último na perpetuação do tempo, pois essa não é uma espécie de âmbar a conservar em forma cristalizada o objeto envolvido. O ofício do poeta consiste em movimentar as próprias imagens sugeridas pela memória, fomentadas em uma circularidade subjetiva, a partir de uma paratopia, ou seja, de um lugar paradoxal, indefinido, fronteiro entre “um lugar” (topia) e “um não lugar” (atopia) que ocupa o texto

literário numa determinada obra.⁷ Portanto, o autor é, frequentemente, levado a se posicionar e interferir em tal condição no processo de escrita ficcional. Com efeito, esse fluxo subjetivo da condição de escritor, criador de mundo, caracteriza a sua identidade no seu núcleo mais íntimo. O sujeito, em sua condição de poeta, sabe que possui condições de orientar o seu futuro, porque há um passado enraizado em sua existência, que se move a cada gesto recordador. Por isso que “A paratopia do escritor, na qualidade de condição da enunciação, também é seu produto; é por meio da paratopia que a obra pode vir à existência, mas é também essa paratopia que a obra deve construir em seu próprio desenvolvimento” (Maingueneau, p. 2006, 119)

A escritora de Divinópolis revela, nos seus escritos, uma apropriação dos elementos da religião católica, e uma das suas motivações consiste na retomada das imagens arquetípicas femininas, tais como, a de Eva e a de Maria de Nazaré. Com efeito, ela expõe-nas nos seus versos pela apresentação de uma sexualidade não culpabilizada e pela elaboração espiritual do cotidiano doméstico compreendido como espaço em que a vida é experimentada e simbolizada. No livro *O homem da mão seca*, alusão ao personagem bíblico do Novo Testamento, o sujeito-personagem feminina Antônia, protagonista do romance, assim como o sujeito-autora, Adélia Prado, também se apresenta como escritora de poesias, escreve em um diário, e descobre, ao enfrentar uma depressão, que ser poetisa é a sua missão a ser desempenhada no mundo. A própria personagem se descreve como quem escreve para a salvação de si e/ou para a salvação do mundo, para a salvação de Deus: “(...) devo escrever poéticas pra minha salvação, pra salvação do mundo, pra salvação de Deus” (Prado, 1994, p. 174). O cristianismo é uma religião enraizada na ideia da memória. A celebração dos seus ritos, que são compreendidos como sacramentos⁸, e os seus diversos gestos performáticos exprimem a atualização de gestos salvíficos já vivenciados. Portanto, podemos presumir que a memória não é uma dimensão acidental, mas antes, essencial na busca de significados no imaginário cristão. Uma das imagens mais potentes empregadas pelo cristianismo é a sentença atribuída a Jesus ao fundar a sua presença simbólica⁹ no pão e no vinho: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19).

No universo católico-ortodoxo, o ato de rememorar está, intimamente, presente no rito memorial e na epiclese da Santa Missa, mas, sobretudo, ao proferir

7 Sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso Literário, para Dominique Maingueneau (2006), “A paratopia pode se apresentar de forma individual ou coletiva. Individualmente, a paratopia elenca-se num processo de criação que se apoia num aprofundamento extremamente individual em que o texto é resultado da exploração das profundezas do ser, como, por exemplo, as obras que têm um forte empreendimento filosófico”. (p. 57).

8 Na perspectiva cristã, sacramento é uma expressão oriunda do latim, *sacramentum*, cujo significado está relacionado às séries de ritos promulgados pelo cristianismo como atos necessários de aprofundamento a fim de assemelhar-se à divindade amada.

9 Simbólica na sacramentologia cristã não designa uma mera representação da presença de Cristo na Eucaristia: a eucaristia, deste modo revela a presença real de Cristo sob as espécies do pão e do vinho. Adotamos a expressão grega *simbólica cujo significado é com-gregação*, para nos referir à função do sacramento que é congregar a comunidade à experiência do sagrado.

as palavras solene do memorial e consagração do pão e do vinho, justamente quando as palavras, à luz da fé, não tão somente faz rememorar, mas, acima de tudo, presenciar o Cristo místico e material visivelmente nos símbolos sagrados, porque, agora, não mais se trata apenas de rememorar, mas atualização daquilo que no rito era, a princípio, uma memória a ser revisitada. O ato de fala “Isto é o meu corpo, Isto é o meu sangue!” reatualiza, pois, não tão somente de forma pessoal e individual, mas coletiva e comunitária aquele acontecimento da fração do pão, inaugurada por Cristo e repetida pelos seus seguidores inúmeras vezes. E, ainda, que o ato sacrificial não é executado pelo sacerdote, mas pelo próprio Cristo (real) que se apresenta na pessoa do sacerdote como “agens” (agente) da transformação (Jung, 1991, p. 11-15).

A memória, nessa perspectiva, transcende a uma mera lembrança, mas se configura como refundação do tempo à medida que se opõe ao círculo vicioso do esquecimento. A memória faz com que o ausente se torne presente em segredo, não por um ato de magia, de modo que os signos passem a possuir novos significados e a vida se restitua como lugar do novo, do inaugural. Por isso, percebemos, com frequência, poemas em que os pais, os parentes, palavras antigas se tornam presentes. Para a poetisa, o homem é o ente finito que dialoga com o infinito sem se perder enquanto essência e personalidade nesse mesmo infinito, porque a religião, cuja dimensão é ser fundadora de mundo e nomizadora, possui também a função de legitimação, apresentando-se como um saber socialmente objetivado que busca explicar e justificar a ordem social (Eliade, 1992, p. 42). Nesse sentido, o ser humano é destinado a participar da beleza ontológica do divino segundo os limites da sua própria natureza. A condição antropológica, desse modo, é marcada pelo enraizamento e pela abertura, pela imanência e pela transcendência; ela é situada em um eixo cultural e, ao mesmo, apta às questões metafísicas.

3 Memória e desamparo: exegeses sobre a ausência e a resistência

Veremos, na linguagem poética de Adélia Prado, como o ser humano é compreendido a partir do seu desamparo, quando busca lidar com ele e integra a si mesmo a sua fragilidade terrestre e faz do silêncio acolhedor a destinação última da palavra. Desse modo, apresentaremos e descrevemos, a partir da análise de dois poemas, a relação que a sua lírica possui com uma ideia de memória.

Dona doida

- 01- Uma vez, quando era menina, choveu grosso,
- 02- com trovoada e clarões, exatamente como chove agora.
- 03- Quando se pôde abrir as janelas,
- 04- as poças tremiam com os últimos pingos.
- 05- Minha mãe, como quem sabe que vai escrever um poema,

- 06- decidiu inspirada: chuchu novinho, angu, molho de ovos.
- 07- Fui buscar os chuchus e estou voltando agora,
- 08- trinta anos depois. Não encontrei minha mãe.
- 09- A mulher que me abriu a porta, riu de dona tão velha,
- 10- com sombrinha infantil e coxas à mostra.
- 11- Meus filhos me repudiaram envergonhados,
- 12- meu marido ficou triste até a morte,
- 13- Eu fiquei doida no encalço.
- 14- Só melhora quando chove (Prado, 1991, p. 108).

Adélia Prado, nesse poema, destaca o caráter memorial de sua produção poética. Isso é destacado em seu limiar, quando a voz do eu-lírico, *Uma vez, quando eu era menina*, coaduna com o sujeito-autora, construindo, pois, o seu relato-retrato poético. O eu-lírico aproveita o ensejo da chuva para memorizar e confrontar os frutos do seu passado com o seu momento presente, isso é pontuado por uma parte do segundo verso: *Exatamente como chove agora*. O poema envolve três homens: seu esposo, e seus filhos (no mínimo dois), mas o que mais nos importa é a presença dos entes femininos nele: ela, sua mãe e uma terceira e misteriosa mulher, fazendo com que o eu-lírico, ao suscitar sua memória individual, que é capaz de perscrutar os espaços submersos, faça emergir dela, a necessidade do outro, do próximo, do coletivo, da comunidade, uma vez que a vida só tem sentido quando preenchida pelo Sujeito em sua dimensão espiritual e os sujeitos na sua dimensão materializada, humana.

O poema possui catorze versos. A primeira terça parte (vs. 1-4) do poema é dedicada a apresentar um fenômeno natural que deve ser encarado, aqui, como ato passível de leitura simbólica: a chuva e os efeitos que ela provoca em sua alma. A chuva é elemento que agrega, dentro do seu pequeno universo, fatos que marcaram a sua infância e que demarcam com profundidade a sua vida. Após esse pequeno prólogo em que a poetisa introduz o leitor no contexto do seu relato, a mesma apresenta a sua mãe que prepara uma refeição como quem faz um poema, com cuidado, como alguém que atualiza os rituais de um mistério amoroso.

Ao perceber que está faltando chuchu para a feitura da iguaria, ela afirma no verso 7: *Fui buscar os chuchus e estou voltando agora*. Há aqui um jogo de temporalidades na medida em que ela ainda iria buscar os chuchus, mas atesta, *fui*, e logo depois endossa que retornará não daqui a algum tempo, mas *agora*. Nesse jogo de memórias, onde estão presentes o ontem e o hoje, o leitor viaja ao passado, tendo os pés firmes num presente que ambienta e atualiza o ontem, numa cenografia imagética, de afetos e sentimentos. Esse movimento entre um verbo flexionado no pretérito e outro no presente, visando algo que acontecerá, incita, no leitor, o sentimento de que o poema continuará com certa harmonia, no sentido de que, com muita naturalidade, a figura da mãe haverá de retornar, com o mesmo tom rítmico que tinha iniciado tal jogo lexical. No entanto, a poetisa ressalta que a vida não possui uma naturalidade previsível; as suas metamorfoses não nos permitem afirmar a previsibilidade das coisas.

Para reforçar o argumento apresentado anteriormente, no primeiro verso da segunda metade do poema, o eu-lírico assegura, como num recorte repentino do tempo: *trinta anos depois. Não encontrei minha mãe*. Consideremos, desse modo, o verso citado no centro do poema, ou seja, a ausência de sujeitos; nesse caso da mãe. Aqui o eu-lírico é consciente da ausência e, embora não queira, aceita a perda. Nota-se que a atmosfera anterior prepara essa sentença. Consideramos que a segunda metade do poema fora escrita para explicitar o que aquele evento aparentemente banal a provocou e de que forma atravessou a sua vida. Percebamos que o verso não é apresentado como uma simples frase; há aqui duas orações: *trinta anos depois* e *Não encontrei minha mãe*. A questão a ser levantada é: por que duas orações, separadas por um ponto de seguimento? Talvez para ecoar com mais efeito a experiência da perda de um ente querido. Nos versos 9 e 10, lemos:

09- *A mulher que me abriu a porta, riu de dona tão velha,*
10- *com sombrinha infantil e coxas à mostra.*

A partir desse momento, adentra uma terceira mulher que lhe abre a porta. Outras questões podem ser levantadas: a que porta ela se refere? De que dona ela fala? Por que a dona lhe provoca? Estas questões não são passíveis de respostas. Podemos especular que essa mulher possui uma presença mais representativa do que histórica. Essa dona pode estar referida à *dona doida* do título, mas, no antepenúltimo verso do poema, ela afirma: 13-*Eu fiquei doida no encalço*. O eu-lírico falaria aqui de si mesma como alguém que nunca conseguira superar a condição de órfã. Não nos cabe nesse contexto investigar o desaparecimento da mãe, isto é, saber como ela se foi; o que nos importa é entender como a sua orfandade é, liricamente, elaborada, e como esta memória significou ou ressignificou sua existência.

Sabemos que a produção poética de Adélia Prado é marcada por uma busca existencial que pode ser compreendida como orfandade simbólica, isto é, o sentimento da ausência que marcará a sua trajetória literária. Isso sublinha a nossa convicção segundo a qual a sua composição poética não provém de uma inspiração casual, mas é influenciada pelas evocações dos eventos pretéritos ativados a partir desse lugar paratópico da lembrança pelo qual a escritora é estimulada a entrar, a fim de dar cabo ao processo de escrita. Nesse sentido, a memória do sujeito depende do seu relacionamento com a família, com os amigos, enfim, com os grupos de convivência desse indivíduo, uma vez que, no mundo, por mais que ele busque se ausentar, nunca estará sozinho. Se retornarmos ao caráter interpretativo do poema, perceberemos como o eu-lírico expressa a separação da figura materna em sua história pessoal. O psicanalista argentino Juan David Nasio, ao analisar a subjetividade de alguém que perde um ente querido, afirma: “Mesmo dolorosa, a lembrança do amado perdido pode suscitar o gozo de oferecer a nossa dor como homenagem ao desaparecido. Amor, dor e gozo se confundem aqui. Amar o outro perdido certamente faz sofrer, mas esse sofrimento também acalma” (Nasio, 1995,

p. 65). Ao seguirmos essa linha de pensamento, consideramos que a elaboração memorial do outro é necessária até mesmo para a sobrevivência psíquica do sujeito. O sofrimento da lembrança, ao mesmo tempo em que dói, traz também a possibilidade de alegria, de calma das próprias tensões, porque memorizar é a mais alta homenagem àqueles que deixaram o seu convívio. Nesse processo criador, o escritor revisita seu passado, um lugar oblíquo, imaginário; e, muitas vezes, traumático e/ou prazeroso, no firme propósito de extrair dele o cerne para sua escrita. Ele entra nesse espaço memorial sozinho, buscando fazer dele um outro lugar, um lugar paradoxo, de não pertencimento, paratópico. Percebemos mais uma vez a forte atuação da memória na forma do poema, quando eu-lírico atesta no último verso: 14- *Só melhora quando chove*. A memória possui uma função terapêutica nesse verso, pois, mediada pela linguagem poética, pode restituir ao sujeito a possibilidade de continuar a existir alegremente no mundo.

A chuva é um fenômeno da natureza, contudo, para o eu-lírico, ela é expressão de fecundidade existencial, ou seja, de uma realidade que modifica seu jeito de sentir a vida, marcada pela perda. A chuva parece ser a expressão metafórica de uma perda que busca ressignificação, uma forma talvez não tão lógica, mas doída de voltar ao passado e, nele, poder reencontrar com os outros. O verso citado, *trinta anos depois. Não encontrei minha mãe*, expressa que o eu-lírico está em busca de algo talvez impossível, tentando recuperar a identidade da mãe, outrora perdida, em si mesma. De acordo com o cineasta e teórico do cinema Andrei Tarkovski,

Em geral, as recordações são muito caras às pessoas, não se deve ao acaso o fato de estarem sempre envolvidas em um colorido poético. As mais belas recordações são as da infância. Antes de se tornar uma reelaboração artística do passado, a memória deve ser certamente trabalhada. É importante não perder a atmosfera emocional específica sem a qual uma lembrança evocada em todos os seus pormenores nada faz que captar a beleza de um período de nossa vida sob a ótica da maturidade (Tarkovski, 1998, p. 31).

Destarte, percebemos que a memória da infância é repleta de detalhes vívidos, mas nem sempre felizes. Na lírica adeliã, e, de modo mais evidente, nesse poema, a relação memorial entre palavras e comida é bastante presente. Os compartimentos da casa estão sempre em relação entre eles. A cozinha residencial possui uma força identitária; mais do que um espaço de produção alimentar, ela é configurada como guardiã de um *munus* memorialístico. Contudo, o fato de ela possuir um *status* simbólico diferenciado não a separa dos outros cômodos da casa, como a sala de estar, os quartos, o quintal, apresentando que, por mais individuais que sejam os espaços repartidos da casa, ela sempre será uma, uma casa por inteiro, marcada, restritamente, pelos sentidos visíveis e paladares, porque vemos e comemos nossas lembranças. Nesse sentido, o pensador Michel de Certeau auxilia-nos no entendimento dessa relação entre alimento e memória:

Nós comemos o que nossa mãe nos ensinou a comer, ou o que a mãe de nossa mulher nos ensinou a comer. Gostamos daquilo que ela gostava, do doce ou do salgado, do chá e do azeite de oliva, de tal forma que é mais lógico que comemos as nossas lembranças, as mais seguras, temperada de ternura e de ritos que marcaram a nossa primeira infância (Certeau, 1988, p. 250).

Podemos dizer, portanto, que duas são as mediações simbólicas que o eu-lírico se serve a fim de tentar superar a ausência consumada da mãe: as forças da natureza concretizadas na chuva (o indomesticável) e a comida, concretizada no chuchu que faltava (natureza domesticada), e estas realidades se situam em um clima de convivência pacífica no eu-lírico.

Passemos, pois, ao segundo poema a ser investigado, nomeado *Bendito*:

Bendito

1- Louvados sejam Deus meu Senhor,
2- porque o meu coração está cortado a lâmina,
3- mas sorrio no espelho ao que,
4- à revelia de tudo, se promete.
5- Porque sou desgraçado
6- como um homem tangido para a forca,
7- mas me lembro de uma noite na roça,
8- o luar nos legumes e um grilo,
9- minha sombra na parede.
10- Louvado sejam, porque eu quero pecar
11- contra o afinal sítio aprazível dos mortos,
12- violar as tumbas com o arranhão das unhas,
13- mas vejo Tua cabeça pendida
14- e escuto o galo cantar
15- três vezes em meu socorro.
16- Louvado sejam porque a vida é horrível,
17- porque mais é o tempo que eu passo recolhendo despojos,
18- – velho ao fim da guerra como uma cabra –
19- mas limpo os olhos e o muco do meu nariz,
20- por um canteiro de grama.
21- Louvados sejam porque eu quero morrer,
22- mas tenho medo e insisto em esperar o prometido.
23- Uma vez, quando eu era menino, abri a porta de noite,
24- a horta estava branca de luar
25- e acreditei sem nenhum sofrimento.
26- Louvado sejam! (Prado, 1991, p 64).

O poema apresenta-se como uma oração, semelhante a outras orações religiosas de matriz cristã ou de outras matrizes religiosas. Interpretaremos a sua lírica, buscando perceber os meios pelos quais o eu-lírico emprega para compreender a grandeza da vida, a despeito do sofrimento, e como a religiosidade, impressa no poema, enfatizará o seu caráter existencial. O poema “Bendito” inicia-se e termina com apenas uma estrofe. Uma das características dos poemas de Adélia Prado é

a ausência não apenas de rimas e algumas características da arquitetura poética clássica, mas também a ausência de mais de uma estrofe. Deste modo, os seus poemas se assemelham aos poemas bíblicos, denominados salmos que, em sua estrutura formal, evita o uso de mais de duas estrofes. A sua temática está associada ao louvor da figura divina a qual ele chama de Senhor. A ideia de bênção se repete ao menos cinco vezes na estrutura do poema. Lembremos que a repetição de certos termos é constitutiva da linguagem eucológica¹⁰. A expressão *louvado sejas porque* é relevante para a harmonização, dado que assegura uma dimensão de transcendência a quem lê.

Segundo o eu-lírico, há que se louvar a divindade permanentemente, porque ela é fonte de consolo frente ao sofrimento que comporta a sua vida no momento presente. A afirmação, repetida diversas vezes, dá contundência e intensidade ao movimento dos versos. Podemos entender que a repetição é um recurso literário para enfatizar a ação consoladora da divindade em sua vida. A expressão *porque* (pronomes de resposta, justificativa) é muito presente nesse poema exatamente; ela indica ao leitor que o eu-lírico sente necessidade de expressar/justificar as motivações do seu sentimento de gratidão. Não lhe basta expressar o seu amor pela divindade, faz-se necessário explicitar os *porquês* da louvação. Além disso, notamos o emprego recorrente da conjunção adversativa, *mas* na sequência onde é acionado a memória; vejamos:

7- mas me lembro de uma noite na roça,
13- mas vejo Tua cabeça pendida
19- mas limpo os olhos e o muco do meu nariz

A conjunção (adversativa) *mas* tem uma função patente na dinâmica interna do texto: criar uma linguagem de conflito, de antítese com as experiências negativas que ele experimentou e relatou no poema. A adversativa funciona como exercício de justificativa do porquê ele não desistiu de conduzir a sua vida, perpassada por inúmeras formas de desamparo. Para entendermos melhor esta perspectiva, observemos os versos que antecedem a esses versos de que a adversativa é composta:

5- Porque sou desgraçado / 6- como um homem tangido para a força,
12- (quero)¹¹ violar as tumbas com o arranhão das unhas,
16- Louvado sejas porque a vida é horrível, /17- porque mais é o tempo que eu passo recolhendo despojos,

O eu-lírico sustenta o desejo de converter a situação na qual se encontra. A poetisa adota com facilidade palavras portadoras de uma certa violência: ser desgraçado, violar tumbas, expressões que manifestam a dureza da existência.

10 Relacionada à eucologia, estudos das estruturas das orações.

11 Parênteses nossos.

Reafirmamos que, quando o termo *mas* aparece, as coisas mudam de enfoque, como se entre um verso e outro, ela afirmasse um fato, mas, no seguinte, suprime a autoridade do anterior com apelos a si mesmo, fazendo, assim, referências à lembrança (vs. 7), visão (v. 13) e tato (v. 19).

A palavra *promessa* aparece apenas duas vezes no poema, no 4º e no 22º verso, ainda assim, é possível compreender o modo como ele adentra cada verso, perpassando o poema. A *promessa* é uma palavra que entra como um corpo aparentemente estranho em um poema no qual o caráter pessimista da vida presente é explicitado fortemente. De todo modo, a sua provocação dialética possibilita uma melhor unidade formal do texto.

Outro aspecto digno de nota é a presença de animais no poema: vemos, nele, três: grilo (v. 8), que cumpre uma função estética, ou seja, de embelezar a cena ao qual ele contemplara e viu nisso um sinal teofânico. O galo (v. 14), que ressalta o fato de que ele não está sozinho ante o seu desamparo. Por fim, uma cabra velha (18), empregada como uma figura comparativa, e que também cumpre função estética, porque esse animal é representação do feio, de um cansaço da vida. Em outras palavras, esses animais que compõem as cenas não são figuras decorativas, cada um possui uma função sim-bólica¹², uma vez que promove a unidade visual do poema.

Outros poemas da produção de Adélia Prado também trazem características oracionais, pois muitos deles estão associados a temáticas religiosas, como missa, novena, afirmações teológicas, trezena. A autora se apropria da linguagem e da representação imagética católica para descrever memórias presas em sentimentos e sensações que a habitam. Para Prado, a poesia reside no campo dos sentimentos, não tanto no que se pode explicar, mas no que se é permitido sentir. O sentimento mediado pela linguagem poética move o ser humano em direção ao belo, do que conduz a pessoa a um outro olhar sobre a vida. Não se trata de possuir um mundo novo, mas de acolher em si o mesmo mundo por um olhar transfigurado. Podemos interpretar esse poema pelo princípio que aqui encontramos. Notamos que o poema se refere a um homem, todavia, os sentimentos podem ser atribuídos a qualquer gênero sexual. A indefinição do gênero sexual é uma das características do gênero oracional. As angústias e sentimentos expressos não se referem a apenas um gênero sexual, mas a totalidade de cada pessoa.

No início do verso, o eu-lírico declara o quanto o objeto de sua adoração é bendito, mesmo “o seu coração estando cortado à lâmina”. Após essa declaração, ele afirma que ‘sorri’. Esta dinâmica paradoxal reside na totalidade do poema. O seu interior está destroçado, mas algo nele está tomado por uma experiência de beatitude. Ele emprega palavras duras, ao longo do poema, no que se refere aos seus sentimentos e desejos: “se sentir desgraçado, pecar, morrer”. No entanto, o eu-lírico em nenhum momento expressa a intenção de executar o ato.

12 *Simbólico* no sentido grego que sugere congregação, comunhão.

Seria plausível afirmar que o eixo do seu poema é Deus. O eu-lírico sugere ser habitado por uma espécie de combate espiritual travado com a própria aparente ausência de significado da vida. O poema parece possuir uma tese, uma antítese e uma síntese. A tese é explicitada pela afirmação da sua angústia. A antítese é a súbita percepção de que a sua vida não é tão amarga, pois existe uma esperança associada a algo prometido, e a síntese é expressada pela experiência da consolação. A palavra esperança, derivada de *spes* origina-se do latim *sperare*, que significa “esperar” ou “possuir esperança”. A esperança é um sentimento de confiança vinculado ao futuro. É uma força espiritual que interessa ao homem enquanto homem. Seria possível dizer que ela distingue o ser humano dos outros seres tanto quanto a razão, o desejo de liberdade, a linguagem. Segundo Tomás de Aquino (2005), a esperança é própria do homem porque ele, enquanto um ser finito, se encontra em contínuo movimento, em constante tensão em direção ao futuro. Na visão cristã, a esperança não é uma espera passiva, mas uma abertura ao real da vida, considerando que é dissociada de expectativas exageradas. Nesse sentido, contrariando a ideia de que ela seria uma vontade impotente, a esperança é dinâmica, impulsionando o indivíduo a trabalhar para alcançar os seus objetivos, projetando-se sempre para a realização do seu projeto enquanto pessoa. O eu-lírico transmite essa visão de esperança como um olhar confiante e ativo para o que está por vir (Mondin, 1991). Nesse cenário, a memória não é mera repetição de um passado perdido em algum lugar da infância; a mesma é *anamnética*, na medida em que é a atualização de momentos marcados por experiências de beleza tecidas ao longo de sua história. Mediante esta afirmação, Tarkovski afirma:

A memória é um conceito espiritual. Se alguém nos fizer um relato de suas impressões da infância, poderemos afirmar com certeza que temos em nossas mãos, material suficiente para fazer um retrato completo desta mesma pessoa. Privando-se da memória, o homem torna-se prisioneiro de uma existência ilusória. Ao ficar à margem do tempo, ele é incapaz de compreender os elos que o ligam ao mundo exterior. Em outras palavras, vê-se condenado à loucura (Tarkovski, 1998, p. 576).

Constatamos que a elaboração da memória não é um capricho do qual se pode, individualmente, renunciar. A mesma é uma necessidade existencial; ora, sem a sua memória, o ser humano não é senão um ente perdido, destituído de um olhar mais amplo da sua própria humanidade. Na passagem desses versos, o eu-lírico liga os fios invisíveis de sua existência pretérita, com a sua vida atual, para ampliar os limites do futuro. Os eventos passados são repletos de significado porque a beleza repousara nos momentos precisos e preciosos de sua vida. A memória possui alto valor a ponto de marcar o desfecho do poema:

23- Uma vez, quando eu era menino, abri a porta de noite,
24- a horta estava branca de luar
25- e acreditei sem nenhum sofrimento.

Os versos finais sugerem que ele supera a aparente dicotomia do pessimismo diante da vida que, aos poucos, se desfaz. Houve aqui uma superação dos *porquês* e do *mas*, pois a vida é constituída de sofrimentos e também de alegria. Ele não afirma: ‘*Louvado sejas porque*’, mas pura e simplesmente *Louvado sejas*. Aqui se encontra o núcleo sintético do poema.

Considerações finais

Percebemos que, em Adélia Prado, a ‘cura’ reside no olhar cuidadoso que nota o sagrado em um grilo que repousa diante da horta enluarada. Acreditar sem nenhum sofrimento é a disposição da qual ele mais necessita no momento presente. Esse ato resgata o passado, pois ele assumiu a sua própria memória e foi curado pela crença na beleza do cotidiano que tem a sua importância como lugar de revelação de si próprio. Prado participa de um mundo marcado pela passagem do pré-moderno ao moderno. Um universo premido de dimensões simbólicas em que a mulher compreende o seu lugar na linguagem poética, marcada pela memória, como expressão do seu próprio mundo. A partir da apropriação do imaginário cristão e da sua leitura subjetiva de um modelo feminino em seu interior, a sua criação poética reinventa uma religião de resgate e de recuperação. Deste modo, ela restaura aspectos perdidos ou esquecidos da *praxis* cristã.

Para Adélia Prado, nomear é chamar pelo nome, evocar, convocar a si a essência de cada coisa mediante o frágil élan da linguagem. Cabe ao poeta responder, isto é, sentir-se responsável pelo que a ele é ofertado, daí a importância de colher o que lhe é captável. Na composição poética, a fala valorada readquire a sua eficácia original para participar do drama que encerra o jogo da verdade como desvelamento. Faz-se necessário, portanto, que a palavra traga memórias, lembranças, provoque a escuta. Esse é um dos gestos mais nobres que se pode dar à palavra poética. O discurso feminista de Adélia Prado faz um ponto de intersecção entre o feminismo militante e a figura da mulher submetida ao patriarcalismo, ou seja, uma fase intermediária que não rompe com o passado em que as figuras masculina e feminina exercem funções próprias daquilo que o pensamento judaico-cristão denominou de família e o pensamento contemporâneo lhe atribui o predicado de tradicional. De fato, o discurso feminista de Prado é composto de intuições sensíveis que se ascendem no sujeito através de memória, lembranças familiares. No seu discurso, percebemos as noções de memória individual e coletiva (Halbwachs, 1990), uma vez que, para este autor, “a memória é sempre construída em grupo, mas também fruto de um trabalho individual, do sujeito produtor de discurso que traz consigo uma memória discursiva” (Orlandi, 2001, p. 30-34).

Desta maneira, a intenção de Adélia Prado é a de situar a identidade feminina em comunhão com a identidade masculina, de modo que não haja uma antítese entre os dois gêneros, mas que eles descubram o valor recíproco que cada um tem para o outro. A poetisa não possui a ciência *a priori* desses lugares prontos; os seus

versos são uma tentativa de encontrá-los. Como é sabido, a identidade e a memória não são realidades de fácil elaboração; elas são características constitutivas do gênero humano, e, para serem tecidas, elas demandam desejo duradouro e trabalho rigoroso. O encontro com estas mesmas realidades não sendo fácil, não põe em xeque a beleza da busca. As noções de memória individual são perceptíveis, no cotidiano da vida, embora, na maioria das vezes, estão quase adormecidas, tornando necessário despertá-las, pois, consigo, elas trazem a memória coletiva, que, de fato, reencaixam o ser humano no seu lugar próprio, no seu encontro no mundo. Prado é consciente de que cada ser humano, como cada poema, é marcado pelo inacabamento, e, a todo o tempo, há, nele, uma busca constante e contraditória pela transcendência e pela concretude humana, no sentido de reordenar o seu lugar nas temporalidades diversas nas quais ele está imerso.

REFUNDING OF TIME: THE RELEVANCE OF MEMORY IN ADÉLIA PRADO'S LYRICS.

Abstract: *The article aims to investigate in Adélia Prado's poetic production the understanding of memory not as a simple psychological act, but as a refoundation of time, that is, as a reordering of the person's place in the different temporalities in which they are immersed. Thus, through the analysis of two of his poems, we aim to understand how the work of memory mediated by the space of everyday life is perceived as an inner editing process that integrates affection and intellect. Having as the main theoretical reference the notion of memory according to the French philosopher Paul Ricœur (1996), we will explore the description of oneself as an activity that constitutes the subject's identity, insofar as it makes the threads of memory visible and projects the redefinition of the same identity in its openness to the future. On the other hand, we will seek, in Halbwachs (1990), the notions of individual and collective memory, since, for this author, memory is always constructed in a group, but it is also the result of an individual work, of the discourse-producing subject who brings with it a discursive memory (Orlandi, 2001). We aim to demonstrate that Prado's poetic creation not only reflects, but also helps human beings to develop their relationship with themselves, with the lives of other people, their memories and those around them, endorsing a permanent connection between the individual and the community. Furthermore, we will investigate through a memorial approach how Christian spirituality, itself marked by the permanent exercise of memory, occupies an unavoidable place in the poet's work.*

Keywords: Adélia Prado, Memory, Poetry, Spirituality, Daily Life.

Referências bibliográficas

ALICI, L. *Il paradosso del potere. Paul Ricœur tra etica e politica*. Milano: Vita e Pensiero, 2007.

AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*. Tomo único. São Paulo: Edições Loyola, 2005. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2024.

- ARISTÓTELES. *Psychologie d'Aristote. Opuscules et Parva naturalia de la Sensation et des choses sensibles de la Mémoire et de la réminiscence*. Trad. J. Barthélemy-Saint-Hilaire. Broché, 1847.
- BOÉCIO. *Escritos, Opera Sacra*. Tradução, Introdução, Estudos Introdutórios e Notas por Juvenal Savian Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*. São Paulo: Editora Ateliê, 2000.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHAUÍ, Marilena. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.
- CALLIGARIS, Contardo. *Terra de ninguém*. São Paulo: Publifolha, 2003.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAIOL, Pierre. *A invenção do cotidiano II: Morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GREISCH, Jean. *Paul Ricœur: l'itinérance du sens*. Grenoble: Editions Jérôme Millon, 2001.
- JUNG, Carl Gustav. *O símbolo da transformação na missa*. Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Rev. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- KALLARRARI, Celso. A presença do discurso religioso em alguns romances brasileiros contemporâneos. In: *Sistema Online de Iniciação Científica – Sonic*. Departamento de Educação – Campus X, UNEB, 2021-2022.
- MONDIN, Battista. *Dizionario enciclopedico del pensiero di San Tommaso d'Aquino*. Bologna: PDLU Edizioni, 1991.
- NASIO, Jean-Dominique. *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes, 2001.
- PRADO, Adélia. *Poesia completa*. São Paulo: Editora Siciliano, 1991.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.
- RICŒUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: 2001; orig. francês: *Soi-même comme un autre*, Paris: 1996.
- SANTOS, Kétsia Araújo. O Discurso Católico: a presença da figura de Maria no romance *O homem da mão seca* (1994), de Adélia Prado. In: *TCC – Trabalho de Conclusão de Curso*. UNEB – Campus X, 2022.
- STEINER, Nivaldo. *Um poder infernal: a poesia de Adélia Prado*. São Paulo: PUC, 2005.

TARKOVSKI, Andrei. *Esculpir o tempo*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VOLZ, Filipe. Walter Benjamin: memória e conhecimento do presente.

In: Voluntas, Santa Maria, v. 10, n. 3, p. 150-168, set./dez. 2019. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/40395>>.

Acesso em: 2 set. 2024.

Recebido em 10 de julho de 2024

Aprovado em 08 de setembro de 2024

SESSÃO VÁRIA

A RELEVÂNCIA DO ENSINO DA VARIAÇÃO PROSÓDICA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Valdete da Macena¹

Josinéa Amparo Rocha Cristal²

Edenize Ponzo Peres³

Resumo: Sabe-se que os elementos prosódicos têm papel fundamental no processamento e na compreensão da leitura; por sua vez, órgãos governamentais vêm sinalizando negativamente quanto à qualidade do ensino da leitura nas séries iniciais. Partindo dessas premissas, este trabalho tem como escopo investigar como se dá o ensino destes elementos nas escolas públicas. Para alcançar nosso propósito, fomos a campo em busca do posicionamento de trinta alfabetizadoras: por meio de entrevistas semiestruturadas e observações *in loco*. Para a análise dos dados obtidos, orientamo-nos em pesquisadores nacionais e estrangeiros da área. Ao término, pudemos verificar que os elementos prosódicos na prática da maioria das agentes sequer são mencionados. Ao serem questionadas sobre sua prática docente, argumentaram que não detêm o conhecimento, pois não foi estudado durante sua formação docente.

Palavras-chave: Letramento, Prosódia, Práticas leitoras.

Introdução

Assim como os olhos são a janela da alma, a voz é seu espelho. A maneira como modulamos nossa voz transmite nossos sentimentos, emoções, ideias, desejos e sonhos. Estas modulações se referem ao processo de alteração do tom, timbre, altura e intensidade, podendo ser voluntário ou não. De uma forma ou de outra, a voz revela as atitudes do locutor e até mesmo sua identidade.

Neste trabalho, assume-se a concepção de prosódia e entoação conforme Kent e Read (2015), para os quais o termo *prosódia* é facilmente confundido com entoação; no entanto, os autores defendem que ambas não se confundem. Seguindo o ponto de vista de Johns-Lewis (1986), consideram a entoação como parte da prosódia e

1 Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestre e Doutora em Linguística aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – BH. Email: valmacena@yahoo.com.br

2 Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Mestre em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia, UNEB, Ba. Email: josinearcrystal@gmail.com

3 Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Mestre e Doutora pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Email: edenizeponzo@gmail.com

que esta tem afinidades com a entoação, mas são diferentes. De acordo com Kent e Read (2015, p. 371), “A entoação é similar à prosódia, pois seus parâmetros são frequência fundamental (f0), intensidade e duração, mas a entoação se refere a uma faixa mais estreita de fenômenos, geralmente aos padrões de subida e descidas de tom e aos padrões de acento em uma dada língua”.

Observada a importância da prosódia e da entoação no processamento da fala, ao atribuir ao texto seu(s) sentido(s), intentamos verificar se essa área é trabalhada e, em caso afirmativo, buscamos compreender como é trabalhada no processo de alfabetização e letramento em escolas públicas do ensino fundamental I. O problema emerge ao nos depararmos, recorrentemente, com dados governamentais e não governamentais, reportagens nas mídias televisivas, jornais, revistas, artigos impressos e/ou digitais informando, denunciando e/ou questionando a formação do leitor. No entanto, no ambiente acadêmico, veem-se cada vez mais trabalhos que trazem contribuições importantes para a qualidade do ensino do ato de ler; entretanto, ao que parece, não têm apresentado grandes efeitos.

E tal questão é vista e assistida diuturnamente em nossa prática como professores na graduação, quando oferecemos e recebemos textos de quaisquer gêneros de nossos graduandos, em especial, os de sequência explicativa e argumentativa; mostram-se com grandes dificuldades tanto para compreendê-los quanto para elaborá-los.

Considerando que a escrita e a leitura proficientes são habilidades essenciais para que o cidadão atenda às demandas sociais, defende-se, assim, uma mobilização, começando pelos currículos das licenciaturas, afinal, todo professor precisa ser também alfabetizador.

Portanto, neste trabalho, objetivamos: investigar, entre as professoras alfabetizadoras entrevistadas para esta pesquisa, se a área da prosódia é trabalhada e como é trabalhada no processo de alfabetização e letramento nas escolas públicas da região do extremo sul da Bahia; demonstrar o conhecimento de 30 (trinta) alfabetizadoras sobre a relevância da prosódia e da entoação na alfabetização, assim como os problemas que, para elas, impedem uma alfabetização eficiente e produtiva; identificar o espaço atualmente ocupado pela prosódia em salas de aula da educação básica e, em especial, nas séries iniciais do ensino fundamental; e apresentar um panorama e sugestões de atividades do que compreendemos sobre o ensino da alfabetização mediada pela fonologia e pela prosódia, a fim de mostrar a importância das atividades que contemplam as interfaces com a prosódia/entoação.

Para justificar o problema ora levantado, apresenta-se um quadro com alguns destaques sobre a leitura no país. Uma lamentável situação que governo e a sociedade em geral devem àqueles que não leem fluentemente, já que é seu dever habilitá-los a adquirir tal competência. Pesquisas atuais vêm apontando o problema, e todos os segmentos sociais e governamentais têm ciência do fato. Vejamos o quadro a seguir:

Quadro 1: Destaques atuais da situação da leitura/escrita no Brasil.

“Apenas 12% da população brasileira entre 15 a 64 anos têm proficiência em leitura”.
(Alfabetismofuncional.org.br, 2023).

Acesso à leitura ainda é desafio no Brasil. Como formar mais leitores? (Prosabersp.org.br, 2023).

No Brasil, 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro, diz Rafael Guimarães.
(Brasildefato.com.br, 2022).

Nativos digitais não sabem buscar conhecimento na Internet, diz OCDE. (BBC.com/Portuguese/
Brasil, 2021).

Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. (2020)

“O Brasil não conseguiu registrar avanços significativos no **desempenho dos estudantes em leitura, em matemática e em ciências** no mais importante ranking mundial de educação, dados do PISA. (G1.globo.com/educação, 2019).

Na última edição do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), apenas 250 pessoas tiraram a nota máxima 1000 - enquanto 529.374 zeraram a redação. Os números, segundo especialistas, revelam faltam de leitura e prática de escrita. (Disponível em: Diariodolitoral.com.br/educação, 2015).

Fonte: elaborado pelas autoras.

Explicitado o objeto central deste trabalho, os objetivos, problema e justificativa, inicia-se a discussão sobre a aquisição da linguagem. Já no ventre materno, começa a aprendizagem da língua. Pesquisas têm comprovado que o bebê consegue reconhecer a voz da mãe, do pai, dos que interagem com ela. Mesmo antes de nascer, começa a conhecer a língua enquanto ainda está no útero, mais cedo do que se pensava anteriormente. Kuhl (2000, p. 11856-57) afirma que “A mãe tem o primeiro papel de influenciar o cérebro da criança pois os sons das vogais em seu discurso são as unidades mais barulhentas e o feto se prende a elas”.

O estudo do desenvolvimento da linguagem, atestado por diversos trabalhos, indica que adquirimos primeiramente uma espécie de molde silábico oscilatório, que vai se tornando cada vez mais complexo com o passar dos meses, ao ser preenchido com as consoantes e vogais da língua materna. Moldes entoacionais emergem também nos primeiros meses de vida, manifestando que, de alguma forma, o fato de ouvirmos e percebermos a fala durante a vida intrauterina facilita a produção dos primeiros enunciados. Isso mostra que adquirimos a prosódia da língua antes da aquisição dos segmentos (Barbosa, 2022, p. 54).

É tão coerente este fato que Lacheret (2012) lança a hipótese de que a prosódia pertenceria à gramática da mesma forma que os componentes fonéticos, sintáticos e semânticos com os quais ela interage de perto. Existe de fato uma competência nesse nível de processamento de linguagem. É necessário, portanto, questionar a natureza do conhecimento prosódico internalizado pelo sujeito que fala: representações simbólicas (tonal e acentual) *versus* comandos motores transitórios (frases rítmicas, gestos melódicos), representações de significantes autônomos e significados (contornos melódicos como sinais ou índices) *versus* princípios de correspondência e acoplamento de módulos de processamento

(representações sintático-prosódicas, semântico-prosódicas, representações pragmático-prosódicas), representações declarativas *versus* processuais (combinações explícitas e regras combinatórias e distributivas e/ou *know-how* comunicativo implícito), representações pré-construídas ou emergentes etc.

Sabe-se, no entanto, que há controvérsias, mas também convergências parciais com Lacharet (2012). Crystal (1969), por exemplo, distingue o nível segmental do não segmental, separando dentre deste último o que é prosódico (volume, proeminência, duração, pausa) do que é paralinguístico (e.g. qualificadores da voz) e não linguístico (e.g. qualidades intrínsecas devido ao locutor).

Assim, a prosódia, os elementos paralinguísticos e não linguísticos se inserem no nível não segmental, sendo, em princípio, orientados auditivamente na primeira fase de nossas vidas. A prosódia é o elo interativo da comunicação verbal no entorno familiar; as crianças percebem os estados emocionais dos pais através da entoação, por exemplo. Uma das linguagens mais conhecidas entre os fonoaudiólogos é o “manhês”, no qual existe toda uma modulação verbal na comunicação entre mãe e o bebê, desde o seu nascimento até os cinco, seis anos de idade, dependendo da cultura - a latina, por exemplo.

Pretende-se com esta exposição inicial, argumentar que a prosódia é assimilada facilmente entre as crianças nas interações verbais cotidianas; no entanto, ao chegar à escola, no processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita, esse componente importante para a compreensão do texto é ignorado. Isso leva a um questionamento: ora, se o escolar aprende as modulações da fala e as utiliza de acordo com o contexto, o interlocutor e a intencionalidade da interação, por que, então, no ensino da leitura, a prosódia é descartada?

No decorrer deste artigo, serão apresentadas algumas pistas que levem à reflexão sobre o porquê de muitas crianças e até mesmo adolescentes, jovens e adultos não entenderem o que leem.

2 Método e material

Esta pesquisa foi realizada e aprovada pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, PUC-Minas, no. 46594721.6.0000.5137-3, tendo sido autorizado o uso de amostras de fala neste estudo, dentro dos termos da resolução 196 do CNS, que rege pesquisas com seres humanos.

Optamos pela pesquisa qualitativa, constituída dos dados de nossas informantes, leitura de livros, teses e artigos resultantes de pesquisas empíricas sobre a leitura no ensino fundamental, entre autores nacionais e estrangeiros, assim como dados estatísticos de programas governamentais e não governamentais (ONGs), dentre outros gêneros.

Para a constituição do *corpus*, elaboraram-se dois documentos: (1) questionário para coletar dados particulares de cada uma das agentes e (2) um roteiro com perguntas e temas levantados para provocar a discussão até a obtenção dos

dados objetivados, com a finalidade de registrar com maior fidelidade a prática docente, incluindo a teoria e a metodologia subjacente aos conteúdos oferecidos aos alunos. Foram entrevistadas 20 professoras alfabetizadoras em cidades de dois estados fronteiriços: Bahia e Minas Gerais.

Como a questão se volta para o ensino da leitura com variação prosódica, objetivou-se investigar, através das atividades oferecidas aos alunos e dos dados entre nossas informantes, pistas orientadoras de um ensino de leitura que agregasse ritmo e entoação adequadas ao gênero proposto para a leitura. Então, buscou-se inferir, através do processo dialógico entre entrevistador e entrevistado, o que seria ler para as agentes e que estratégias eram utilizadas para seu ensino. Depois de encerrar a coleta e analisar os dados, foi possível compreender por que os mecanismos prosódicos não faziam parte do ensino da leitura na maioria das práticas observadas, como também formar uma opinião sobre a qualidade do ensino da leitura naquelas escolas.

3 A leitura prosódica

Nesta pesquisa, entende-se por *leitura prosódica* o ato de ler perpassando a decodificação, traduzindo pontuação em discurso e incorporando ascensões e queda de tom na leitura, o que incluiria uma série de traços no texto, como ênfase, duração, pausa etc., que, conjuntamente, seriam percebidos pelo ouvinte como um resultado expressivo da leitura de um texto.

Compreendemos que, antes de qualquer outro conhecimento, o escolar deveria aprender o código da língua escrita seguido das 13 (treze) estruturas silábicas que compõem nosso léxico. Barbosa (2019, p. 38) afirma que “a sílaba é a uma unidade prosódica única, isto é, a menor unidade de produção que somos capazes de emitir”. Daí não sermos simpáticos ao método fônico, visto que já é consenso, entre os fonólogos, que o fonema é um constructo abstrato e, dada a sua abstração e ambiente fonológico em que se encontra, ele se modifica, transformando-se em outro “fone”. Por exemplo, ao ensinar o fonema /m/ para o alfabetizando, é preciso considerar que, dependendo dos segmentos adjacentes a esse fonema e/ou à posição que este ocupa na sílaba, pode se transformar em outro fonema; observa-se, então, a primeira premissa de Pike (1943, *apud* Cristóforo-Silva, 2001, p.119): “os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram”; ora, se o fonema /m/ estiver em posição de ataque silábico, ele será uma oclusiva bilabial, nasal, vozeada, mas se este estiver em posição de coda, como a alfabetizadora vai explicar que não se trata mais do fonema anterior discutido, se não foram trabalhadas todas as estruturas silábicas do PB? Quando tal fonema iniciar a palavra, não haverá obstáculo para o aprendiz (ex.: maçã, modo, medo), mas, se este estiver em estrutura silábica diferente (por exemplo em: campo, vejam, bem), como se explicarão esses últimos casos, que fonemas são esses? Por isso estamos

reiterando nossa ideia de que, para se alfabetizar, é necessário aliar-se à fonologia, à fonética e à prosódia para uma alfabetização mais promissora.

Barjard (2021, p. 110) assinala que uma sequência de fonemas e sílabas não garante a pronúncia certa da palavra e, portanto, a extração do significado. É necessário escolher a emissão certa do fonema (aquele de ‘tio’ e não de ‘rato’) e a música da língua, a sua prosódia”. Relacionado à ideia citada desse autor, vale ressaltar que é necessário que o aprendiz saiba manipular estas sílabas, observar suas posições, inferir seus sons de acordo com a posição que os segmentos ocupam na sílaba, brincar com as sílabas dentro das palavras e, mais ainda, ensinar a ler os gêneros, esclarecendo e sinalizando as modulações prosódicas que cada gênero discursivo exige a depender de seu contexto situacional.

No processo da alfabetização/letramento, a posição silábica, os segmentos adjacentes trazem informações preciosas ao aprendiz. Faz-se necessário explicar a palatização das consoantes “t e d” diante do fone “i”, especialmente em nossa região, onde essa variante é utilizada. Compreendemos que a criança tem inteligência suficiente para entender esses e outros fenômenos linguísticos sem grandes problemas, ou melhor, podem-se preparar atividades as quais o próprio escolar vai inferir esses processos; afinal, é o contexto fonético que define o fonema.

O artigo 2, inciso VI da BNCC⁴, traz um descritor que converge com esta pesquisa: “fluência em leitura oral - capacidade de ler com precisão, velocidade e prosódia”. Embora haja plena concordância com a inclusão do item acima na prática educacional, observamos que é área raramente mencionada nos livros e/ou currículos da alfabetização. Os professores, de forma geral, não sabem como trabalhar esses aspectos, exceto quando ensinam acentuação gráfica. Vale ressaltar que a prosódia é condição *sine qua non* para desenvolver a fluência e velocidade na leitura, sabendo que, para isto, o aprendiz deve decodificar bem e compreender o que está lendo, mas, segundo as pesquisas, a realidade não se apresenta favorável a esse quadro.

Dos dados encontrados entre os estudiosos da prosódia, destaca-se o de Komeno *et al.* (2015). Os autores realizaram uma pesquisa para conhecer a qualidade e a velocidade de leitura de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, com o objetivo de associar tal habilidade ao desempenho escolar destes. Para tanto, constituíram um *corpus* com gravações de 32 escolares (50% de cada sexo/gênero), todos com 14 anos (Média - M = 14,67; Desvio-Padrão - DP = 0,31), regularmente matriculados no 9º ano de uma escola particular do município de São Paulo, os quais foram divididos em dois grupos: o primeiro, os que tinham alcançado uma média de leitura entre 7,0 a 8,8 = 7,8; e o segundo, os que obtiveram a média 3,5 e 5,1 = 4,6.

Após a análise, os autores elencaram as médias obtidas pelos escolares das matérias do 3º bimestre do ano letivo e compararam, então, as notas entre os dois

4 Base Nacional Comum Curricular.

grupos, constatando uma diferença significativa entre eles: o primeiro grupo foi avaliado pela escola com notas bem mais elevadas do que o segundo grupo. Para os autores, o desempenho na leitura está associado ao bom rendimento escolar do primeiro grupo, e não apenas em uma disciplina; entretanto, em quase todas, o sexo também foi uma variável importante constatada na pesquisa: as alunas obtiveram notas mais altas do que seus colegas do sexo oposto. Os dados podem não se aplicar a todas as pessoas de mesma idade e sexo, mas sinalizam que a velocidade na leitura indica um leitor mais proficiente, que utiliza mais recursos cognitivos para a compreensão de textos e quaisquer outras atividades em que a leitura seja o princípio.

Neste trabalho, não foram feitas entrevistas nem qualquer outra abordagem com os escolares, até porque não era este o objetivo, e sim as entrevistas com as agentes. As observações de seu fazer educativo e as atividades oferecidas por elas aos alunos conduziram a inferir o referencial teórico-prático que orienta o trabalho dessas colegas, assim como o conceito que têm sobre leitura e escrita, o que demonstrou ainda mais a importância da pesquisa de Komeno *et al.* (2015).

4 Discussão e análise dos dados

Após as observações e diálogos junto às informantes sobre a sua prática de ensino de leitura, agregada aos mecanismos prosódicos no ensino fundamental, e, depois de analisado todo o contexto escolar em seu aspecto físico, material e laboral, os dados revelaram alguns pontos que foram propostos na investigação, como também se confirma a hipótese da presente pesquisa: a prosódia e a entoação não são ensinadas no ensino da leitura como é compreendida neste trabalho. As professoras não foram preparadas para o ensino da prosódia e entoação, assim como sua importância na fluência leitora, até porque, segundo as informantes, jamais estudaram tal área na graduação e na educação básica.

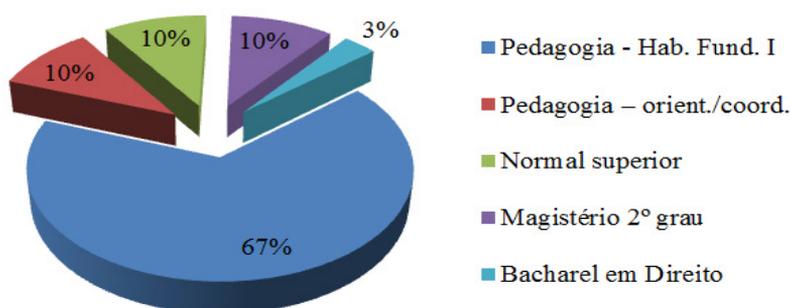
Importante ressaltar, aqui, que entendemos por alfabetizadores os professores que trabalham nas séries iniciais do ensino fundamental (1º ao 5º ano), embora, na escola, a compreensão não seja esta. Nas escolas, entre as professoras e professores, o protocolo da alfabetização se concentra nos dois primeiros anos, ou seja, no 1º e 2º anos do ensino fundamental. Nos demais anos, esses profissionais se ocupam em trabalhar a gramática normativa, conceitos, interpretação e produção de texto, mesmo que o aluno saiba ler. Dentro desse contexto, as crianças não conseguem interpretar/ler os enunciados, cabendo ao professor ler, explicar e exemplificar os textos, para que o aluno passivamente responda. Quando a atividade é extraclasse, os responsáveis ficam condicionados a ler e interpretar ou simplesmente a tarefa não é cumprida.

Enfatizamos que a ideia do letramento, o qual se constitui, entre variadas práticas, na leitura e produção de textos em gêneros diversos nas escolas, pode ter sido distorcida, haja vista os próprios livros didáticos do Ensino Fundamental I,

assim como as práticas educacionais de ensino de leitura e produção textual; avançou-se o processo, deixando lacunas profundas na aprendizagem das crianças. O ensino, partindo do texto, deixou de lado os conhecimentos primários: primeiro, para se apropriar da escrita convencional, alfabética, ortográfica, é necessário passar pelo processo da decodificação. Faz-se necessário aprender o alfabeto, as sílabas e a posição dos segmentos na sílaba: como se estruturam, por que se modificam e como se formam as palavras e o parágrafo, para depois inserir as crianças nas práticas sociais da escrita e leitura textual. Quanto a isso, Leite e Colello (2010, p. 32) argumentam que “O problema começou quando os professores alfabetizadores passaram a desenvolver, basicamente, práticas de letramento em sala, supondo, de maneira errada, que elas poderiam garantir as dimensões específicas da alfabetização”.

Diante dessas considerações, apresentaremos os resultados obtidos a partir das observações feitas, assim como as análises das respostas das entrevistadas. Além desses dados, todo o contexto situacional e físico do local de trabalho das professoras foram pontos observados. Dentre os resultados, elaboraram-se alguns gráficos para melhor demonstração. O primeiro item identificado foi a qualificação do professor alfabetizador.

Gráfico 1: Escolaridade das professoras informantes.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Como pode ser observado no gráfico 1, nem todas as entrevistadas têm a habilitação exigida para o ensino da leitura e escrita nas séries iniciais, mas as observações e as entrevistas evidenciaram que não houve diferenças substanciais advindas deste quesito.

Dentre as pautas discutidas, destacou-se uma que, mesmo julgada pelo entrevistador como não tão relevante para o propósito desta pesquisa, apareceu recorrentemente nas falas das professoras: o uso da tecnologia digital. Segundo as agentes, respaldadas pelas queixas dos pais dos escolares, os aparelhos digitais são uma arma “sob o ponto de vista negativo” para o desenvolvimento da leitura e da escrita, já que o uso das telas se tornou abusivo pela maioria dos alunos.

Segundo as agentes da pesquisa, boa parte das crianças não quer mais escrever nem ler. Mesmo na sala de aula, quando se dá oportunidade, elas se voltam para o celular, *tablet* ou qualquer outro aparelho digital, por meio dos quais só se veem e ouvem, falando pouco. Ainda muitas delas se deleitam nos jogos. Esta realidade constitui para as professoras um dos maiores problemas que a escola tem enfrentado, especialmente em relação ao não cumprimento das tarefas extraclasse. Segundo as informantes, os pais não conseguem acompanhar seus filhos, pois trabalham o dia inteiro e, quando chegam a casa, querem descansar e se entreter também nas telas.

Com relação às telas, Hugo M. Ferreira – professor e líder do grupo de estudos sobre transdisciplinaridade da infância e da juventude – depois de ter ouvido cerca de 3.115 (três mil e cento e quinze) pessoas entre os 11(onze) aos 18 (dezoito) anos de 5 (cinco) capitais brasileiras sobre as tecnologias digitais e suas consequências, levanta questões extremamente importantes sobre esta nova geração que ele chama em seu livro “A geração do quarto”. Com o uso desordenado das telas digitais, a interação na família aos poucos vem se extinguindo: não se discute, não se batem papos, uns não ouvem o outro e cada um em seu quarto, onde a máquina é o canal para a entrada do desconhecido que se torna o maior confidente desta geração.

Exposta a um nível de interação muito extenso e denso, a geração do quarto tem certamente uma das mentes mais bombardeadas de imagens digitais dos últimos séculos. A quantidade de ícones gráficos, desenhos, memes, emoticons e vídeos que têm sido ofertados a crianças e adolescentes é enorme: “Minha cabeça ficava cheia de imagens antes de eu dormir. Aí, pra dormir, eu só conseguia perto de ir para a aula”. (Ferreira, 2022, p. 101)

Os dados expostos na citação acima remetem a afirmar que a fala também se redimensionou: outros ícones entram em cena nas interações em todos os meios sociais, em especial, no ambiente familiar, entre amigos etc., estendendo-se para outros segmentos que utilizavam, essencialmente, a escrita em suas relações formais, entre seus interlocutores e a escola não vai ficar alheia a essa nova era, mas como fazer? Fica a questão! Sabemos que há algumas literaturas que dialogam sobre o tema sugerindo muitas atividades interessantes, no entanto, não vamos nos deter, pois extrapola o foco desta pesquisa.

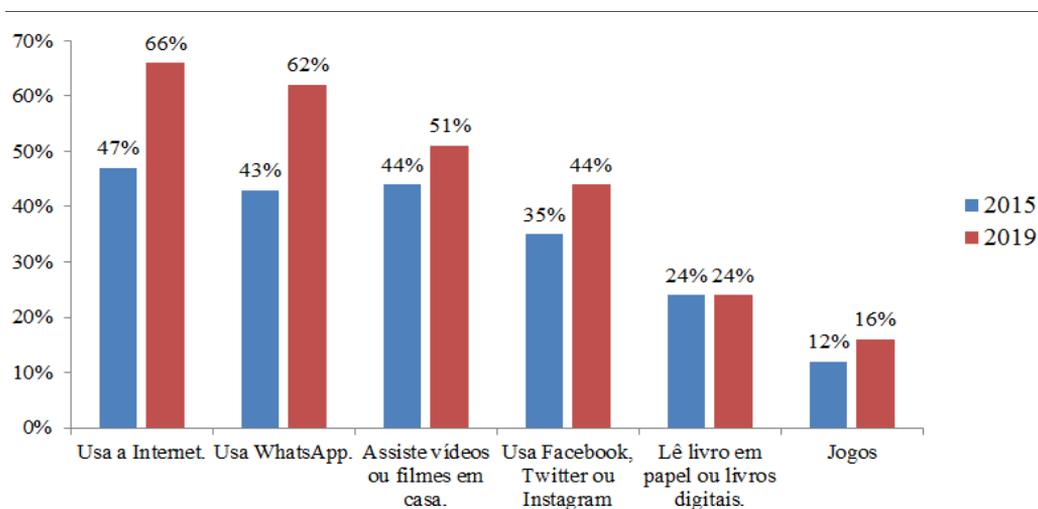
Como se disse, a maioria das colegas credita à tecnologia digital parte do fracasso escolar, incluindo elas próprias e suas famílias no contexto. Na visão das entrevistadas, a escrita está “contaminada” e vem sendo absorvida pelas crianças e adolescentes, o que dificulta ainda mais o ensino da leitura e a escrita convencional.

Neste ponto, vale ressaltar que a escrita se fragilizou, sim, mas não porque as pessoas interagem mais umas com as outras por meio da fala, pois isso já é fato. Estamos dizendo que a escrita que sempre teve menor espaço entre a maioria das pessoas, especialmente crianças, adolescentes e jovens, atualmente, se estreitou ainda mais. Os novos aplicativos, além da escrita, trouxeram a modalidade oral

com muita qualidade e facilidade de uso; a grafia agora ganhou novos ícones: são as siglas, abreviaturas e *emoticons*. E, além disso, para as colegas, a gravidade da questão se intensifica ao dar margem para a entrada das interações verbais com o desconhecido, como assinala Ferreira (2022), com o estranho, causando problemas de outra ordem, mas que afetam a escola.

Como dado comprobatório, o gráfico abaixo, extraído da pesquisa “Retratos da leitura no País”, ratifica o que as colegas afirmaram. No entanto, o uso demasiado das tecnologias digitais não se estende somente às crianças e jovens, mas também aos adultos. Hoje, a interação verbal presencial entre as pessoas tem diminuído consideravelmente, e as telas digitais são fonte de ludicidade e de entretenimento para a maioria dos brasileiros.

Gráfico 2: Uso das telas digitais entre os anos 2015 a 2019.



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir da coleta de dados da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2020)⁵.

Se a fala se intensifica, embora isso já se fazia realidade, talvez, mais do que nunca, seja o momento oportuno de se estudarem os efeitos do discurso oral, suas peculiaridades, o que está por trás desta ou daquela modulação, o significado das ênfases numa determinada sílaba ou palavra entre outras facetas prosódicas. Cabe ressaltar que, embora as informantes tenham culpabilizado o fracasso escolar pelo fato de os escolares fazerem uso abusivo da tecnologia digital, sabe-se que esta tecnologia nos trouxe muito mais benefícios do que prejuízos. A questão é como controlar e ensinar o uso produtivo dos aparelhos digitais.

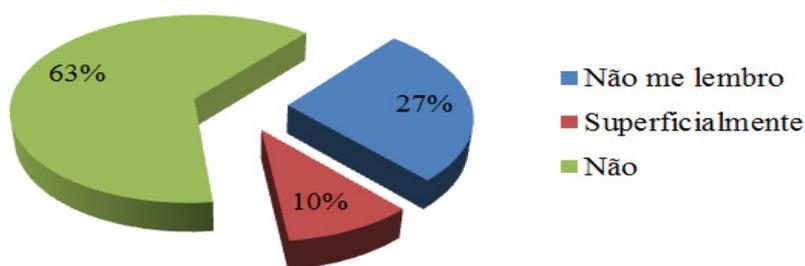
Ao mostrar o gráfico 3 para as entrevistadas, já inseridas no curso do MEC, disseram que já tinham ouvido falar em prosódia, na perspectiva comentada, pela

5 ITAÚ CULTURAL. *Retratos da leitura no Brasil*. 5. ed. 2020. Disponível em: https://prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/09/5a_edicao_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_IPL-compactado.pdf.

primeira vez através do curso. As próprias informantes alegaram que acharam o tema interessante; entretanto, o tempo dado para a exposição foi muito pouco e elas não conseguiram apreender a ideia proposta. Para a maioria das alfabetizadas, prosódia se tratava exclusivamente de pronunciar corretamente as palavras, ou seja, falar de acordo com o Vocabulário da Língua Portuguesa, VOLP⁶, que traz a ortografia e acentuação formal do Sistema Ortográfico da Língua Portuguesa; lamentaram o fato de nunca ter sido oportunizado um estudo mais consistente sobre prosódia, entoação e afins.

Realmente, é fácil compreender o porquê de elas não se lembrarem de ter estudado tal assunto: a maioria das gramáticas e guias ortográficos só se refere à prosódia quanto à acentuação gráfica, considerada correta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira – NGB – e a ortoépia, que se trata da pronúncia “correta” das palavras. Então, ao questionarmos sobre o uso da prosódia como a entendemos – estudo da entoação, ritmo, melodia, duração etc. –, o resultado de suas respostas pode ser visto pelo gráfico a seguir.

Gráfico 3: O estudo da prosódia entre as informantes na escola.

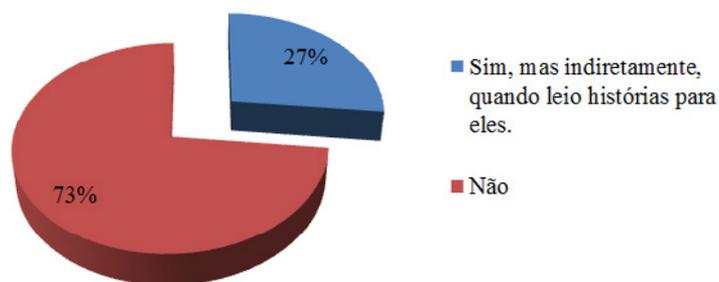


Fonte: Elaborado pelas autoras.

O resultado sinalizou uma hipótese que já tínhamos em mente, visto que o estudo da prosódia, até mesmo nos cursos de Letras, é de baixo desempenho. Como a pauta mais importante de nosso trabalho é o uso da prosódia nas séries iniciais, perguntamos às nossas entrevistadas como se dava a abordagem da prosódia em suas práticas leitoras entre seus alunos. Muitas não souberam responder, algumas disseram que trabalham com acentuação gráfica (um dos pontos da prosódia) e outras confundiram prosódia com fonologia. A partir de suas respostas, elaboramos o gráfico a seguir.

6 <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>

Gráfico 4: Abordagem da prosódia e entoação na escola.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nesse contexto, fica evidente que os professores, por mais que se esforcem, provavelmente não conseguirão cumprir a pauta prevista no Decreto 9.765/2019, que institui a política nacional de alfabetização em seu artigo 2, parágrafo VI. Pelo fato de não terem estudado prosódia de forma sistematizada nas graduações que fizeram, provavelmente terão muitas dificuldades para cumprir a meta na perspectiva que tal decreto sugere, quando se refere à fluência e à velocidade da voz.

Para nós, fica claro que tal descritor se refere à prosódia como um processo de produção que incorpora três parâmetros: a duração, a frequência fundamental e a intensidade como o acento, a duração, a pausa, a qualidade de voz, o ritmo e a melodia; e, neste mesmo parágrafo, refere-se à fluência e à velocidade, ou seja, está mencionando a entoação, geralmente aos padrões de subidas e descidas de tons e aos padrões de velocidade adequada ao gênero, intencionalidade, contexto e interlocutores.

Quanto a isso, Soares (2020, 2021), repetidas vezes, vem alertando sobre este paradoxo: os cursos de Letras, em que os alunos estudam e pesquisam sobre o sistema fonológico do Português, não habilitam para alfabetizar. Enquanto isso, a graduação que habilita professores alfabetizadores não tem em seu currículo estudos sobre linguística: fonética, fonologia, prosódia e variação da língua. Enquanto isso for realidade, acreditamos que será difícil uma alfabetização mais consistente.

Outra questão, que é a técnica de ler rápido com ritmo, entoação e duração adequada, é um desafio muito grande para o alfabetizador, já que em todas as orientações, até hoje apresentadas no país, não tinham esta pauta em seus programas de ensino. Até onde se tem conhecimento, o MEC nunca oportunizou ao professor formador um curso de aperfeiçoamento em Prosódia.

Considerações finais

Vivemos em busca de uma sociedade mais igualitária, justa e democrática, o que tem sido questionado e gerado fortes debates e encontrado várias respostas não só no mundo acadêmico, como também na sociedade como um todo; porém, mesmo com tantas descobertas, a sociedade ainda não avançou para a implementação de uma possibilidade real de que emergja uma educação funcional que permita abolir

as mazelas sociais e fazer vigorar uma sociedade harmônica e unitária na reunião entre todos os seus indivíduos, possibilitando-lhes o poder do saber.

As desigualdades educacionais, assim como as demais, também têm marcadores socioeconômicos, de cor/raça, de gênero e de território, como registrado no Painel das Desigualdades, disponibilizado pelo Cenpec⁷. Assim, os que conseguem vencer a barreira do acesso, sofrem, muitas vezes, com a reprovação, a distorção idade-série e, com o fato, de não ter garantido o direito de aprender e se desenvolver, o que pode levar à evasão escolar. Quanto a esse problema, Zorzi (2006) adverte: “A escola ignora quem não consegue aprender”.

Urgem mudanças, mas não se muda nada a partir de discursos vazios, sem atrelar a eles ações e materialização e, especialmente, sem reflexão sobre o real, o que implica em novas concepções, práticas e atitudes. Compreende-se que o alicerce da educação está na alfabetização/letramento. A formação investida nos professores alfabetizadores é o eixo fundamental para mudanças significativas na prática pedagógica, não apenas estudando teorias, mas principalmente discutindo a alfabetização num contexto real que envolve as condições de trabalho dos professores relacionadas às situações econômicas destes, dos pais e de todos envolvidos.

Como a pauta deste trabalho enfocou nas práticas leitoras associadas à prosódia - já que uma leitura sem entoação, ritmo etc. prescinde de sentido -, destaca-se como um ponto negativo, nas escolas, a concepção de leitura desvinculada de sua musicalidade, presa na decodificação do código. É frustrante, visto que muitos trabalhos, pesquisas, inclusive a Unesco, já abandonaram a ideia de que ler seja decodificar.

Compreende-se que ler e escrever são atos complexos, que exigem do leitor e escritor um vasto conhecimento da língua e do mundo em que vivem; dessa forma, não pode haver uma cisão entre ensinar o código da língua e ensinar a ler, pois ambos estão interligados e precisam continuar o processo até que a criança realmente aprenda a ler com eficácia, ou seja, apreendendo o sentido do texto, mesmo que este esteja nos 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º anos. A escola precisa cumprir este papel,

Finalizando este trabalho, conclui-se que a leitura prosódica, objeto deste trabalho, infelizmente, está distante de nosso entorno geográfico da pesquisa.

THE RELEVANCE OF TEACHING PROSODIC VARIATION IN THE PROCESS OF LEARNING TO READ IN ELEMENTARY SCHOOL

Abstract: *It is well known that prosodic elements play a fundamental role in the processing and comprehension of reading, while government agencies have signaled negatively about the quality of reading instruction in the early grades. Based on these premises, this study aims to investigate how these*

7 Centro de Referências em Educação Integral.

elements are taught in public schools. In order to achieve our goal, we went into the field in search of the position of thirty literacy teachers, through semi-structured interviews and on-site observations. In order to analyze the data obtained, we were guided by national and foreign researchers in the field. In the end, we were able to verify that prosodic elements are not even mentioned in the practice of most of the agents. When asked about their teaching practice, they argued that they didn't have the knowledge because they hadn't studied it during their teacher training.

Keywords: Literacy. Prosody, Reading practices.

Referências

BARBOSA, Plínio. *Prosódia*. São Paulo: Parábola, 2019.

BARBOSA, Plínio. *As ciências da fala*. São Paulo: Parábola, 2022.

BARJARD, Élie. *Eles leem, mas não compreendem: onde está o equívoco?* São Paulo: Cortez, 2021.

CRISTÓFARO-SILVA, Taís. *Fonética e fonologia do português: roteiro e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2001.

CRYSTAL, David. *Prosodic systems and intonations in english*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

FERREIRA, Hugo Monteiro. *A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar*. Rio de Janeiro: Record, 2022.

JOHNS-LEWIS, Catherine (ed.). *Intonation in discourse*. London: Croom Helm, 1986. 302 p.

KENT, Ray Dennis; READ, Charles. *Análise acústica da fala*. São Paulo: Cortez, 2015.

KOMENO, Eliana Matiko et al. Velocidade de leitura e desempenho escolar na última série do ensino fundamental. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 32, n. 3, p. 437-447, jul./set. 2015. DOI: <<https://doi.org/10.1590/0103-166X2015000300009>>.

KUHL, Patricia. A new view of language acquisition. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America Journal*, v. 97, p. 11850-11857, nov. 2000. DOI: <<https://doi.org/10.1073/pnas.97.22.11850>>. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/12276676_A_New_View_of_Language_Acquisition>. Acesso em 20 jun. 2024

LACHERET, Anne. La compétence prosodique en français: de quoi parle-t-on? formes, fonctions, usages. *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris*, p. 91-116, 2012.

LEITE, Sérgio Almeida Silva; COLELLO, Sílvia Maria Gomes. *Alfabetização e letramento: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus, 2010.

SOARES, Magda Becker. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda Becker. *Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever*. São Paulo: Contexto, 2021.

ZORZI, Jaime Luiz. *Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Recebido em 15 de agosto de 2024

Aprovado em 20 de setembro de 2024